



**Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro**  
Centro de Tecnologia e Ciências  
Instituto de Geografia

**Nacácio Leocádio do Nascimento**

**A Qualidade Visual e os Cenários Construídos pela Geomorfologia na  
Paisagem: O caso da Lagoa Rodrigo de Freitas- Rio de Janeiro –RJ**

**Rio de Janeiro  
2009**

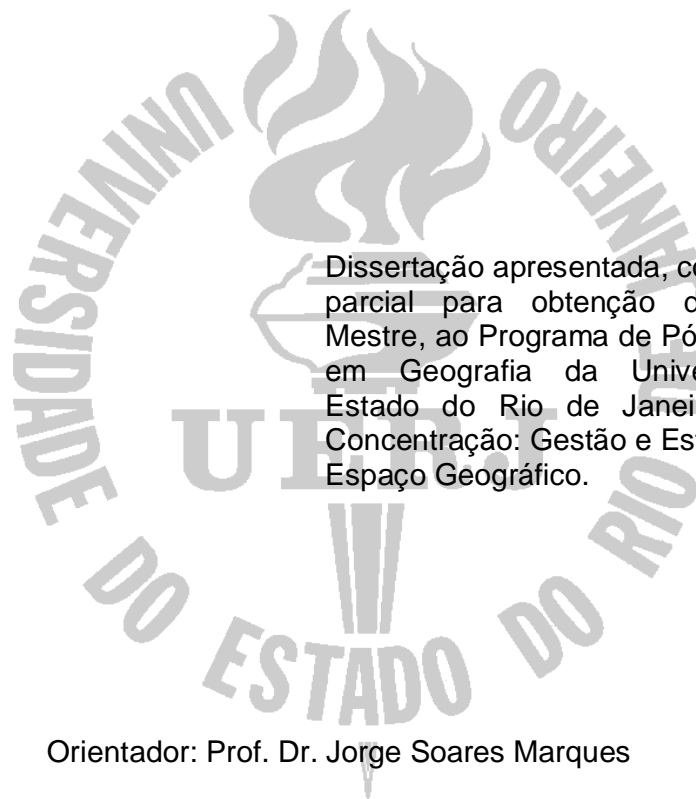
# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Nacácio Leocádio do Nascimento

**A Qualidade Visual e os Cenários Construídos pela Geomorfologia na Paisagem: O caso da Lagoa Rodrigo de Freitas- Rio de Janeiro –RJ**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Soares Marques

Rio de Janeiro  
2009

Nacácio Leocádio do Nascimento

**A Qualidade Visual e os Cenários Construídos pela Geomorfologia na Paisagem: O caso da Lagoa Rodrigo de Freitas- Rio de Janeiro –RJ**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Aprovado em \_\_\_\_\_

Banca Examinadora \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Jorge Soares Marques – Orientador  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Lílian Levin Medeiros Ferreira da Gama  
Universidade Gama Filho

---

Profa. Dra. Nadja Maria Castilho da Costa  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Vivian Castilho da Costa  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CTC/C

N244 Nascimento, Nacácio Leocádio do.  
A qualidade visual e os cenários construídos pela Geomorfologia na paisagem: o caso da Lagoa Rodrigo de Freitas - Rio de Janeiro-RJ / Nacácio Leocádio do Nascimento. – 2009.  
132 f.

Orientador : Jorge Soares Marques.  
Dissertação(mestrado)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.  
Bibliografia.

1. Geomorfologia – Rodrigo de Freitas, Lagoa(Rio de Janeiro, RJ) - Teses. 2. Paisagens – Rodrigo de Freitas, Lagoa(Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 3. Relevo – Rodrigo de Freitas, Lagoa(Rio de Janeiro, RJ) – Teses. I. Marques, Jorge Soares. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 551.4(815.3)

A minha avó Maria da Dores (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela minha família e a possibilidade de estudar e trabalhar, uma situação que na atualidade para muitos é de difícil conciliação.

À minha mãe Maria Nalva, pelo apoio e incentivo nos meus estudos. Agradeço por tudo que a senhora fez até agora. Só nós sabemos as dificuldades que passamos para concluir várias etapas da minha vida como mais esta.

Ao Profº Drº Jorge Marques pela compreensão, incentivo e contribuições para o desenvolvimento nesse trabalho. Por ele te apostado num tema de tão difícil compreensão. Obrigado pelas dicas, revisões e sugestões.

À doutoranda em biologia Rafaela Petra que colaborou no incentivo e na resolução de dúvidas dessa dissertação.

Aos amigos feitos no curso de mestrado, Meire, Leonardo, Eliane, Fernando, Rodrigo Perrachi e outros da turma de 2006. Finalmente depois de tanto trabalho estamos finalizando.

Ao amigo e sociólogo, Levy Lopes Furtado pela ajuda nos questionários e pelas dicas em campo.

Ao mestrando e amigo de mestrado, Rodrigo da Conceição pela ajuda na confecção dos mapas.

Ao designer Leandro Loureiro (Leleco) pela ajuda nas fotografias, elaboração das imagens e sugestões.

À Profª Drª Nadja Maria Castilho, pelo despertar da temática, pela contribuição durante na qualificação e sugestões nas aulas do curso de mestrado.

À Profª Drª Vivian Castilho da Costa, pela prontidão em aceitar integrar parte da banca deste trabalho.

À Profª Drª Lílian Levin, pela ajuda na qualificação e ao seu trabalho que em grande parte contribuiu para a finalização deste trabalho.

.

**Tudo posso, naquele que me fortalece.  
( II Carta de Pedro 2, vers.3)**



## RESUMO

Este trabalho é uma proposta de avaliação da qualidade visual de cenários onde se prioriza o relevo e a sua percepção por contempladores, utilizando metodologias pertinentes à temática, com adaptações. O objetivo é contribuir para melhor entender qual a participação e importância do relevo, com suas formas e características topográficas, na visualização de cenários. Foram utilizados cenários tomados como estratégicos para a observação da paisagem em duas posições nas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, localizada no bairro de mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. A lagoa é um local caracterizado por belos cenários construídos da junção das formas de relevo e do corpo aquático onde ocorre intensa frequência de pessoas que ali vão para contemplar a paisagem. A metodologia empregada utilizou o método direto que consiste em abordar os contempladores e obter deles avaliações quantitativas e qualitativas. Isso foi feito com questionários aplicados nos mirantes selecionados e no final da entrevista com a utilização de fotografias. A adaptação da metodologia se prendeu ao destaque dado ao relevo. Esses procedimentos buscaram caracterizar o cenário de maior apelo visual para estes contempladores, os elementos de singularidade, os motivos de atração e o elemento de maior valor. Teve como proposta apresentar diretrizes e alternativas para o suporte em estudos de qualidade visual em que se pretenda valorizar a Geomorfologia. Percebeu-se que existe uma valorização de áreas onde as formas de relevo se apresentam com maior destaque na paisagem e constroem cenários de extrema atratividade, podendo trazer vantagens econômicas para várias classes e grupos sociais. Além das formas do relevo e da topografia serem destacadas com grande ênfase durante a comparação com outros elementos, notou-se pelas entrevistas que existem diferenças em relação à percepção do cenário dependendo da faixa etária das pessoas, de seu grau de escolaridade e do motivo de atração para contemplação.

Palavras chaves: qualidade visual, relevo, Lagoa.

## ABSTRACT

This work is a suggestion for evaluation of the visual scenarios quality in which surface features of the region and its perception by watchers are prioritised by using pertinent methodology to the theme, with adjustments. The intent of the present work is promoting a better understanding of participation and relevance of the surface feature, with its shapes and topographic characteristics, while scenarios are visualized. Two points on the Rodrigo de Freitas Lagoon margins were considered as strategical scenarios for the observation of the landscape, which is part of de Lagoa District, in Rio de Janeiro/RJ (Brazil). This lagoon characteristics are the beautiful scenarios that the junction of surface features and aquatic body create and the intense frequency of people that walk and watch it. The methodology used on this survey was direct method, by approaching the watchers and asking for their quantitative and qualitative evaluation. They answered forms and, after the interview, appreciated photographs. The adaptation on methodological procedures were due to the relevance of surface features in this work, in order to the watchers being able to characterizing the best visual scenery, the singular elements, the reasons for being attracted and the most valuable element appreciated. The proposal of this work was presenting guidelines and alternatives to support studies on visual quality, prioritising Geomorphology. There could be noticed the great value of the areas where shapes of surface have more in the landscape and construct scenarios of extreme attractiveness, eventually bringing economical advantages for social classes and groups. There were different perception of the scenery, accordingly to the age range of watchers, as well their scholarity level and cause for the attraction for observation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### TABELAS

Tabela 1:Classificação dos atrativos turísticos.....	53
Tabela 2:A motivação do contemplador para o local segundo a escolaridade. ....	96

### FOTOS

Foto 1:Ciclovía ao longo da margem da Lagoa Rodrigo de Freitas.....	59
Foto 2:Quiosques localizados ao longo Parque dos patins.....	60
Foto 3: Arvore de Natal da Lagoa Rodrigo de Freitas. ....	61
Foto 4: Abrangência da vertente sul do Parque Nacional da Tijuca.....	64
Foto 5: Fotografia onde se visualiza um aterro promovido pela administração Carlos Sampaio .....	68
Foto 6: Morro da Macumba em dois momentos.....	70
Foto 7: Esquema da área aterrada (em cor de laranja) na denominada Lagoa Rodrigo de Freitas.....	71
Foto 8:Mirante no Parque Tom Jobim.....	72
Foto 9:Morro da Saudade (1) e Cantagalo(2).....	73
Foto 10:Placa de sinalização elaborada e fixada pela prefeitura .....	74
Foto 11: Draga utilizada pela Companhia Municipal de Limpeza ( COMLURB) .....	75
Foto 12:Píer no Parque do Cantagalo utilizado como mirante pelos freqüentadores.....	77
Foto 13: Cenário Tom Jobim.....	114
Foto 14:Cenário Cantagalo .....	115

### MAPAS

Mapa 1:Localização do município do RJ (Base IBGE, 2005).....	57
Mapa 2:Localização da Lagoa Rodrigo de Freitas na cidade do Rio de Janeiro (Base IPP, 2005) .....	58
Mapa 3 – Localização dos cenários Tom Jobim e Cantagalo na Lagoa Rodrigo de Freitas .....	83

## GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária dos contempladores dos cenários Tom Jobim e Cantagalo.....	91
Gráfico 2: Procedência dos contempladores dos cenários.....	92
Gráfico 3:Grau de escolaridade dos contempladores dos cenários.....	94
Gráfico 4: Comparação entre a motivação de atração em cada cenário na Lagoa Rodrigo Freitas, março de 2008.....	98
Gráfico 5:Elementos de maior destaque para os contempladores entre o cenário 1(Tom Jobim) e cenário 2( Cantagalo) em março 2008.....	103
Gráfico 6:Elementos de maior singularidade entre o cenário 1( Tom Jobim) e cenário 2(Cantagalo) em março de 2008. ....	105
Gráfico 7: Descrição dos contempladores sobre os cenários analisando por elementos componentes em pontos fortes e fracos, março de 2008. ....	108
Gráfico 8:Cenário com maior apelo visual segundo fotografias, março de 2008 .....	111
Gráfico 9:Cenário com maior apelo visual no Parque Tom Jobim, março de 2008. ....	111
Gráfico 10:Cenário com maior apelo visual no Parque Cantagalo, março de 2008.....	112

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1-OBJETIVOS.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1- Objetivo geral.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2- Objetivos específicos.....</b>	<b>18</b>
<b>2- BASE TEÓRICA CONCEITUAL.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 - Os conceitos de paisagem sob diferentes pontos de vista.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2– A percepção da paisagem.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 – A concepção de cenário.....</b>	<b>35</b>
<b>2.4-A definição de relevo e o seu estudo pela Geomorfologia.....</b>	<b>33</b>
<b>2.4.1– <u>A importância do relevo na construção de cenários e como palco para sua apreciação</u> .....</b>	<b>39</b>
<b>2.4.2 – <u>O relevo como palco da formação de um cenário da paisagem</u>.....</b>	<b>40</b>
<b>2.4.3 - <u>O relevo utilizado como recurso para valorização de cenários</u>.....</b>	<b>41</b>
<b>2.5 – O conceito de qualidade visual.....</b>	<b>43</b>
<b>2.6-- A utilização de fotografias como instrumentos de avaliação.....</b>	<b>47</b>
<b>2.7- O apelo visual como atrativo e a valorização de cenários paisagísticos.....</b>	<b>50</b>

<b>3 – ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>54</b>
<b>3. 1- A Localização e a extensão da Lagoa Rodrigo de Freitas.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 - Aspectos físicos.....</b>	<b>60</b>
3.2.1 - <u>Bacia Hidrográfica</u> .....	61
3.2.2 - <u>Geomorfologia</u> .....	62
<b>3.3 – Os aspectos históricos e o processo de ocupação .....</b>	<b>65</b>
<b>3.4- Cenário 1- Parque Tom Jobim .....</b>	<b>71</b>
<b>3.5- Cenário 2 – Parque Cantagalo_ .....</b>	<b>75</b>
<b>4- METODOLOGIA.....</b>	<b>78</b>
<b>4.1- Definição de método.....</b>	<b>78</b>
4.1.1.- <u>Elaboração e aplicação de questionário</u> .....	78
4.1.2.- <u>Procedimentos em campo</u> .....	82
<b>4.2 – Material e Método .....</b>	<b>86</b>
4.2.1.- Descrição geral dos cenários selecionados da Lagoa.....	86
<b>5– ANÁLISE DE RESULTADOS .....</b>	<b>88</b>
<b>5.1- Avaliação dos contempladores.....</b>	<b>88</b>
5.1.1- <u>Faixa etária</u> .....	89
5.1.2- <u>Procedência</u> .....	90

5.1.3- <u>Grau de Escolaridade</u> .....	91
5.1.4- <u>Caracterização dos cenários pelos contempladores</u> .....	93
5.1.5- <u>A motivação do contemplador para freqüentar o local</u> .....	94
5.1.6- <u>Relato dos elementos de singularidade entre os contempladores</u> .....	98
5.1.7- <u>Elemento de maior singularidade e detratores no cenário</u> .....	102
5.1.8- <u>Descrições dos contempladores sobre o cenário</u> .....	105
<b>5.2- Cenário com maior apelo visual.....</b>	<b>108</b>
<b>6- CONCLUSÕES.....</b>	<b>115</b>
<b>7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO</b>	

## INTRODUÇÃO

No início do século XXI, a atribuição de valores às paisagens começou a gerar discussões em relação aos cenários de extrema atratividade para o público, principalmente nos setores voltados para o planejamento territorial e turismo. Apontou-se, também, a necessidade de se perceber, identificar e denotar valores de qualidade aos elementos presentes na paisagem. Com isso, essas paisagens valorizam-se como cenários gerando especulações imobiliárias e econômicas.

É interessante procurar explicações para essa valorização ou desvalorização de cenários. No turismo, por exemplo, há uma necessidade constante da observação de paisagens e a procura de cenários que possam ser intensamente explorados no sentido visual.

A importância do relevo é citada em estudos sobre a paisagem, porém, não se aprofundam nessa contribuição, principalmente na área da qualidade visual. Os trabalhos sobre esta participação ainda são por demais escassos. Em função disso, são abertas perspectivas para a busca de avaliações da qualidade visual e dos seus indicadores tendo como objetivo perceber a importância que o relevo possui na construção de cenários.

Nessa direção, a Lagoa Rodrigo de Freitas localizada, no bairro de mesmo nome, na zona sul da cidade Rio de Janeiro – RJ foi tomada como área de estudo. A partir do começo do século XX, ela recebeu grandes investimentos tendo uma forte ocupação urbana promovida pelo mercado imobiliário crescente que se expandiu na zona sul carioca. Seu entorno possui uma reduzida rede de drenagem. É um dos bairros residenciais mais valorizadas do município do Rio de Janeiro devido à beleza cênica. As peculiaridades e o valor de sua paisagem que integram diversos elementos naturais e antrópicos permitem e facilitam utilizá-la como um modelo, para avaliação cênica de seus componentes.

O resgate ou a busca da importância do relevo com suas formas e suas características topográficas, na visualização de cenários, apresentam-se como propostas que podem contribuir para futuros estudos na temática ambiental.



O estudo das paisagens e do relevo, no passado, se caracterizava de forma geral por uma abordagem descritiva e morfológica, sendo utilizado por naturalistas que trabalhavam com este objetivo. Ocorreram mudanças nessa perspectiva, com adoção também de outros modos de compreender a paisagem e a participação que as formas de relevo possam ter na construção de cenários.

A partir das últimas décadas do século XX, houve uma tendência maior para descrições dos aspectos dos elementos físicos (destacando-se as formas topográficas) de uma paisagem no contexto da participação desses elementos para a construção de cenários que possuam uma beleza natural destacável.

As formas de relevo têm sido utilizadas de diversas maneiras, cada uma tendo um papel específico em cada sociedade, em algumas elas são utilizadas como o suporte para obtenção de recursos e em outras se apresentam com motivos religiosos (GASPAR et al, 2002).

. Na sociedade moderna, o relevo é por primazia, o local onde ocorre a fixação da sociedade e que, com atuação antrópica, têm as suas formas e características topográficas intensamente alteradas. No passado, a observação do relevo de certo local da superfície terrestre e as suas contribuições para as necessidades humanas foram objetivos, também importantes, das sociedades primitivas, pois isso era um passo fundamental para a fixação ou obtenção de recursos nessas sociedades (SMALL e NICHOLLS, 2003).

A primeira vista, as grandes paisagens topográficas parecem imutáveis na escala temporal de milhares de anos. Mas na escala local e pontual apresentam modificações sensíveis no transcurso de alguns poucos anos ou décadas. O relevo e as águas superficiais são elementos que se integram ao clima, vegetação e solos, na organização dos sistemas ambientais físicos (BAILEY,1996). As formas de relevo também explicitam os condicionantes da litologia, os resultados dos processos endógenos e exógenos e sua evolução.

Nos últimos anos, o aprofundamento dos estudos em várias áreas de pesquisa tem resgatado o relevo, como uma linha de suporte para o desenvolvimento e a construção de novas teorias que possam resolver certos problemas causados ou não pela interferência antrópica. Entre os novos estudos tem surgido ampla discussão quanto à contribuição essencial que a observação do relevo tem na composição de cenários e paisagens e também,

como ela pode contribuir para o desenvolvimento de novas metodologias que valorizem a beleza natural, ou para a finalização de cenários de observação na paisagem em locais de contemplação, ou como descanso de uma jornada estafante.

Nos ambientes urbanos em que a busca por padrões não antrópicos se torna constante, também a valorização cênica se faz presente em certos pontos como parques e jardins, que são passíveis de se tornarem locais de contemplação e visualização do resquício da beleza natural que ainda possa existir e do relevo nele perceptível. Com isso, o planejamento urbano, que nos últimos anos se tornou obrigatório para a administração das grandes cidades, pode utilizar a perspectiva da qualidade visual (WASCHER, 1999).

A valorização do cênico e da beleza natural que possam existir com o relevo ainda é pouco referenciada e aplicada nos ambientes urbanos. Nele os estudos do visual e dos indicadores de beleza cênica e qualidade visual são voltados para o sentido paisagístico e para artificialidade (OLIVEIRA, 1977).

A apropriação do relevo e da sua topografia com seu visual que recortam uma cidade e o resquício da beleza natural ainda conservada podem melhorar em muito a qualidade de vida dos moradores e visitantes das grandes cidades. Santos (1997, p.64) define a paisagem artificial, ou paisagem urbana “como aquela transformada pelo homem, enquanto a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano”. O próprio autor nos revela que esta última praticamente não existe mais. A paisagem urbana é nada mais que a expressão máxima da paisagem artificial. Existe o grande predomínio de elementos antrópicos que podem interferir no aspecto visual.

Assim pode-se aproveitar o que já existe no local e apontar através dos indicadores de qualidade visual os melhores pontos e locais para mirantes onde ocorria a valorização de paisagens com cenários.

A aplicabilidade de estudos de qualidade visual é variada dependendo do objetivo que possa ter o trabalho a ser elaborado. Deve-se pensar em ter um resgate da Geomorfologia como conhecimento fundamental e essencial para a avaliação do relevo na paisagem e como sua participação na análise espacial desta contribuição é importante para a construção de cenários que poderão ser vistos em alguns casos como mirantes de observação. Nos

mirantes existentes a amplitude do horizonte e a diversidade dos níveis topográfica estão sempre presentes e são aspectos que destacam o relevo.

O desenvolvimento deste trabalho compreendeu a elaboração de distintos capítulos.

O primeiro versa, a partir de um resgate teórico sobre: os diferentes conceitos de paisagem e a sua percepção, as diversas definições de cenário, a integração do relevo com a paisagem, a definição do conceito de qualidade visual e o uso de fotografias como instrumento de análise em vários campos. Este levantamento e revisão bibliográfica remetem a necessidade de aprofundamento do tema, principalmente na Geografia. Buscou também verificar se os estudos de casos e testes experimentais ainda são muitos incipientes, principalmente, ao se considerar as formas de relevo como contribuintes essenciais na valorização de cenários.

O segundo capítulo caracteriza a área de estudo, sendo elaborado um resgate histórico da ocupação e das alterações promovidas, além de elencar as características físicas da Lagoa Rodrigo de Freitas. Destacam-se, principalmente, as alterações no corpo d'água nos últimos 100 anos e a valorização das áreas do entorno de suas margens no sentido imobiliário e reflexos disso, nas condições sócio-econômicas e culturais da população residente.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia empregada, com as adaptações que se fizeram necessárias, assim como os materiais e métodos utilizados no decorrer da pesquisa. Este capítulo visa a descortinar o caminho percorrido e a facilitar a compreensão acerca dos trabalhos desenvolvidos, desde a pesquisa bibliográfica, campo e gabinete, como a estruturação da base dos dados obtidos através de questionários aplicados.

O quarto capítulo constitui na apresentação dos resultados, a análise e a discussão de seus conteúdos.

O quinto e último capítulo apresenta as conclusões e relativas recomendações sobre o trabalho.

Propor os estudos das formas de relevo e sua participação na construção de cenários pode então ser importante para entender como a sociedade constrói, verifica e valoriza esta contribuição.

## **1- OBJETIVOS**

O relevo observado por um especialista ou por um leigo está sempre integrado numa paisagem que agrega vários componentes como elementos naturais e culturais. Tem um valor concreto na dinâmica ambiental e tem também um papel, mais abstrato, como componente atrativo e valorizado na atribuição, pelas pessoas, de qualidade para os cenários.

A definição dos objetivos desta pesquisa atende a uma abordagem que se dispõe a procurar, reconhecer e entender o valor que é atribuído ao relevo, quando da valorização visual de uma paisagem, sendo um conceito abstrato. Decorre disto, portanto como hipótese primordial, que os contempladores de paisagem reconhecem que o relevo tem participação destacada na sua construção e na sua valoração.

### **1.1-Objetivo geral**

A proposta do trabalho é contribuir para melhor entender a participação do relevo e das características das formas topográficas quando da visualização de cenários na paisagem e como a sociedade constrói e verifica esta participação. Busca, assim, colaborar para o desenvolvimento de avaliações da qualidade visual da paisagem, gestão do território, colocando mais um aspecto o relevo como importante para os estudos ambientais.

### **1.2- Objetivos específicos**

- Buscar metodologias que possam ser aplicadas para avaliação da qualidade visual da paisagem;
- Tomar a Lagoa Rodrigo de Freitas como área de estudo experimental e nela escolher cenários a serem trabalhados, junto aos seus freqüentadores, para avaliação visual da paisagem;
- Investigar e avaliar nos locais escolhidos para observação, quais dos cenários, na percepção dos freqüentadores, causam maior apelo visual e os motivos de sua atração, descrevendo e avaliando suas singularidades. Verificando se, na visão dos freqüentadores do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, os cenários na paisagem com maiores

apelos visuais para apreciação e fotografias, são aqueles em que a presença do relevo se destaca.

## 2-BASE TEÓRICO CONCEITUAL

A revisão bibliográfica foi feita considerando os aspectos essenciais que abordam conceitos necessários para a pesquisa sobre a importância do relevo e das metodologias que colocam à verificação e à aplicação da qualidade visual da paisagem. Foi também necessário um maior aprofundamento sobre as metodologias utilizadas na elaboração de pesquisas em qualidade visual e os seus indicadores. Há escassez de trabalhos sobre esse tema e a revisão teve como base os trabalhos de Smardon (1980), Ceotma (1984), Pires (1993, 1996 e 2005), Gama (2004).

A primeira premissa do trabalho foi a busca de metodologias que orientassem pesquisas versando sobre o tema da qualidade visual da paisagem, seus indicadores e a participação do relevo como elemento de sua valoração. Na bibliografia consultada verificou-se que não existia uma metodologia própria para alcançar todos os objetivos preconizados neste trabalho. Em função disto, optou-se por selecionar, como ponto de partida, os trabalhos que abordassem com mais propriedade o conceito de qualidade visual da paisagem e, a partir deles, utilizar e adaptar métodos buscando produzir um indicador ou instrumentos para investigar o valor atribuído ao relevo em sua participação visual na paisagem.

Os trabalhos selecionados foram os de Pires (1993, 1996, 1997 e 2005) e Gama (2004). Os dois autores fizeram trabalhos que substancialmente contribuem para a melhor compreensão do tema e descreveram metodologias e instrumentos que apontavam formas de compreensão e quantificação da qualidade visual. Pires (1993, 1996, 1997 e 2005) trabalhou mais diretamente com o uso de indicadores e a utilização de métodos de análise da qualidade visual. Já Gama (2004) priorizou a busca de instrumentos visuais que pudessem facilitar a obtenção desses indicadores. Para suprir os objetivos deste trabalho, foi necessário pensar então na adequação e uma adaptação das duas metodologias, utilizando-se instrumentos de pesquisa dos autores que facilitavam a obtenção de dados e atendiam, mesmo que parcialmente, a verificação da hipótese de que o relevo tem grande importância na visualização da paisagem.

Assim, para orientar a busca de indicadores da qualidade visual da paisagem a pesquisa foi fundamentada nos trabalhos de Pires (1993, 1996, 1997 e 2005) que apontaram como necessidade básica a obtenção de dados quantitativos e qualitativos. Ele aplicou questionários aos freqüentadores de áreas turísticas e praias do Estado do Paraná e subdividiu os dados através do uso de indicadores de qualidade visual. Sugeriu diversos procedimentos de análise da paisagem, descrevendo o alto grau de subjetividade que ocorre na aplicação desses métodos. Colocou, ainda, que cabe ao pesquisador adaptar o método a sua realidade, relatando que assim procedeu fazendo um resgate dos métodos e procedimentos preconizados por Lynch (1982) e Ceotma (1984).

Gama (2004) adotou um método a partir da percepção, de usuários pré-selecionados, de uma determinada área que visualizaram ao longo de um trajeto, com a utilização de trechos estabelecidos usando recursos visuais (vídeos e fotos), ou seja, buscou a observação em campo para valoração da qualidade visual. Utilizou, conforme descreveu, um método de subjetividade controlada de Ceotma (1984) e Bernáldez (1981), para a valoração de adjetivos, e trabalhou os dados através de análises estatísticas. Esse método é também uma busca de instrumentos facilitadores da obtenção da valoração da paisagem.

Todas as metodologias apontavam a necessidade de questionários. Com base nisso, elaborou-se um questionário que abordasse um método sobre a ótica da realidade a ser pesquisada (ANEXO 1). Para esse fim, foi utilizado o indicador singularidade, sendo definido como a existência de ocorrências naturais (feições geomorfológicas, elementos vegetais, espécies de animais, sítios paleontológicos), onde o relevo se categoriza como elemento natural constituinte da paisagem (PIRES, 1997 e 2005). O indicador singularidade tem sido levantado e verificado através de dados subjetivos obtidos em inquéritos ou entrevistas realizadas com os freqüentadores da área pesquisada.

Pires (1993, 1996, 1997 e 2005) apresentou três métodos (direto, indireto e misto) para obtenção dos indicadores de qualidade visual. Para este trabalho foi selecionado o método misto, realizado a partir da contemplação da paisagem, seja no campo, ou através de substitutivos. O agente de valoração é o público em geral ou grupos representativos. Este método é de difícil

compreensão e com grande subjetividade, devido a alta interferência da percepção humana e da inter-relação entre os elementos antrópicos e naturais. O questionário foi adaptado a partir da percepção da realidade pelo pesquisador e pela busca por indicadores.

A revisão foi dividida na apresentação dos conceitos de paisagem em várias abordagens, com destaque para autores de cunho geográfico. Posteriormente foram apresentadas as diversas percepções sobre a paisagem entre diversos autores, seguindo a colocação de Macedo (1994) que destaca que as ciências abordam várias interpretações que existem sobre o conceito de paisagem e as sensações que os seres humanos têm ao visualizá-la.

Verificou-se que cenário e paisagem possuem interpretações diferenciadas, dependendo do objetivo e da necessidade da pesquisa. O uso da palavra cenário, por exemplo, dentro do âmbito geográfico, também é pouco aprofundado sendo relegado a um segundo plano. Já o conceito de paisagem, comungando a percepção da paisagem possui uma maior valorização e quantidade de referências e estudos. Ocorre uma ausência grave da definição de cenários dentro do âmbito geográfico, sendo que em outros campos de pesquisa isso já se insere em ampla discussão.

A definição do relevo se faz necessária já que é o elemento que traduz a contribuição e aplicabilidade que pretende ser dada pelo presente estudo. O relevo que faz parte do cenário é percebido, podendo não estar sendo diretamente visualizado sendo coberto por vegetação e em certos locais sendo destacado de forma didática com placas ou sinalizações, mas se apresenta como elemento essencial na paisagem de qualquer parte do planeta (OCAÑA, 2004). Apresenta-se como um dos elementos do ambiente que constrói a paisagem e é parte inseparável dos cenários construídos a partir dessa integração. No mundo inteiro existem paisagens que se apresentam valorizadas pela presença de formas topográficas (BOULLON, 2002). Nas áreas próximas às superfícies líquidas, como na zona costeira, observa-se um contraste entre o nível plano da água e do relevo, criando perspectivas de observações peculiares e valorizadas nesses locais, ampliando-se também o alcance da visão para horizontes mais distantes.

O apelo do relevo pode ser traduzido então como essencial para o desenvolvimento das pesquisas que utilizam paisagem e os cenários por eles



construídos e a percepção que os seres humanos possuem sobre esta integração.

A escolha da qualidade visual se deve a escassez de trabalhos que apontem metodologias que possam quantificar e qualificar a paisagem. A subdivisão em cenários da paisagem se faz necessária porque em todas as pesquisas sobre a qualidade visual ocorre a apresentação de locais de apreciação preferidos entre os vários freqüentadores (PIRES, 2005), que se constituem em mirantes de observação onde são vistos os ditos cenários. Cabem então mais estudos de como a qualidade visual poderia contribuir para os estudos geográficos em função de sua valorização quando da observação da paisagem. Nos estudos da temática do turismo, as metodologias de qualidade visual têm sido amplamente apresentadas em vários meios leigos e em publicações científicas. Em todas se conceituam as várias formas da apresentação da paisagem e a existência de cenários, sendo esses cenários obtidos pela percepção humana através do uso de mirantes para a sua contemplação. Mas nenhuma das quase cem pesquisas verificadas, durante a revisão bibliográfica, aprofunda-se sobre a percepção de que as formas de relevo possuem um valor positivo na qualidade visual como uma contribuição bastante importante.

Verificou-se durante o aprofundamento da revisão que a maioria das metodologias utilizadas em estudos de qualidade visual são subjetivas e de difícil análise.

Cada metodologia com seus erros ou acertos, também indica a necessidade do uso da representação pictórica ou fotográfica, para a qualificação da paisagem. Dentre todos os âmbitos, a qualidade visual é a única dentre as metodologias verificadas que pode contribuir melhor dando bases para apontar as formas topográficas (relevo), como indicadores essenciais para a verificação da atratividade e do apelo visual de cada local e, por conseguinte, como possíveis indicadores de qualidade visual de determinadas áreas da superfície terrestre.

Raros ainda são trabalhos que abordam o relevo entre esses indicadores e elementos que possam ser citados como de extrema singularidade, segundo as metodologias de qualidade visual, e em alguns casos eles nem são considerados. Descreve-se a necessidade da busca de

trabalhos em outros campos além daqueles que utilizam o visual como ponto de partida para o desenvolvimento de pesquisa.

## **2.1- Os conceitos de paisagem sob diferentes pontos de vista.**

Sem entrar nas discussões sobre a etimologia do conceito buscou-se abordagens de autores de diferentes correntes, mas com conectividade e complementaridade, mantendo o enfoque na construção da paisagem.

O conceito de paisagem no âmbito geográfico nasce junto com a Geografia Física de Alexander von Humboldt, que a define como: “o caráter total de uma área geográfica”. Com isso, se tenta reconhecer as inter-relações dos componentes da paisagem, com a preocupação de observar as características físicas, no entanto, sem negligenciar os aspectos humanos. O pesquisador então deve apreciar a paisagem observando-a no sentido das características estéticas de uma área (GAMA, 2004, p.19).

A Geografia começa a descrever a paisagem também no momento em que ela própria começa a ser acreditada como ciência. Sendo a paisagem um conceito que compõe a abordagem geográfica, seu significado tem variado ao longo do tempo e do espaço, e foi somente a partir do século XIX que seu conceito foi capaz de assumir uma unidade e identidade na ciência geográfica. Em outros tempos, seu conceito ficou relegado a um segundo plano, perdendo posição para outras categorias de análise como: região, território e lugar (BLEY, 1990).

No início do século XX, o conceito de paisagem foi abordado de forma isolada, escapando de qualquer tipo de sistematização. Segundo Bley (1990 p. 123), o homem seria como hóspede de vários pontos da superfície terrestre, sendo que ele se adaptou em cada ponto, criando um conjunto de técnicas e gêneros de vida em cada um desses pontos. A diversidade de meios da paisagem começou a fazer confundir seu significado com o de áreas determinadas por grupos humanos. Assim, segundo Corrêa (1998), nessa concepção, o próprio conceito de paisagem se confundiu com outro termo muito utilizado na ciência geográfica: a região.

Os geógrafos têm proposto várias concepções para o termo paisagem. Em 1939, Hartshorn (1990 apud BLEY, p.125), consagrou um capítulo inteiro

de seu trabalho *Nature of Geography* a uma análise comparativa do significado de vocábulos do alemão *landschaft*, do inglês *landscape* e do francês *paysage*. Segundo o geógrafo, havia, na sua época de estudo, total falta de clareza quanto ao significado destes vocábulos, mesmo se levada em conta sua importância nos textos geográficos.

No mesmo ano, Carl Troll, geógrafo alemão, alerta aos pesquisadores sobre o termo enfatizando um consenso, para a produção de uma Ecociência como unificadora dos princípios da vida na terra. A paisagem então segundo Troll (1971) foi definida com uma “entidade no sentido espacial e visual”.

Todavia Rougerie (1971, p.7) estabeleceu uma relação mais íntima entre paisagem e Geografia, quando definiu a Geografia como o “estudo das paisagens”.

Outro grande geógrafo francês, George (1973, apud BLEY p.129), apontou que as relações entre Geografia e paisagem são bem atenuadas, quando afirma que a paisagem é o “objeto essencial da curiosidade e dos estudos geográficos”.

Já Zonneveld (1979), definiu a paisagem “como uma parte do espaço, na superfície terrestre, abrangendo um complexo de sistemas caracterizados pela atividade geológica”. Nesta definição, a Geologia é colocada como suporte para todas as outras atividades.

Segundo a definição de Bernáldez (1981, p.45), a paisagem é como “uma cena visível de todo um sistema interativo com vários componentes que explicam o funcionamento, permanecendo ocultos”. Estes componentes seriam a própria paisagem que se complementa com elementos de difícil observação (GAMA, 2004).

A relação sensorial do homem com a paisagem não é só visual, mas possui um ponto de partida para uma construção mental. Font (1992) argumenta que há uma relação global onde a paisagem, além de algo visível, é constituída de ruídos, sons, odores, temperaturas e outras impressões sensoriais repletas de conteúdo espacial e temporal. Contudo, a visão assume um papel predominante na percepção humana da paisagem.

A paisagem no conceito estético pode ser afirmada pelas definições de Burle Marx (1987, p.55), que a considera junto com a arquitetura e o urbanismo, onde a intromissão do homem se faz necessária. A paisagem no

conceito estético é intuitiva, de uma forma subjetiva depende do gosto de cada pessoa (GAMA, 2004; p.25).

Já na perspectiva ecológica, Canteras (1992) afirma que a paisagem pode ser usada como recurso. Nesta perspectiva, a paisagem se concentra não somente nas dimensões biológicas e físicas de um ambiente, mas também nos aspectos históricos, culturais, sócio-econômicos do ser humano, que se encontram nos diferentes usos de solo. Assim, como afirma NAVEH *et all* (1994, p. 34): “na paisagem, o homem não representa apenas um fator de perturbação externa aos ecossistemas naturais, mas sim um componente interativo e evolucionário”.

A paisagem fornece informações de caráter específico, como a relação tridimensional entre os seus elementos componentes naturais e os elementos da paisagem antrópica, entre os espaços edificados e os espaços livres de edificação humanas (MACEDO, 1994). A paisagem é um retrato do presente, de tudo que está relacionado a ele, é um testemunho do passado e nos permite pensar no futuro, já que nela pode-se antever ameaças e potencialidades, por isso também pode-se dizer que é importante a incorporação de sua análise para o planejamento territorial.

Macedo define a paisagem como:

a expressão morfológica de um determinado tempo, do processo constante de ação dos seres vivos sobre os diversos pontos do planeta associado ao movimento contínuo das diferentes estruturas geológicas e águas (Macedo 1994, p.54).

A paisagem enquanto “expressão morfológica” como define o autor *op.cit*, está associada à dimensão visual, sendo percebida e codificada pelo ser, como uma realidade palpável e concreta. É a materialização de um instante da sociedade definida por um determinado momento no tempo, simploriamente podendo ser representada por uma fotografia ou imagem pictórica.

O termo paisagem tem recebido várias definições acadêmicas, cada uma apontando um significado que engloba certa relação com o estrato geográfico. A partir disso, este trabalho abordou uma visão do conceito em que

se faz necessário, como ponto de partida, para o seu pleno entendimento verificar a visão de vários autores e escolas. Deve-se ressaltar que não existe uma definição que seja plenamente aceita. Existiram várias ao longo do desenvolvimento do conhecimento científico, como afirma Pollete ao descrever que:

Ao longo da história da humanidade, a paisagem se tornou uma entidade complexa para ser analisada, pois ela ultrapassa a simples questão de ser ligada à percepção ou sentimento, ou ainda as concepções estéticas, culturais e ecológicas e até mesmo políticas. Cada um utiliza um tipo de percepção do seu meio para definir este conceito, sendo isto verificado posteriormente na abordagem sobre a percepção da paisagem (Pollete 1999, p. 54).

Uma paisagem possui um papel importante, pois ela é o grande indicador do ambiente e nelas mudanças físicas podem ser percebidas pelo homem. Assim a paisagem oferece pistas materiais que permitem perceber seu caráter histórico. São esses “traços fósseis”, que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem (MENEZES, 2002; p.36).

Conceitualmente, o termo paisagem também é destacado em três enfoques distintos segundo Gama (2004 p.19).

- A paisagem como efeito estético em que ocorre a combinação harmoniosa entre cores e formas num território, junto com a representação artística.
- “A paisagem na sua dimensão geográfica e ecológica”
- A paisagem nas suas expressões culturais e humanas.

Ao se discutir o termo paisagem temos também a apropriação das suas características visuais e fazendo dela o seu parâmetro como proposto por OCAÑA (2004, p.15) que trabalha com termo e a sua relação com a valorização das potencialidades turísticas no espaço natural, não implicando em sua metodologia uma concepção de paisagem decididamente formal e perceptiva.

## 2.2 – A percepção da paisagem

Nesta linha de desenvolvimento inicia-se abordando qual, ou quais, linhas de pesquisas, pensamentos e correntes na Geografia, buscam explicar ou interpretar o sentimento e a compreensão das pessoas sobre os espaços e lugares e sua percepção sobre a paisagem.

A Geografia tem sua renovação no sentido da percepção da paisagem esboçada entre o final e início das décadas de 60 e 70, e que se sedimentou ao longo dos anos 80, no contexto em que se desenvolveram os estudos perceptivos ou, em um nível mais amplo ainda, humanísticos na Geografia.

Nessa perspectiva, Oliveira (1977, p.63 e 69), já comentara que a teoria de Piaget “é uma explicação cognitiva em que a percepção é encarada como parte integrante da vida do sujeito em que os aspectos perceptivos estão intimamente ligados aos cognitivos para “a construção do espaço”. Ou seja, o observador em contato direto com o objeto, constrói seu espaço perceptivo através da experiência e do amadurecimento

Nessa construção, o contemplador ou perceptor, segundo a autora *op. cit* , defronta se com as variáveis espaço e tempo, o que o envolve tendo extensão e duração. A realidade desse meio é restituída ao interpretar e atribuir significados aos objetos percebidos, como cita Oliveira (1977, p.61) que “o conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo como representativo”. Isto porque a interação, através da percepção com o meio, não se dá apenas com o sentido da visão, sendo clara a diferença entre o ver e o perceber.

Esses estudos seguem uma corrente que segundo Amorim (1987) sugere que como Geografia da Percepção, outros como Geografia Comportamental, cognitiva e ainda interpretativa. Pressupõem que as pessoas se comportam no mundo real não a partir de um conhecimento objetivo desse mundo, mas com base nas imagens subjetivas dele. “Representa essa corrente uma interseção entre o geográfico, o psicológico e o sociológico” (AMORIM, 1987, p.13).

Os estudos da percepção se contrapõem à visão determinista, face sua análise sistêmica dos componentes interligados, homem – natureza – cultura, tendo como suporte teórico e filosófico os “valores e representações mentais

da humanidade sejam do ponto de vista do indivíduo, seja do ponto de vista dos grupos sociais” (AMORIM, 1987, p.13).

Relacionando a paisagem à percepção, pode-se considerar a percepção da paisagem definindo a partir do ponto de vista de onde ela começa a ser observada, envolvendo a experiência de vida do observador e a bagagem que ele traz durante sua vida (CANTERAS, 1992).

Pode-se acrescentar ainda que, para se conhecer um lugar a partir da leitura de sua paisagem, devemos considerar toda a bagagem que o ser humano traz no seu mundo vivido. La Blache afirmava que, face às interferências do homem na paisagem, através dela se poderia conhecer a História de um povo (GERARDI, 2002). É importante considerar as relações e as múltiplas interações entre os elementos sócio-culturais, pois resultam de um processo histórico na formação das sociedades humanas, de sua cultura, de suas emoções e, também, de elementos físicos, biológicos que resultam da dinâmica natural da terra.

Em várias obras, acadêmicas ou não, é comum serem encontradas referências ao homem como *ser simbólico*, e que sua relação com o mundo vivenciado – trabalho, lazer – é cercada de significados e mitos, advindos de seus valores próprios ou recebidos no convívio social (PIRES, 1996). São os condicionantes que interferem na forma de apreensão da realidade, do espaço que o cerca, ou seja, do cenário. Este termo utilizado como sendo paisagem em seu dinamismo e caracterizada posteriormente.

Assim, deve-se compreender a relatividade do real (ou realidade), a subjetividade inerente ao mecanismo da percepção, e entender as possibilidades e conseqüências nessas relações entre o observador e o tema observado e/ou vivido.

Tuan (1983) e Oliveira (2002) são referenciais quando se trata da percepção:

As atitudes e os valores sempre vão atribuir importância aos estudos quantitativos, às mensurações, ao uso dos computadores, ao mapeamento digital. Mas devem ser acrescentados aos estudos qualificativos, as atenções às respostas individuais e grupais das pessoas, os levantamentos para se conhecer a percepção e a cognição de moradores e usuários de lugares. Talvez o mais relevante é considerar a afetividade humana para com a natureza e a sociedade; considerar a ética, os direitos naturais e humanos e quiçá aceitar as diversidades geográficas, que no

fundo é que dão cores, odores, sabores e maciez ou aspereza a toda a nossa paisagem (Oliveira, L. 2002, p. 195).

Font (1992) entende que a relação sensorial do homem com a paisagem não é apenas visual, é global. O autor ainda aponta que a percepção da paisagem é um campo de estudo amplo, multidisciplinar e complexo. Principalmente em vários setores que utilizam o planejamento territorial ou urbano. A compreensão da percepção da paisagem se torna de grande importância para o setor turístico, pois a paisagem se destaca como um dos principais fatores de atração para as pessoas.

A percepção é algo muito mais complexo do que o simples mecanismo de captação visual do mundo a nossa volta. Ao antecipar esta idéia elementar sobre a percepção Font (1992, p.46) reportando-se a Punter (1982), acresce que em todo processo de percepção como ato individual das pessoas entram em jogo, no mínimo, três fases estreitamente inter-relacionadas, ainda que claramente diferenciáveis. São elas:

- a **experiência sensorial** relacionada com o papel dos nossos sentidos na captação do entorno;
- a **cognição** que compreende todo o conjunto de processos através dos quais estruturamos a informação recebida por nossos sensores;
- a **avaliação ou preferência** relacionada com as nossas atitudes e preferências em relação com o aprendido e estruturado previamente.

A percepção assim colocada como um ato individual não se dá por completo antes de receber, no plano coletivo, uma forte influência cultural. A esse respeito Font (1992 p.47) afirma que cada cultura cria seus próprios arquétipos paisagísticos, seus símbolos, e suas interpretações peculiares diante da paisagem e de seus elementos significativos. Por sua vez, dentro dessa mesma cultura haverá diversas leituras da paisagem em função dos diferentes grupos sociais nela existentes, como citou GAMA (2004, p.26) já referenciado.

A percepção individual da paisagem culturalmente contextualizada é, sobretudo, um ato criativo que está condicionado a três fatores básicos que são



as características fisiológicas do ser humano, o seu caráter e personalidade e as suas influências sociais e culturais, fazendo com que uma mesma cena observada por várias pessoas possa produzir diferentes paisagens em cada uma delas. (JORDANA, 1992).

Para Font (1992, p.47) esses conjuntos de fatores constituem um “filtro perceptivo” que adquire um papel decisivo na formação de imagens do meio real, imagens estas que influenciam diretamente na nossa avaliação da paisagem. Tomando o aspecto visual como o fator mais relevante entre as dimensões sensoriais que a paisagem proporciona, a **percepção visual** pode ser definida como um processo pelo qual o organismo se informa dos objetos e das transformações que se manifestam ao seu redor (FONT, 1992).

Embora seja através da visão que o homem capta grande parte das impressões proporcionadas pela paisagem, há que se distinguir entre visão e percepção que segundo MACHADO diz:

A visão psicologicamente é considerada uma sensação ao passo que a percepção é definida como o significado que atribuímos às informações recebidas pelos nossos sentidos, na forma de sensações; e complementa a sensação necessita de órgãos sensoriais (visão) para receber os estímulos externos e captar sinais específicos, (...) Porém a percepção é trabalhada de maneira mais profunda a nível de significados. (Machado 1988, p.45).

Por outro lado, visto que a relação sensorial do homem com a paisagem não é só visual, há uma relação global onde a paisagem, além de algo visível, é constituída de ruídos, sons, odores, temperaturas e outras impressões sensoriais repletas de conteúdo espacial e temporal. No entanto, a visão assume um papel predominante na percepção humana da paisagem. (FONT, 1992, p.46.)

Isso equivale afirmar que dentre as formas de percepção da paisagem, a percepção visual é aquela que proporciona interpretação e avaliação mais objetivas, pois possibilita a tipificação da paisagem tanto pelos seus componentes biofísicos, como pelos seus elementos visuais. (BOMBIN, 1987).

A definição de Canteras (1992) descreve a paisagem “como uma realidade que o homem configura na mente, utilizando a percepção do meio, até o momento em que o meio não é paisagem, e quando o homem a

percebe”. Nesta definição, a paisagem é uma construção mental do homem que ao final vê a si próprio dentro dela como dentro da sua própria construção.

Segundo Pires (1993) reportando-se a Font (1992), sugere que a percepção da paisagem pode ocorrer a partir dos estímulos recebidos do meio. Essa forma é um ato criativo, que pode estar condicionado:

- Fatores inerentes ao próprio indivíduo, ou seja, a forma de ser, a capacidade imaginativa, mecanismo de associação e etc.
- Fatores educativos e culturais expressos pela sociedade que são condicionantes da sensibilidade e das atitudes do observador.
- Fatores emotivos, afetivos e sensitivos, derivados das relações do observador com o ambiente.

Para Santos (1997, p.62) “a percepção é sempre um processo seletivo de informações”. A apreensão da paisagem vai variar de acordo com a disponibilidade perceptiva de cada indivíduo, que está sujeita à sua história pessoal. Pessoas diferentes terão interpretações distintas para uma mesma paisagem, variando segundo seus sentidos. Para o passeante, os elementos compositivos da paisagem tornam-se traços significativos e pertinentes, que marcam sua consciência (LEENHARDT, 1996, p. 36).

A percepção geográfica vem da observação e entendimento das interações homem-ambiente refletidas no ambiente geográfico, este entendido por Côrrea (1998, p.292) como a natureza e o espaço socialmente produzido, do qual o homem é parte integrante. O ambiente geográfico é vivenciado e percebido sob diferentes formas por grupos sociais, com seus valores e práticas culturais na apropriação dos espaços e lugares, formando seus territórios, ou seja, a percepção tem uma base sócio-cultural e psicológica adequada a interpretar as informações que o ambiente fornece, segundo Côrrea (1998 p.294).

Segundo Gama (2004, p.26), “a percepção ambiental pode ser definida como um processo mental de interação de um indivíduo com o meio ambiente, a partir de mecanismos perceptivos e, principalmente cognitivos”. Os perceptivos seriam os estímulos externos, captados pelo uso dos sentidos. Já os cognitivos dependem do padrão intelectual.

A paisagem também é percebida em distintas escalas. Dependendo do ponto de vista. A visão da paisagem será mais ou menos abrangente trazendo informações de diferentes naturezas do observador.

De toda a maneira, a percepção individual da paisagem é um ato criativo que é influenciado pelas próprias características fisiológicas do ser humano, pelo seu caráter e personalidade e também por suas influências sociais e culturais (OLIVEIRA, L. 2002). A paisagem é uma experiência pessoal, determinada pela história de cada indivíduo. Transmite muito mais do que características físicas possuem também relações sociais e econômicas permite perceber relações complexas em vários níveis.

Segundo Gama (2004, p.29), a percepção do visual se faz com a constatação da imagem, pegando elementos distintos como: cores, formas, volumes, textura, limites e localização. A percepção é relacionada com a intimidade que o observador tem com o local e com a imagem percebida (GAMA, 2004).

Atualmente os estudos da paisagem com base na percepção visual compreendem desde simples descrições elementares, passando pelas mais variadas classificações e tipificações e chegando ao uso intenso de técnicas estatísticas como a análise de regressão e análise fatorial.

Neste estudo analisa-se a paisagem sob duas óticas: avaliando quadros obtidos como cenários e a percepção visual dos freqüentadores de locais que se tornam pontos para o máximo aproveitamento do apelo visual.

### **2.3 - A concepção de cenário.**

Na concepção de Costa et al (2007), a palavra cenário possui vários significados, variando dentro dos campos de pesquisa e especialização. Dentre os vários significados temos: previsão, filmagens, apresentações teatrais, combinações estatísticas e etc. Dependendo da literatura, segundo o autor, o cenário é definido como “o conjunto formado pela descrição de uma situação futura juntamente com a evolução dos eventos, que permitirá passar da situação de origem para a situação futura de forma coerente”.

Já Schwartz (2000 apud COSTA, 2007), definiu cenário como uma ferramenta para ordenar as percepções sobre ambientes futuros.

Nas duas definições, os autores utilizam o termo na forma de previsão: como o ambiente irá se comportar após uma seqüência de eventos e situações no presente tempo. Esta definição também foi utilizada por Lima e Silva et al (1999), que definiu cenário num conceito ligado à engenharia “como uma construção teórica ou experimental, que simularia eventos ou situações que ocorrem na realidade. Como forma de especular, algum impacto ambiental”. Neste caso o uso do termo cenário é utilizado para criar uma situação com limites e condições estabelecidas para previsão.

Outro aspecto sólido na concepção geográfica de paisagem diz respeito ao aspecto visual, como cenário, ou resultado, dos eventos naturais e sociais. São as fisionomias e as morfologias, de interesse da Geografia e que ocupam determinado espaço. Esta é uma característica que dá ao cenário como objeto geográfico, a possibilidade de ser analisado.

A idéia de cenário se apóia na possibilidade de concebermos esse como uma parte da paisagem, com um sistema espacial de significação, construído a partir da apropriação, pelo encenador, dos significados das formas eleitas para constituir esse cenário. Esse conjunto de formas simbólicas se conjugaria com os outros sistemas de significação do espetáculo, tais como o texto, a fala, o figurino ou a iluminação, por exemplo, dando corpo ao discurso deste espetáculo. A paisagem por sua vez, também pode ser compreendida como um conjunto de formas simbólicas, um sistema espacial de significação, como vem sendo feito por diversos trabalhos no campo da Geografia. O que se pretende ao pensar a paisagem como um cenário é incorporar a possibilidade da apropriação de alguns significados dessa paisagem para a construção de cenários e a construção deles pelas formas de relevo. No caso deste trabalho, os discursos como a percepção da construção de cenários pela formas de relevo e sua valorização cênica buscam maior destaque.

Ainda nesta vertente, o termo cenário também é utilizado como um “modelo científico” que permitiria considerar os elementos de um sistema social como se realmente funcionassem da maneira descrita (MOREIRA, 1992). O cenário iria testar hipóteses com resultados como se fossem verdadeiros, ou

seja, seria um modelo hipotético, onde se poderia comprovar ou descartar previsões sobre determinado tema ou evento.

Indo em outra direção, segundo Bastos e Almeida (2002, p. 89) a definição de cenário surgiria como “a ação contínua do planejador e do ambiente a ser estudado, incluídos fatores naturais e externalidades”. Neste caso, ainda se mantém como modelo, porém um modelo de modificação constante e que pode ser planejado.

A utilização do termo cenário é definida como uma parte do espaço delimitada pelo campo de visão. Sendo a sua limitação dependendo das condições visuais. Pode-se então dizer que cenário e paisagem são próximos, pois, segundo Santos (1997), “A paisagem é tudo aquilo que a visão abarca”.

Segundo Monteiro (2000), utilizando-se da Geografia da Percepção, o conceito de paisagem na verdade é a mesma coisa que cenário. A idéia proposta pela autora é que o cenário seria uma entidade espacial delimitada segundo o nível de resolução do pesquisador, a partir dos objetivos centrais de análise, seria o resultado da integração dinâmica e, portanto instável dos elementos de suporte e cobertura (físicos, biológicos e antrópicos). Nesta linha, o cenário é uma parcela da paisagem que depende da visualização do pesquisador, tendo um objetivo. Este cenário seria construído pela inter-relação de vários elementos de difícil controle.

Existem entre as várias definições de cenário a utilizado por Holanda (1987, p. 567), novamente descrevendo cenário como sinônimo de paisagem. Neste caso, o autor cita todas as outras definições de cenário, mas aponta que verdadeiramente um cenário é definido como uma paisagem descrita.

#### **2.4. - A definição de relevo e o seu estudo pela Geomorfologia.**

O relevo sempre foi uma parte importante da vida humana, sendo um dos elementos principais da natureza. Segundo Guerra (2001), o relevo pode ser definido como aquela parte da superfície terrestre que possui diversidade de aspectos.

Segundo Ross (2006), o relevo é um dos vários componentes da natureza sendo que ele possui uma grande interferência na ocupação humana

da superfície terrestre. Mesmo assim, o ser humano tem diferenciado o relevo verificando suas formas e tentando apontar como ele pode criar barreiras ou facilitar a sua ocupação. Porém, o estudo das suas formas e a sua definição são de objeto e primazia da Geomorfologia.

A definição do sentido de relevo se insere dentro dos estudos geomorfológicos, onde cada autor pode variar a sua definição decorrente de uma linha ou vertente de pesquisa, cabendo então verificar a contribuição desta ciência para o entendimento destas formas (CONTI, 1996 in CARLOS, 1999).

O estudo das formas de relevo dentro da Geografia se insere então dentro do campo da Geomorfologia. Segundo Summerfield (1994, p.24), “o estudo da Geomorfologia deve ser entendido como o da ciência que verifica as formas da superfície terrestre e os processos que a criaram”. Nesse sentido Marques (2005, p.23) também reafirma que “as formas de relevo constituem o objeto de estudo da Geomorfologia”.

A Geomorfologia compreende o estudo das formas e dos processos responsáveis pela transformação das formas na paisagem. Inclui-se a Geomorfologia como área do conhecimento que possibilita, através de seu instrumental técnico e teórico, fornecer informações de relevante interesse para o planejamento e ordenação do território, onde é necessário analisar o relevo como elemento de suporte da atuação antrópica e, principalmente, compreender as relações de reciprocidade existente entre tal atuação e os processos geomorfológicos. Nesta proposta, concebe-se então o conhecimento geomorfológico como o elemento que define a unidade espacial de trabalho, sendo esta de grande participação para a construção de cenários.

A Geomorfologia, tradicionalmente, tem sido definida como o estudo do relevo, compreendendo a sua definição e os processos responsáveis pela sua esculturação. Estes processos vinculam-se tanto a dinâmica interna da Terra, como aos fatores exógenos associados à atuação bioclimática. Além disso, verifica-se que, em bibliografias clássicas da Geomorfologia, como Tricart (1965), registrava-se a preocupação com os processos desencadeados pela atuação antrópica. Nos dias atuais, é impossível compreender a organização do relevo e dos processos associados, sem considerar a ação humana. Assim, nas diversas pesquisas desenvolvidas, tem-se buscado por técnicas de

trabalho que possibilitem integrar as informações sobre as características litológicas, tectônicas, pedológicas e climáticas aos dados geomorfológicos para que, dessa forma, sejam melhor compreendidos os processos geomórficos atuantes e como estes se reestruturam perante a ação do homem.

Segundo Moura (1984) apud Christofolletti (1998), os estudos geomorfológicos aplicados servem de base para a compreensão das estruturas espaciais, não só em relação à natureza física dos fenômenos como à natureza sócio-econômica dos mesmos. Uma das mais importantes funções da Geomorfologia Aplicada é a de gerar informações relevantes para o planejamento territorial.

A potencialidade aplicativa do conhecimento geomorfológico insere-se, portanto, no diagnóstico das condições ambientais, contribuindo para orientar a alocação e o assentamento das atividades humanas e a sua posterior valorização, que inclusive se acentua dentro da lógica do sistema capitalista.

Por muito tempo, a Geomorfologia foi considerada uma ciência que compreendia principalmente estudos dos tipos de origem e das formas da terra. Só recentemente foram encontradas formas de aplicabilidade dos conhecimentos geomorfológicos, particularmente nos vários campos de pesquisas sobre recursos ambientais (VERSTAPPEN, 1983). Como resultado, têm-se recebido muita atenção de um número crescente de cientistas e planejadores. Seu desenvolvimento vem ganhando assim, um novo momento no que diz respeito às suas bases científicas e a seus métodos de pesquisa, ao mesmo tempo. Ela tem, gradativamente, desenvolvendo-se e sua ênfase é, agora, colocada em vários aspectos, os quais anteriormente recebiam apenas uma atenção limitada. Esse desenvolvimento causou uma expansão no campo das aplicações.

As aplicações em Geomorfologia iniciam-se, timidamente, durante a Primeira Guerra Mundial, quando a descrição das características do terreno nos campos de batalha dos Países Baixos constituía-se em subsídio aos conhecimentos geomorfológicos com propósitos militares (GREGORY, 1992)

Outra grande contribuição da Geomorfologia foi dada durante a Segunda Guerra Mundial, quando as pesquisas sobre aplainamento e, principalmente, sobre as localizações de pistas de pousos na Europa Oriental, foram de grande importância para fins militares. (TRICART, 1965)



Segundo Christofolletti (1998), o conhecimento geomorfológico e sua aplicabilidade ganham corpo na década de setenta, estreitamente relacionado com a temática ambiental, principalmente com os trabalhos apresentados no 1o Simpósio Internacional de Binghamton em Geomorfologia (COATES, 1971) na coletânea em três volumes a respeito da geomorfologia ambiental e conservação das paisagens (COATES, 1972, 1973, 1974 apud COSTA, R. 2001). Na mesma época, Cook e Doornkamp (1974), redigiram um volume versando sobre a Geomorfologia e manejo ambiental. Essa obra foi republicada e ampliada em 1990, em sua segunda edição. Hart (1986), também organizou coletânea de ensaios a respeito da Geomorfologia, considerando-os "uma perspectiva da contribuição da geomorfologia aos estudos interdisciplinares e manejo ambiental".

Na década de oitenta, a Geomorfologia Aplicada continuou em evidência, exemplificada pelas obras elaboradas por Verstappen (1983), Costa e Fleisher (1984), Hart (1986), Oliver e Boyd (1987) e Hook (1988), organizaram uma coletânea de ensaios salientando sua função no planejamento territorial.

Clark (1978), concebeu-a como campo que se desenvolveu a partir de estudos puramente sistemáticos para área de considerável aplicação prática, e afirma que o novo papel para o geomorfólogo abrange os sistemas de processos, a informação pública, o projeto de estratégias de recuperação e a participação em quadros de tomadas de decisões. Isto conduz à conclusão de que: "o objetivo da geomorfologia não é tão somente prevenir ou reduzir o desenvolvimento ao uso dos recursos, mas, em vista disto, otimizar aquele uso, reduzindo tanto os custos quanto os impactos" (Clark, 1978, p.281).

Neste contexto, a Geomorfologia mais voltada para os estudos ambientais foi vista por Coates (1971, p.06) como:

uso prático da geomorfologia para a solução de problemas onde o homem deseja transformar o relevo ou utilizar e modificar os processos superficiais (...) o objetivo para os estudos ambientais geomórficos é minimizar as distorções topográficas e entender os processos interrelacionados necessários à restauração e a manutenção do equilíbrio natural (COATES 1971, p.06).



Segundo Marques (2005), nas últimas décadas, os estudos geomorfológicos no Brasil tiveram grande expansão. Atualmente, em função de uma maior valorização das questões ambientais, a geomorfologia vem ganhando espaços pela pertinência da aplicação direta dos seus conhecimentos voltados à análise ambiental. O conhecimento geomorfológico surge, nessa ótica, como instrumento utilizado e inserido na execução de diversas categorias setoriais do planejamento. Exemplos diversos podem ser listados, como a aplicabilidade no planejamento do uso do solo rural e urbano, nas obras de engenharia, no planejamento ambiental, nas pesquisas de recursos minerais e recuperação de áreas degradadas por mineração, além da classificação de terrenos. Várias nuances podem ser direcionadas para exemplificar o uso do conhecimento geomorfológico no planejamento ambiental. (Christofolletti, 1998).

O relevo então tem se constituído como “piso” e “suporte” onde a Sociedade se desenvolve e pratica as suas atividades. Com isso, cria recursos ou ativa processos que podem impossibilitar a vida em certos locais. Por isso, há necessidade de estudos sobre o conhecimento do relevo e as conseqüências dessa ocupação que podem gerar impactos ambientais modificando a paisagem (MARQUES, 2005).

#### 2.4.1 – A importância do relevo na construção de cenários e como palco para sua apreciação.

Desde os primórdios da humanidade, o homem tem percebido que algumas formas da natureza se elevam no horizonte e tem um grande destaque no visual. Na verdade, estas formas sempre foram locais que possuem certa atratividade, sendo considerados por alguns sagrados ou de encontro entre deuses e homens. A própria origem da forma de relevo era considerada divina, talvez pela sua grandiosidade em altura, faziam o ser humano se aproximar do céu, um local inatingível para o homem primitivo (FLORES, 2000).

Com a evolução do conhecimento científico, estas formas foram continuamente pesquisadas e suas origens na atualidade nada lembram as origens divinas. Porém, ainda hoje devido a sua grandiosidade no cenário,

estas formas despertam no homem moderno, a presença de algo não feito pelo homem, que deve ser apreciado ou como era feito no passado “adorado e apreciado” (CONTI, 1999). Retornando a uma sensação de atratividade quase onipotente para o ser humano moderno.

Neste contexto, o relevo é uma importante componente para a construção de cenários de atratividade considerável. Com isso, notamos que é construído por elementos naturais ou elementos artificiais, que se integram e criam no total uma paisagem. Partindo de MONTEIRO (2000), a construção do cenário é uma integração de objetos naturais e artificiais visualizados por um observador. Dentro disto, o relevo é um importante objeto natural, que não pode ser descartável para a construção deste cenário. O relevo pode ser assemelhado a um palco para uma peça ou uma escultura de apreciação (OCAÑA, 2004).

#### **2.4.2 – O relevo como palco da formação de um cenário da paisagem.**

Vários argumentos apontam que ocorre a necessidade de considerar que a presença do relevo no cenário se constitui como um forte impacto. Todo cenário é construído com relevo e a partir dele se intensifica e se valoriza. Sendo afirmado, ainda por Ross (2006, p. 62), que as formas do relevo devem ser vistas e entendidas como componentes da natureza e fazendo parte da perspectiva visual do ser humano. As sociedades observam o relevo e através dessa observação se voltam para o seu uso, apontando como os seus usos podem favorecer ou dificultar a vida humana. Então, ao se observar certo local, as sociedades compreendem como o relevo pode facilitar ou dificultar a sua localização, como discutido pelo autor *op.cit.* Então não há como desconsiderar que o relevo e o seu forte impacto no cenário, é um dos principais focos para a fixação em certo local da superfície terrestre.

Já no começo do sedentarismo, o ser humano ao se fixar busca apreciar e observar o relevo. Isto acontece primeiramente por que as formas de relevo são as que mais se destacam no visual e segundo por que estas formas podem ser utilizadas como recurso (TUAN, 1983).

O relevo é um componente essencial para a compreensão de um cenário ou de uma paisagem. Segundo Marques (2005), o relevo possui formas

que podem até transmitir uma idéia que elas são componentes independentes na paisagem, mas, na verdade elas são integradas e interligadas ao ambiente. As formas de relevo e os demais componentes do ambiente possuem influências mútuas, que podem ocorrer em menor ou maior grau de intensidade, que criam novas fisionomias no ambiente.

Ainda segundo o autor citado, estas formas de relevo participam integralmente na composição de paisagens.

As grandes formas de relevo como montanhas despertam sensações de grandiosidade, já formas menores podem despertar outros tipos de sensação. As paisagens poderiam então ser valorizadas, a partir das mais variadas sensações, passando então pela percepção de como aquela forma pode se relacionar com os sentidos sensoriais.

Vários autores como Ross (2003 e 2006), Marques (2005) e Mendonça (1992), afirmam esta importante participação do relevo na construção da paisagem e na formação de cenários. O relevo é na verdade o palco principal para o entendimento da paisagem, também denominado de estrato geográfico, sendo extremamente diferenciado. Tal diferenciação é de ordem natural como antrópica. A compreensão da paisagem perpassa pelo entendimento do próprio relevo.

Este mesmo relevo é atribuído como um local em que foi trabalhado pela natureza, como forma de apreciação pelo ser humano.

O relevo terrestre assemelha-se a uma escultura em rocha, a qual depois de esculpida deixa de ser rocha para ser uma peça de uma obra de arte que é apreciada (...), sendo que a natureza foi o seu escultor (ROSS, JURANDYR, L.S., 2003, p.15).

Então para a apreciação de um cenário temos que considerar a possibilidade do relevo constituir-se como elemento primordial.

### **2.4.3 - O relevo utilizado como recurso para valorização de cenários**

O relevo então pode se constituir como um dos principais alicerces para a construção de um cenário. Ele pode ser utilizado como local de extração de minerais, de retirada de cobertura vegetal, de atração turística, de contemplação ou de descanso. Dependendo então do grau de atratividade

deste relevo, ele pode atrair centenas ou milhares de observadores e, com isso, tornar-se um local valorizado pela criação de cenários de forte apelo visual.

No Brasil, encontram-se vários destinos turísticos destacados por suas formas de relevo, como é o caso entre muitos outros exemplos das: cataratas do Iguazu, no Paraná; das cavernas e suas excepcionais feições espeleológicas da região de Bonito, no Mato Grosso do Sul; do arquipélago de Fernando de Noronha em Pernambuco e dos lençóis Maranhenses, no Maranhão e o Pico da Neblina, em Roraima (BITAR, 2004).

Para Sodré (2001), as paisagens que um determinado local oferece e representam a principal fonte de atração, sendo que, quanto mais belas, mais as pessoas se interessarão em conhecê-las. O autor descreve que:

As paisagens contendo vegetação natural associada à topografia ondulada e a superfícies líquidas são em geral as preferidas pelo público. Então neste caso, a topografia ondulada (forma de relevo) se constitui novamente como principal recurso para valorização de determinada paisagem (SODRÉ, 2001 p.12).

Para Silva e Monteiro (2003), a utilização das formas de relevo é essencial para a compreensão dos locais de grande atratividade na paisagem. Porém, o aproveitamento deste recurso e a sua utilização ainda estão sendo poucos aproveitados. Faz-se necessário uma nova proposta que não desconsidere o relevo como parte essencial da paisagem e a sua utilização como recurso. É impossível considerá-lo apenas como um subitem nas pesquisas sobre a valorização de paisagens.

A utilização do relevo como recurso e a sua contribuição na formação de cenários é bem definida por Ross (2006), ao descrever que o relevo e os demais componentes da natureza devem ser considerados na construção de paisagens. Assim no processo de produção de espaços devem ser levados em conta: as potencialidades dos recursos naturais que o relevo pode trazer e as fragilidades destes ambientes ao serem retirados estes recursos.

Machado apud Del Rio (1999) afirma também que a percepção do relevo na construção de paisagem é de grande importância, pois ele é apresentado como o elemento que valoriza o cenário. Por conclusão o relevo tem forte

participação na valorização de qualquer cenário, construindo de forma muito nítida a percepção que o visitante vai ter sobre o cenário, sendo uma moldura para a construção do imaginário do observador sobre o local.

## **2.5 – O conceito de qualidade visual**

A apropriação da paisagem e do cenário como objeto de abordagem ou como unidade de estudo ocorre numa ampla gama de interesses profissionais na esfera da arte, das ciências exatas, das geociências, e das ciências sociais, fazendo com que adquira interpretações próprias para cada matizamento disciplinar, dando ensejo a conceitos variados entre as distintas áreas de atuação dentro dessas esferas. Cada área de conhecimento busca um objeto dentro do estudo da paisagem, no caso da qualidade visual várias são as abordagens, mas não existe um consenso unidisciplinar sobre uma única forma de verificação deste método. Vários autores discutem sobre o conceito de qualidade visual cada um apontando uma linha de pesquisa para este estudo.

Na linha de qualidade visual são apresentados vários estudos que colocam e citam vários componentes e indicadores para a qualificação visual da paisagem. Cada abordagem depende do critério a ser utilizado e do objetivo discutido dentro do estudo. Porém, existe em todas as vertentes uma tendência unificadora que é a da percepção que o cenário produz nos indivíduos que o contemplam, que deve ser considerada. Esta percepção se traduz, dependendo da linha e da vertente, numa aplicabilidade dos elementos naturais e antrópicos, da inter-relação entre os dois elementos e das alterações criadas com estas inter-relações. Nesta tendência unificadora da qualidade visual, a proposta então em cada vertente é de métodos diretos, indiretos e mistos, valorizando no final em todas as metodologias a percepção humana sobre o cenário e a sensibilidade traduzida pelos sentidos, isto é apontado por vários autores como Canteras (1992), Pires (1993a,1993b 1996 e 2005), Marenzi (1996), Azevedo (2000), Gama (2004) e Ocaña (2004).

Existem várias linhas e correntes que abordam o conceito de qualidade visual. No presente estudo de caso são apresentadas às definições de vários autores sobre temas e os seus métodos para a elaboração de pesquisa. Não existe, porém um consenso em relação a uma única metodologia que possa

ser apresentada como viável para a verificação da qualidade visual. Cada autor busca no resgate da paisagem um método que atinja um determinado objetivo, seja ele estético, cênico, paisagístico ou outros. Porém no que concerne a Geomorfologia, o conceito de qualidade visual aponta a necessidade de uma maior amplitude dentro do espaço geográfico, ou seja, um aprofundamento dos métodos em cima dos estudos geomorfológicos. Sendo a avaliação destes métodos feita de forma direta ou indireta dependendo dos seus critérios (PIRES, 2005 e OCAÑA, 2004).

Segundo Canteras (1992), a qualidade de um lugar se define como o seu grau de excelência, seu mérito para não ser alterada ou destruída, ou seja, protegida. A qualidade visual da paisagem pode ser determinada ou baseada no valor estético dos seus elementos e da sua formação de conjunto e da sua qualidade em função do valor ambiental que têm seus componentes. Dessa forma, valorar a paisagem por ser mais ou menos bela ou pela diversidade e naturalidade de seus elementos, grau de raridade, etc., é possível, pois são valores que se podem medir de forma quantitativa. Com essa perspectiva é possível atribuir à paisagem uma avaliação quantitativa.

O desenvolvimento de métodos e procedimentos sistemáticos para a avaliação da qualidade visual da paisagem pode ser considerado como a terceira e última fase da percepção, ou seja, a fase de avaliação ou da manifestação de preferências, no primeiro caso quando executada por especialistas e, no segundo, quando realizada pelos próprios usuários da paisagem (PIRES, 1993 e 1996).

Tuan (1983, p.6) avalia que são variadas as maneiras que as pessoas percebem e avaliam a superfície terrestre, e questiona se direcionando a paisagem para a percepção do meio ambiente seria uma linguagem acessível para descrição geográfica.

Fernandez (1979), no entanto, diz ser difícil a definição em termos absolutos da avaliação da qualidade visual, sendo necessário recorrer aos critérios baseados em juízo de valor. A resposta destes critérios vem impregnada de subjetivismo, e para ser aceita publicamente deve ser dirigida para a análise daquilo que é visualizado. Neste contexto, muitos dos estudos são fortemente subjetivos e para uma plena aceitação deles é necessária uma

análise profunda do que está sendo visualizado e quantificado como qualidade visual.

A qualidade visual é principalmente o resultado de duas variáveis: geomorfologia e uso do solo, sendo a primeira o local onde se constrói todo o visual que lhe dá qualificação. Posteriormente, a ocupação humana e os seus diferentes usos do solo acrescentam umas ou outras variáveis que dão finalização ao cenário para a sua qualidade visual. A geomorfologia então contribui de forma importante para a valorização da qualidade da paisagem, possuindo uma singularidade (ANDRESEN, 1999).

Segundo Pires (2005, p.419), existem indicadores de qualidade visual que podem ser analisados e quantificados. Estes indicadores poderiam ser relatados como:

Diversidade-expressa a variedade paisagística existente num determinado espaço territorial.

Naturalidade - sendo definida como a ausência ou insignificância de elementos ou estruturas de origem humana.

Singularidade - a existência de ocorrências naturais (feições geomorfológicas, elementos vegetais, espécies de animais, sítios paleontológicos).

Detratores-são resultantes de atividades humanas que imprimem um aspecto de “artificialização” e distanciamento das condições naturais da paisagem.

Consiste então num método indireto de avaliação da paisagem e também um método de avaliação da paisagem por componentes. A utilização desse método indireto tem sido aceita publicamente como um dos mais fáceis para a aplicação de estudos de qualidade visual.

Com isso o fator singularidade tem um grande peso para o cenário, porque em grande parte das paisagens as feições geomorfológicas se apresentam como o piso no qual se constrói as paisagens, como verificado por Canteras (1992), Andresen (1999) e Pires (2005).

No entanto, a qualidade visual pode ser enaltecida diante da percepção humana, quando além da sua simples constatação, características como a

unidade, a diversidade, a naturalidade, a singularidade e a disposição dos componentes constituintes da paisagem já apresentados por Pires (2005), adquirem uma expressão estética e um significado particular que lhes conferem um valor subjetivo por excelência.

Neste sentido, o aumento da qualidade visual de uma paisagem normalmente se dá quando no território por ela abarcado se verificam: (LAURIE, 1970; LITTON, 1972; apud BOMBIN, 1987).

- A maior movimentação do relevo ou de irregularidades topográficas;
- A diversidade de usos do solo advinda das atividades humanas;
- Obras de arte da engenharia e arquitetura;
- A ocorrência de vistas panorâmicas ou de grande alcance visual;
- A ocorrência de vistas fechadas (fundos de vales, vales profundos e estreitos, cânions);
- A presença de cobertura vegetal, especialmente do tipo arbórea;
- A ocorrência de superfícies d'água e de margens com traçado naturalmente irregular;
- A ocorrência de episódios atmosféricos e meteorológicos (nascer/pôr do sol, neve, nebulosidade,...);
- Presença de fauna nativa.

Estes aspectos no seu caráter genérico perfazem a condição básica a partir da qual derivam outras características determinantes da qualidade visual da paisagem, de origem natural e histórico-cultural (PIRES, 1996). Tal qualidade se vê potencializada diante do estado de conservação da integridade, originalidade ou autenticidade de tais ocorrências e manifestações, sejam elas naturais ou culturais.

Ainda segundo Pires (1993, p.163), existem diversos tipos de abordagens para os estudos de qualidade visual. Essas avaliações podem ser classificadas em função de critérios por elas utilizados. Neste sentido Ignácio apud Pires (1996, p.165), classifica os estudos de qualidade visual em:

Métodos direto - em que a valoração se realiza a partir da contemplação da totalidade da paisagem, seja no campo ou através do uso de substitutos como fotografias, vídeos, gravuras. O agente da valoração poderá ser o público em geral, grupos representativos da sociedade ou profissionais



paisagistas.

Métodos indireto- em que a valoração se realiza através da desagregação da paisagem e da análise de seus componentes ou de suas categorias estéticas (elementos visuais da paisagem), de acordo com distintos juízos de valor e critérios de pontuação e classificação.

Métodos mistos- em que a valoração é feita primeiro de forma direta, e depois, através de técnicas estatísticas, analisa-se a participação de cada componente ou elemento da paisagem em questão no seu valor total.

Em todos os métodos apresentados, a subjetividade novamente se apresenta como um dos principais destaques dos métodos. Cabe ao pesquisador decidir os objetivos que ele pretende atingir com a sua pesquisa e adaptar o método a sua realidade

Como apontado por Gama (2004, p.34), a avaliação de uma paisagem se torna uma tarefa difícil, porque cabe ao pesquisador fazer uma relação entre a observação e o espaço visual, criando uma resposta panorâmica que se traduz com os elementos da paisagem e a sensibilidade humana.

No sentido deste trabalho, o método misto se apresenta como melhor para ser aplicado, por permitir obter dados de modo mais direcionado para uma real compreensão do espaço estudado.

## **2.6-- A utilização de fotografias como instrumento de avaliação**

O homem sempre se utilizou de formas simbólicas ou pictóricas para a representação de objetos e de paisagem que se visualizavam diante dos seus olhos. Essas formas são utilizadas há milênios pela humanidade. Durante a História Humana, temos varias formas de representação da paisagem ou de objetos que utilizavam a tecnologia de cada época, como exemplos: pinturas em cavernas com tintas extraídas de plantas ou óleos, desenhos feitos à mão com pedra ou carvão, gravuras, quadros a óleo e etc. Porém, a partir do século XIX, com o aparecimento e o desenvolvimento da fotografia foi criada uma

nova forma de captação da paisagem que se apresenta quase como uma verdadeira reprodução de um momento.

Desde seu advento, a fotografia tem contribuído para o registro (em seu tempo) e recuperação (em tempos posteriores) da História. Possivelmente, a prova mais cabal de sua importância, neste sentido, seja a existência e reprodução da primeira fotografia, produzida em 1826 por Joseph Nicéphore Niépce, para que a história dessa mídia visual fosse recuperada, comprovada e democratizada por meio de publicações (GERARDI, 2002).

Ao longo do tempo, em maior ou menor escala, a fotografia foi e tem sido utilizada com um suporte, no mínimo confiável, para a narrativa histórica de todos os segmentos da sociedade (BORGES, 2005). No início, enquanto não se tinha ainda uma noção exata de sua importância e magnitude, era considerada apenas uma mera ilustração. Tempos depois, galgou à condição de instrumento auxiliar de pesquisa.

A fotografia é considerada como uma das mais perfeitas formas de absorção da realidade. Porém existem várias discussões sobre estas interpretações da realidade. Cada autor tenta apresentar como esta captação pode ser afetada pelo objetivo de cada um, mas cada um aponta que de qualquer forma e objetivo, a fotografia é uma representação de uma parcela do real ou de uma realidade. Com a fotografia se extrai uma parcela do real no sentido tridimensional e se apresenta de forma fácil a qualquer pessoa. Com isso, a fotografia se apresenta até hoje como um recurso que reproduz uma paisagem ou contribui para uma melhor percepção do olhar do ser humano sobre determinado local.

A fotografia, desde o seu aparecimento, entrou na paisagem. Sua invenção, consecutiva à valorização do quadro pictural, veio para contribuir na renovação de um sistema de representação em mutação. A fotografia não tomou unicamente o lugar da pintura, ela, ao mesmo tempo, modificou as especificidades operatórias, o caráter do dispositivo de artefactualização (KOSSOY, 2001). Nossa sensibilidade em relação aos lugares foi afetada. Nossa cultura paisagística passou a ser informada de maneira diferente. A qualidade do nosso olhar se modificou. A generalização e o uso utilitário da fotografia constituíram, ao longo dos anos, uma ferramenta de registro e de restituição das paisagens.

Poderia se identificar duas maneiras de fotografar uma paisagem, a primeira, considerando o registro poético, levaria a apresentação de uma “realidade em gênese”. A segunda maneira seria simplesmente uma atividade de arquivamento do real. Se essa última maneira se presta a um estudo relevante de uma aproximação científica, a primeira se coloca diretamente sobre a experiência de explicitar, de forma simbólica, a paisagem (GERARDI, 2002). O geógrafo faz, de preferência, fotografias que registram a paisagem, o cotidiano das relações sociedade-natureza. As fotos se prestam para explicitar como o processo de ocupação do território se materializou na paisagem (KOSSOY, 2001).

Indiscutivelmente é com Vidal de la Blache, que a fotografia ganha um significado maior na representação da paisagem, com a publicação, em 1908, da obra *La France. Tableau géographique*, isto é, uma reedição do *Tableau de la géographie de la France*, sendo esta publicação abundantemente ilustrada de fotografias comentadas (MALLARD A., 1993). O projeto iconográfico exposto por Vidal de La Blache, no início do livro, examina a maneira como ele representou, ou não, diferentes lugares da França. Nessa obra, os significados que o autor produziu associando textos e imagens geraram um avanço rápido do ponto de vista ilustrativo para o ponto de vista científico, afirmando que há um método geográfico de interpretar as paisagens. É preciso que a fotografia seja praticada num espírito geográfico por pessoas que saibam ler a natureza. Não se trata mais do uso da fotografia como ilustração, mas de uma técnica de análise.

A fotografia então é um recurso visual que norteia o olhar do ser humano. O olhar se constitui como o principal instrumento entre o real físico e concreto com a imaginação (DONIS, 1991; p.73), ou seja, com o olhar o ser humano avalia o real e constrói sobre esta realidade através de sua capacidade perceptiva uma nova realidade. Com isso, a fotografia se torna um forte recurso para a apresentação de cenários, por que com o olhar do ser humano sobre a fotografia, ele cria uma nova realidade com a sua sensibilidade.

A utilização de fotografia se torna então uma maneira rápida e fácil de captar uma parte de um cenário, porque ela retrata com fidelidade o que o olhar capta, sendo para o observador uma verdadeira visão da paisagem. A

fotografia tem uma característica que não compartilha com nenhuma outra arte visual que é a credibilidade do olhar (DONIS, 1991; p. 216). Costuma-se dizer que a câmera não pode mentir. Embora se trate de uma crença extremamente questionável, ela dá a fotografia um enorme poder de influenciar a mente dos homens (DONIS, 1991; p.217).

As avaliações de qualidade visual se utilizam constantemente do uso de fotografias como uns dos instrumentos mais verdadeiros para apresentar um visual como método substitutivo (GAMA, 2004; CANTERAS, 1992; PIRES 1993, 1996 e 2005).

Cada pesquisa utiliza a fotografia como um dos principais instrumentos para a valoração da paisagem. Porque no processo de análise do cenário o seu correspondente fotográfico é considerado como uma real representação daquele cenário.

## **2.7- O apelo visual como atrativo e a valorização de cenários paisagísticos**

Ao se visualizar um cenário se constrói na percepção humana uma forma de classificação para o que se observa. Esta classificação que é subjetiva determina valores para o cenário que podem ser caracterizados como atrativos ou repulsivos. Esses valores variam a partir dos componentes que constroem aquele cenário.

Quando contemplamos uma paisagem de um mirante temos uma visão mais ampla, percebemos espaços pelo seu lado de fora, recebendo informações de modo completamente diferente de quando estamos dentro do local, entendendo suas relações mais imediatamente. Quando vemos uma paisagem de grande abrangência, a uma grande distância do objeto observado, percebemos no que diz respeito à arquitetura, sua configuração urbana, seu traçado, o tamanho das edificações e da área urbanizada, bem como a relação desta urbanização com seu sítio físico.

Quando vemos uma paisagem que está imediatamente ao nosso redor, estamos vivenciando e percebendo aquela paisagem, naquele momento, as informações estruturais são de outra natureza. Estamos percebendo como se

dão às relações cotidianas, de que forma aquele espaço se apresenta para seus ocupantes.

Segundo Ocaña (2004, p.51), as formas de relevo e a cobertura vegetal oferecem a melhor capacidade para atratividade de um cenário, porém outros elementos como um lago também, podem ser determinantes. O apelo visual se traduz como uma forma de atratividade para um cenário.

Assim, as formas de relevo se constituem como elementos do cenário que podem diretamente valorizar um cenário para um observador. Machado (1999, p. 97), ao apresentar um estudo sobre a Serra do Mar no Estado de São Paulo, mostrou que o relevo foi o que denotou maior apelo visual a paisagem. Segundo esse estudo, o relevo era o ponto focal para a atratividade do local.

Ocaña (2004, p. 21) apresenta que qualquer área de análise de uma paisagem deve ter uma valoração dos elementos que constituem aquela paisagem. Certos elementos podem aumentar a valorização de certos cenários.

O apelo visual se transforma assim num recurso para tornar certos pontos da superfície terrestre em locais de constante valorização. Lowenthal apud Bley (1999, p. 126) aponta que ocorrem estudos para valorização de paisagens e estas pesquisas buscam identificar a preferência que certas pessoas possuem por determinadas paisagens.

Certos cenários podem ser valorizados por vínculos afetivos com o local. Segundo Machado (1999), a afetividade cria um novo olhar sobre o cenário, mesmo que do ponto de vista de vários observadores este cenário não tenha características atrativas.

As preferências das elites e do poder público por certas paisagens, são sempre conflitantes porque novamente a afetividade se torna o principal foco (Bley, 1999; p.127). Cabe ao avaliador descrever em quais locais o público se considera em posição ideal para a contemplação e apreciação. Desta forma, este cenário é valorizado e pode ser utilizado como recurso atrativo para outras necessidades.

O atrativo se torna uma matéria prima com o qual um país ou região possa se desenvolver (BOULLÓN, 2002; p. 57). O apelo visual de certas regiões cria no cenário formas que atraem as pessoas para investir ou visitar o local. Dentre todas as formas que existem na superfície da terra, as formas de

relevo são consideradas as que mais se destacam e que possuem grande apelo visual. Com a utilização desta base, as sociedades criam toda uma infra-estrutura para o aproveitamento do potencial turístico do cenário. Os próprios órgãos públicos se apropriam daquele cenário e investem constantemente para a melhoria desta infra-estrutura e para o aumento do fluxo de visitantes. Com isso, certas áreas se tornam áreas preferenciais de investimento por causa de elementos ou formas de relevo que se sobressaem. BOULLÓN (1992, p.56), estabeleceu até uma classificação para esta atratividade turística (Tabela 1).

**Tabela 1: Classificação dos atrativos turísticos**

CATEGORIA	TIPO
1 – SITIOS NATURAIS	1.1 – Montanhas 1.2 – Planícies 1.3- Costas 1.4- Lagos, lagoas e esteiros 1.5- Quedas d'água 1.6- Rios e arroios 1.7- Grutas e Cavernas 1.8- Locais de observação de flora e fauna 1.9 – Locais de caça e pesca 1.10 – Caminhos pitorescos 1.11- Termas 1.12- Parques nacionais e reservas de flora e fauna
2-MUSEUS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS	2.1- Museus 2.2 – Obras de arte e técnica 2.3- Lugares históricos 2.4- Ruínas e sítios arqueológicos
3- FOLCLORE	3.1- Manifestações religiosas e crenças populares 3.2 – Feiras e Mercados 3.3- Músicas e Danças 3.4- Artesanato e artes populares 3.5- Comidas e bebidas típicas 3.6- Grupos étnicos 3.7 – Arquitetura popular e espontânea
4 - REALIZAÇÕES TÉCNICAS CIENTÍFICAS OU ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	4.1 – Explorações de Minerações 4.2 – Explorações agropecuárias 4.3- Explorações industriais 4.4 – Obras de arte e técnica 4.5- Centros científicos e técnicos
5- EVENTOS PROGRAMADOS	5.1- Artísticos 5.2- Esportivos 5.3- Feiras e exposições 5.4 – Concursos 5.5 – Festas religiosas e profanas 5.6 – Carnavais 5.7 – Outros

Fonte: Adaptação de BOULLÓN (2002)

Colocando categorias onde estão localizados os cenários com os principais recursos de atratividade e de valorização. Nessas categorias, o sítio natural, onde se condensam as formas de relevo possuem grande importância

e na medida em que ocorrem alterações introduzidas pela sociedade, esta atratividade diminui.

Verifica-se que os atrativos naturais são os que se destacam para o setor turístico, que utiliza o apelo visual como forma de recurso e para obter uma valorização ainda maior de cenário.

As superfícies onde se observam as partes do cenário em que as formas de relevo se encontram com outras criam pontos onde a natureza se manifesta com maior beleza ou singularidade. Nestes pontos, através de constante visitação, criam-se mirantes preferenciais para a observação do cenário. Em volta desses mirantes preferenciais ocorre uma intensa valorização do espaço porque em detrimento de outros são locais onde a visualização do cenário se torna um atrativo de grande peso.

A pesquisa se reportou a pontos ou partes do cenário, como o de mirantes em sítios naturais e eventos programados citados por BOULLÓN (2002), que eram nitidamente locais de grande atratividade turística e valorizavam a área do trabalho.

### 3- ÁREA DE ESTUDO

A concentração da população na zona costeira vem ocorrendo ao longo da História. Os ambientes costeiros ofereceram inúmeras vantagens para fixação de populações e para os viajantes e colonizadores como oásis para descanso, depois de uma longa e extenuante viagem pelo oceano. A humanidade tem utilizado amplamente os recursos das zonas costeiras de forma intensiva, permitindo e justificando uma concentração populacional considerável em grande parte do litoral ao longo dos continentes. Atualmente grande parte desta concentração nas áreas litorâneas ocorre por causa da atratividade que o banho de mar vem exercendo desde que começou a ter muito destaque a partir do início do século XX, aliada a valorização de suas paisagens naturais.

Essa parte da superfície terrestre então se tornou uma área de grande afluxo de investimentos, contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida, valorização econômica e cênica destas áreas.

Na verdade, os ambientes costeiros como é o caso da lagoa Rodrigo de Freitas, tornaram-se espaços tidos como objetos de especulação, tendo em vista que o homem moderno busca conviver com paisagens que ainda conservem em parte as características naturais, mas que agreguem as facilidades do mundo moderno.

Nas áreas litorâneas, o mar é a principal atração paisagística, voltando a atenção dos residentes (moradores locais), do mercado imobiliário e do poder público, que investe na adequação urbanística mínima da área costeira (MACEDO, 2002, p.154). Cria-se, então no inconsciente coletivo, o desejo do banho de mar e do sol, trazendo consigo os prazeres sociais. Aliando-se o mar ao relevo é construído um tipo de ambiente bucólico de grande atração para turistas que valorizam o encontro de contraste de superfícies baixas ao lado de grande topografia.

A área de estudo é a Lagoa Rodrigo de Freitas localizada no Estado do Rio de Janeiro dentro da cidade do Rio de Janeiro. A partir do começo do século XX, recebeu grandes investimentos tendo uma forte ocupação urbana promovida pelo mercado imobiliário crescente que se originou na zona sul carioca. Possui uma rede de drenagem ocupando uma pequena área. É uma



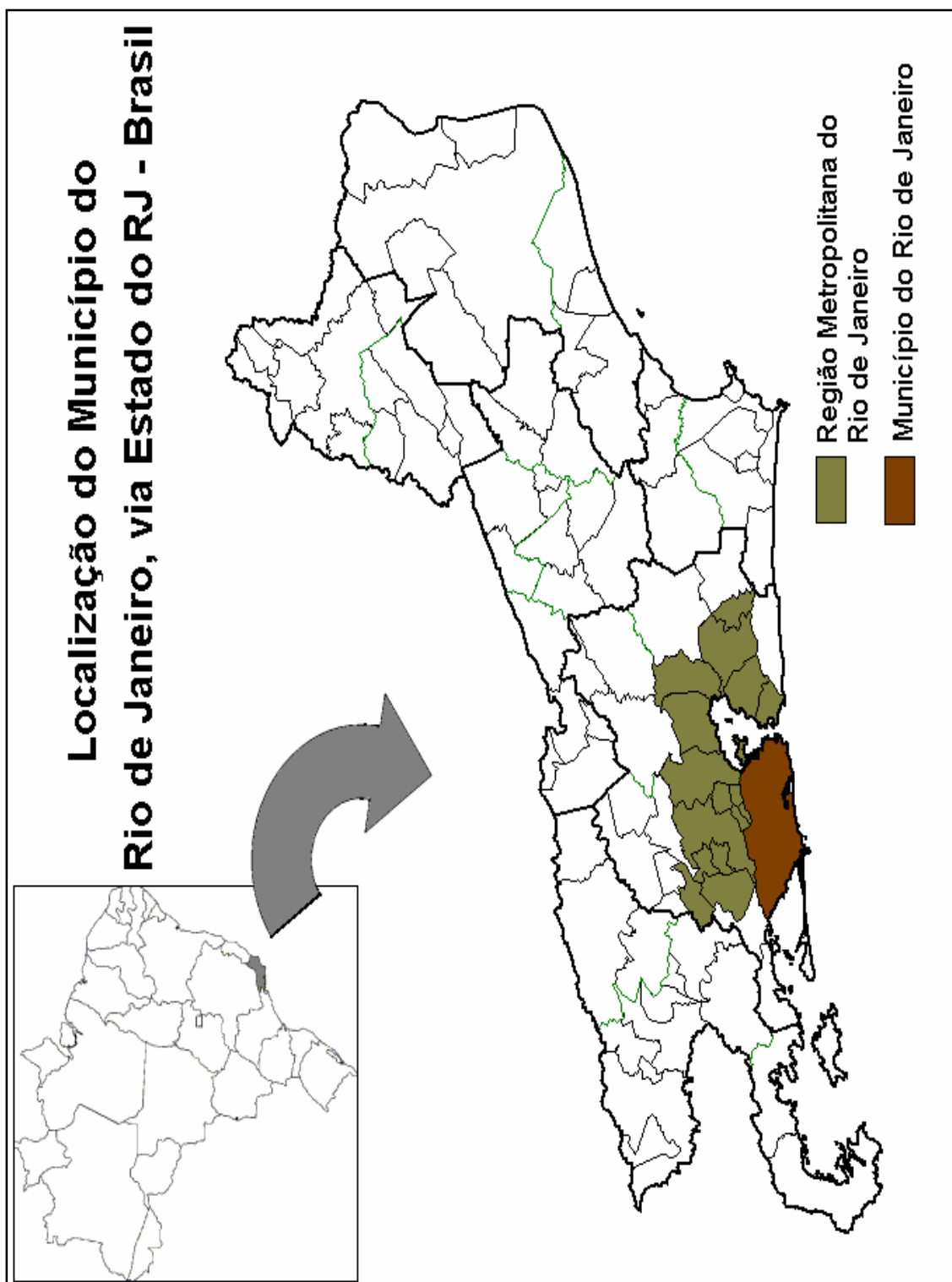
das áreas residenciais mais valorizadas da cidade do Rio de Janeiro devido ao valor comumente atribuído a sua beleza cênica.

### **3. 1- A Localização e a extensão da Lagoa Rodrigo de Freitas**

A Lagoa Rodrigo de Freitas é uma típica lagoa costeira localizada no Estado do RJ inserida no município do Rio de Janeiro (Mapa 1), entre as Latitudes 43° 11' 09" N e 43° 13' 03" S, e as Longitudes 022° 57' 02" e 022° 58' 09" W, tem cerca de 3 km de diâmetro em sua largura maior; aproximadamente 7,5 km de perímetro; 2,5 milhões de m<sup>2</sup> de superfície e 6,5 milhões de m<sup>3</sup> de volume líquido (SEMADS, 2001). Sua localização no município é precisamente na zona sul da cidade (Mapa 1 e Mapa 2). É sem dúvida tido como um dos mais belos panoramas da cidade, desde o início de sua ocupação até os dias atuais.

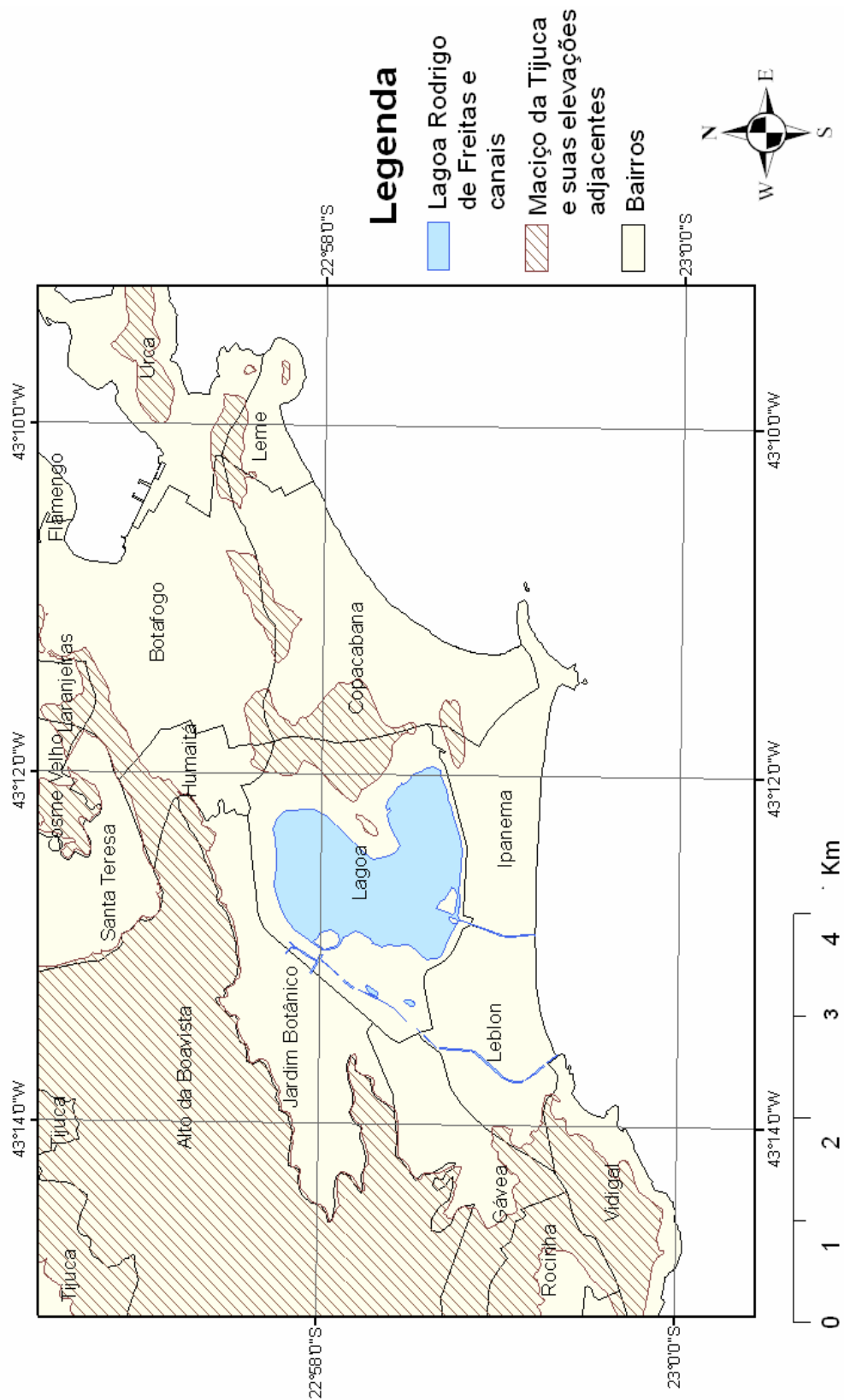
A Zona Costeira, aonde esta localizada a lagoa Rodrigo de Freitas é considerada Patrimônio Nacional, possui as mais altas densidades populacionais do país (CNIO, 1998). Esta zona constitui-se numa interessante área de análise, seja em uma dimensão ambiental, social, econômica e/ou cultural, palco das mais distintas atividades humanas e de peculiares características físico-ambientais.

A lagoa é circundada pelas avenidas Borges de Medeiros e Epiácio Pessoa e abriga parques, quadras de esportes, rинque de patinação, heliporto, pista para caminhadas, ciclovia. Tombada pelo patrimônio histórico do município, a lagoa é utilizada para competições náuticas e possui 2,5 milhões de metros quadrados de área, circundada por ciclovia pavimentada, com 7,5 km de extensão, possuindo em seu entorno os bairros de Ipanema, Leblon, Copacabana, Humaitá, Jardim Botânico e Gávea. Existem placas de sinalização que denotam mensagens sobre a qualidade do local (Foto 1).



Mapa 1:Localização do município do RJ (Base IBGE, 2005)

## Localização da Lagoa Rodrigo de Freitas



Mapa 2: Localização da Lagoa Rodrigo de Freitas na cidade do Rio de Janeiro (Base IPP, 2005)



**Foto 1:** Ciclovia ao longo da margem da Lagoa Rodrigo de Freitas. Utilizada para prática esportiva pelos freqüentadores da área. No lado esquerdo, a vegetação de mangue não possibilita, neste ângulo de visada da fotografia a visualização do espelho d'água da margem da lagoa um dos cenários pesquisados. Foto do autor, em abril de 2007.

O bairro da Lagoa é um dos bairros onde reside uma população de grande poder aquisitivo. Segundo Carvalho (1998), este local é uma das mais belas áreas da cidade, apesar de apresentar como relatado pelo autor, grande mortandade de peixes e eventualmente forte mau cheiro. Inúmeros estudos para resolver definitivamente a questão do saneamento da lagoa, que causam esses desastres ambientais, já foram feitos, porém continua o problema ainda sem solução.

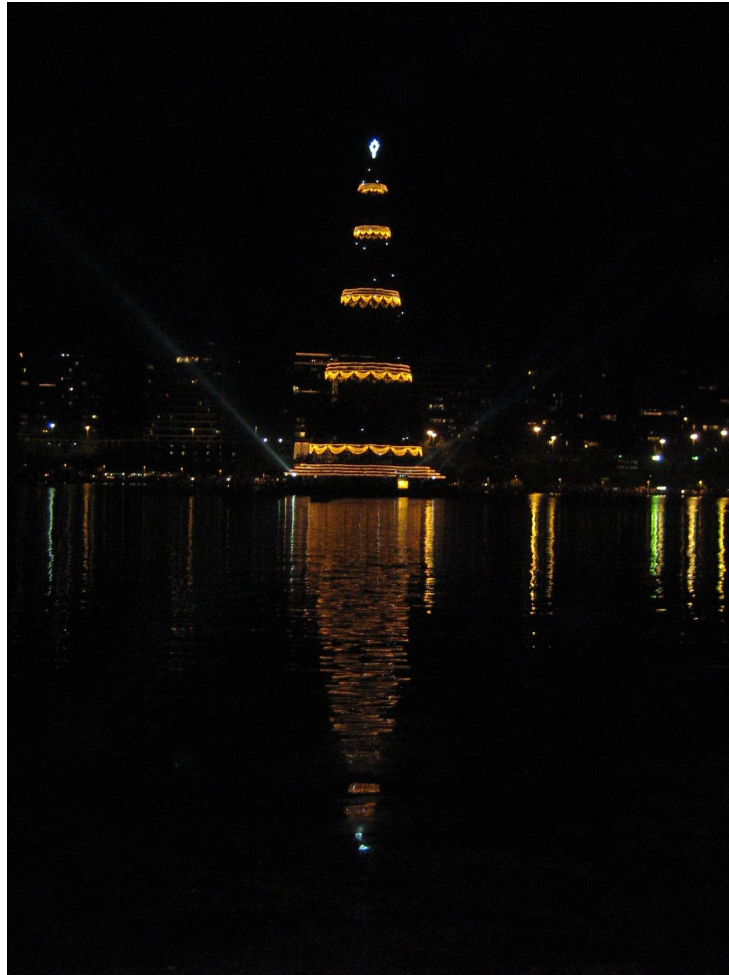
Estima-se, que circulem nas áreas próximas as margens da Lagoa durante o fim de semana quase 50.000 pessoas. Num sábado à noite, os quiosques podem receber de 3.000 a 8.000 visitantes (Foto 2), sendo que o valor estimado de usuários da Lagoa é da ordem de 25.000 pessoas /dia (KAIPERT, 2004; p.11).





**Foto 2:** Quiosques localizados ao longo Parque dos patins. Um dos vários parques da Lagoa. Durante toda semana atraem centenas de pessoas. Observa-se também uma ponte que liga a um píer utilizado como mirante para a observação onde é possível visualizar um dos cenários pesquisados. Foto do autor em abril 2007.

Além disso, às margens da lagoa durante o período de final do ano tornam-se locais de atração cultural, verificando-se ida de pessoas de diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Constata-se que de fato ocorre maior concentração de pessoas nas margens da lagoa neste período, devido à instalação de uma grande árvore de Natal no espelho d'água da lagoa (Foto 3). Essa árvore já se tornou uma tradição natalina da cidade do Rio de Janeiro. Cria-se durante o fim de ano um verdadeiro caos no trânsito nas ruas e avenidas de contorno e de acesso as suas margens, com estacionamentos irregulares de carros e o aumento da frequência dos visitantes (PAULO, 2006).



**Foto 3:** Árvore de Natal da Lagoa Rodrigo de Freitas.  
Atrai no final de ano centenas de pessoas para o entorno da lagoa para apreciação da árvore e da paisagem, causando problemas viários graves. Fonte: Jornal O GLOBO (dezembro/2006)

### **3.2 - Aspectos físicos**

A paisagem litorânea do Rio de Janeiro que produz cenários de grande apreciação é produto das mudanças do nível do mar em relação à costa, vinculadas aos processos de ajustamento morfológico pós-glacial (MUEHE, 1995). Segundo Muehe e Correa (1989) antigos cordões arenosos migraram em direção ao continente, até a posição atual, que ocupam, em consonância com a variação do nível do mar.

Para Muehe (1995), a formação das lagunas costeiras do litoral fluminense se deve à migração do cordão litorâneo para sua nova posição de

equilíbrio com o nível do mar, estabelecendo entre o mar e o continente a laguna costeira. Lagunas costeiras, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, tiveram sua origem a partir do afogamento dos antigos baixos cursos fluviais (AMADOR, 1997), que resultaram em enseadas, baías, estuários e braços de mar, que foram posteriormente barrados por cordões arenosos litorâneos (restingas), gerados por esses movimentos regressivos-trangressivos do mar, sendo posteriormente fechados pelo desenvolvimento desses cordões arenosos.

Por definição lagoa costeira é uma depressão contendo água salobra ou salgada que está separada do mar por uma barreira. Este corpo d' água recebe ao mesmo tempo, águas doces dos rios que nele deságuam e águas do mar que penetram na maré cheia (GUERRA, 2001).

A Lagoa Rodrigo de Freitas ora se comporta com uma típica laguna costeira por ser um corpo d'água salobro ligado ao mar por fluxo e refluxo de água através da abertura do Canal do Jardim de Alah, ora é uma lagoa quando o canal é fechado por sedimentação e se isola do mar, sem refluxo.

### 3.2.1 - Bacia Hidrográfica

Incluindo a Lagoa, sua bacia hidrográfica possui 32 km<sup>2</sup>, delimitada ao norte pela serra da Carioca e ao sul pelo Oceano Atlântico, é formada basicamente pelos rios Cabeça, Macacos e Rainha. Essas bacias são relativamente pequenas e homogêneas. . A lagoa é circundada por uma área altamente urbanizada que propicia a chegada às suas águas, por meio dos rios tributários, de uma carga poluidora considerável (KAIPERT, 2004,p.6).

A lagoa Rodrigo de Freitas apresentou uma redução de aproximadamente 1,4 Km<sup>2</sup> em sua área nos últimos 20 anos (atualmente 2,5 Km<sup>2</sup> de espelho d'água) e de quase 3 metros em sua profundidade média no último século tendo atualmente 2,8 m (SEMADS, 2001).

É importante ressaltar que as alterações são tantas na bacia hidrográfica que os valores representativos de sua morfometria são variáveis ao longo do tempo. Para Kaippert (2004), a lagoa Rodrigo de Freitas possui um perímetro de 7,8 km, espelho d'água de 2,5 km<sup>2</sup> , com profundidade média de 2,80 metros e máxima em torno de 4 metros, com volume aproximadamente de

6.2000 m<sup>3</sup> . A lagoa é ligada ao mar pelo canal do Jardim de Alah, com 800 metros de comprimento, largura variando de 10 e 18 metros e a cota de fundo de -0,70 metros.

Ela é a lagoa mais urbanizada do município do Rio de Janeiro é completamente cercada por edificações. Apresentando uma bacia hidrográfica formada por rios canalizados em seus baixos cursos, e tendo o seu ritmo de cheia e vazante controlado artificialmente por um regime de fechamento e abertura de comportas em sua única conexão com o mar, o canal artificial do Jardim de Alá.

Após sucessivos aterros, o espelho d'água da Lagoa foi tombado pela prefeitura da cidade, em 1986, com área atual de 2.000.000m<sup>2</sup>. A perda do espelho d'água deveu-se mais aos aterros na margem do que o assoreamento generalizado. Foi sendo verificada uma diminuição da área muito maior nas menores profundidades, ou seja, próximo às margens (ANDREATA e MARCA, 1996 e ANDREATA, 2001).

Na foz dos rios Macacos e Cabeça, junto a Ilha Piraguê, existe uma tendência de assoreamento e formação de bancos de areia. Este fenômeno é devido ao carreamento de material sólido pelos rios, que com a diminuição da velocidade nesse local cria condições de deposição (ARAGON et al., 1986).

A ligação da Lagoa com o mar, do Canal do Jardim de Alah atravessa um cordão litorâneo e separa as praias de Ipanema e Leblon. Esse canal artificial tem cerca de 800 metros de comprimento e larguras compreendidas entre 10 e 18 metros. Neste canal, a soleira da comporta está na cota -0,88m (ANDREATA, 2001), e tem atualmente lâmina d'água muito pequena, sendo que na maior parte do tempo a sua embocadura apresenta-se assoreada devido à ação do transporte litorâneo resultante da agitação marítima (ANDREATA, 1996).

### 3.2.2- Geomorfologia

A Geomorfologia do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas possui a influência do Maciço da Tijuca que representa, na cidade do Rio de Janeiro, uma das áreas de maior elevação topográfica. O Maciço da Tijuca é formado por um conjunto de serras e montanhas aonde está instalado o **Parque**



**Nacional da Tijuca**<sup>1</sup> (Foto 4), com inúmeras espécies da fauna e flora características da Mata Atlântica. O maciço apresenta-se com relevo montanhoso, no qual predominam as rochas compostas de gnaiss, com presença eventual de massas graníticas. O maciço se apresenta interrompido por diques de diabásio que sofreram maior desgaste pelo intemperismo, originando gargantas e vales entre as montanhas.. Segundo Fernandes (1998), as formas de relevo observadas da Lagoa Rodrigo de Freitas compreende a subdivisão de Serra da Carioca na vertente sul do maciço da Tijuca.



Foto 4: Abrangência da vertente sul do Parque Nacional da Tijuca. Indicada pela linha postada sobre os topos das montanhas do maciço. A localização da Lagoa aparece sinalizada pela seta.

Fonte: Parque Nacional da Tijuca. In:

[http://www.terrabrasil.org.br/pn\\_tijuca/pnt\\_3.htm](http://www.terrabrasil.org.br/pn_tijuca/pnt_3.htm)

---

<sup>1</sup> O Parque Nacional da Tijuca foi criado em 1961 e compreende uma área de 3.300 hectares na qual se insere a Floresta da Tijuca. Entre os pontos turísticos do Parque, além de trilhas, grutas e cachoeiras, encontram-se marcos famosos da cidade, como a Pedra da Gávea, o Corcovado, e o Pico da Tijuca, ponto mais alto do parque, 1.022 metros acima do nível do mar. Atualmente, é gerido de forma conjunta pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. É o segundo maior parque urbano do mundo somente superado pelo Parque Estadual da Pedra Branca na mesma cidade.

Os divisores de drenagem que limitam a área da bacia vão desde o Arpoador, passam pelos cumes dos Morros do Cabrito e Saudade, até os Morros do Corcovado, Alto do Sumaré, Pico da Carioca, Morro do Queimado, passando pela Mesa do Imperador, Morro Dois Irmãos, o Alto Leblon e voltando até a praia. A Bacia da Lagoa Rodrigo de Freitas pode ser dividida em dois compartimentos geomorfológicos distintos (ANDREATA, 1996): o Maciço Costeiro (encostas drenadas pelos rios que descem do Maciço da Tijuca) e Planície Costeira (área que vai do sopé das encostas do maciço até o mar).

Os principais aspectos geomorfológicos do modelado carioca que podem ser caracterizados em referência a Coelho Netto , que assim descreve:

A cidade do Rio de Janeiro possui dois domínios fisiográficos principais: o relevo montanhoso representado pelos maciços da Pedra Branca, da Tijuca e Gericinó e as zonas de baixadas circundantes denominadas localmente de Santa Cruz, Jacarepaguá e Fluminense. Na faixa litorânea, os cordões de restingas individualizam formações lagunares de pequena profundidade (2,5m), destacando-se as lagoas de Jacarepaguá, Tijuca, Camorim e Rodrigo de Freitas. Cerca de 11% da área total das lagoas cariocas estão ocupados por manguezais (Coelho Netto, 1992 ,p 109).

E quanto à gênese geológica, a autora complementa:

A origem dos sistemas de montanhas e das terras baixas do Rio de Janeiro tem sido associada (...) a falhamentos paralelos à costa ocorridos por volta dos 65 milhões de anos atrás (Terciário Inferior). Os blocos soerguidos constituíram as montanhas, as quais, desde então, têm fornecido sedimentos para a formação dos depósitos mais recentes, parte dos quais preencheu as áreas mais baixas circundantes. Como resultado do trabalho erosivo e deposicional, tanto nas encostas montanhosas como nas áreas mais baixas e fundos de vales fluviais, tem-se a configuração atual do relevo (...).Coelho Netto, 1992 ,p.72).

A área onde se localiza a lagoa Rodrigo de Freitas é compreendida pela vertente sul do Maciço da Tijuca (FERNANDES, 1998). Ainda segundo ele, este maciço possui uma área, delimitada acima da cota 40 m, de 118,7 km marcada por um relevo montanhoso, que pode ser subdividido em cinco grandes sub-sistemas hidrográficos (setores), os quais possuem distintos

arranjos a nível biótico, abiótico e de ocupação humana. Assim descritos pelo autor:

De uma maneira geral estes setores encontram-se ambientalmente degradados, face às condições de remoção florestal proveniente de desmatamentos, queimadas e ocupações desordenadas, apresentando também boa parte de seus rios em regime temporário. Estes cinco sub-sistemas ou setores drenam em direção à Baía de Guanabara (setores 1 - Norte e 2 - Nordeste), à lagoa da Tijuca ou de Jacarepaguá (setores 4 - Sul e 5 - Oeste), à lagoa Rodrigo de Freitas ou diretamente para o oceano (setor 3 - Leste).(Fernandes, 1998, p.127).

O Maciço da Tijuca representa apenas uma pequena parcela dos inúmeros blocos falhados dentro da grande faixa móvel que originou as rochas do sudeste brasileiro, denominada Faixa Ribeira. O Maciço apresenta um embasamento pré-cambriano constituído predominantemente de diversos tipos de gnaisses e intrusões de granito na sua porção leste (Costa, 1986) com nítido controle estrutural sobre a sua morfologia. O controle estrutural deste relevo define a prevalência de encostas convexas e retilíneas, estimulando um aumento na energia do relevo e um processo erosivo que fornece sedimentos que se acumulam em depósitos mais recentes, localizados nas áreas mais baixas.

De acordo com Pires e Heilbron (1989), o Maciço da Tijuca em sua parte denominada de Serra da Carioca que produz a maior parte das formas topográficas visualizadas na Lagoa Rodrigo de Freitas é constituído principalmente por rochas do tipo gnaiss facoidal, biotita gnaiss, kinzigito, ortognaiss (gnaiss Archer) e granito (granito Favela). De acordo com os autores citados e Silva et al. (1991) incluem outras rochas, de ocorrência mais restrita, tais como: quartzitos, pegmatitos, charnoquitos, diques de diabásio, diques de alcalinas e brechas tectônicas.

### **3.3– Os aspectos históricos e o processo de ocupação**

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o local onde hoje se localiza a Lagoa Rodrigo de Freitas era ocupado por indígenas da tribo

Tupinambá, que já utilizam o local para vários usos como pesca e caça (TRANJAM, 1997; p.50).

A lagoa era conhecida pelos portugueses como “a lagoa dos socós”. A área da lagoa era então de 3 milhões e 500 mil m<sup>2</sup>, era um imenso viveiro de peixes e um canal de 200 m de largura garantia de renovação constante das águas. Por ordem do rei de Portugal, o Governador Antonio de Salema comprou de Diogo de Amorim Soares uma vasta zona de terras e construiu o Engenho de N. Sra. da Conceição, transferindo-o posteriormente a Sebastião Fagundes Varela. Dos seus descendentes passaram, o Engenho e as terras, à propriedade de Rodrigo de Freitas Castro, fidalgo da Casa Real, falecido em 1748, quando então, tornou-se Senhora do Engenho, D. Maria Leonor Freitas de Mello e Castro, sua herdeira. Na segunda metade do século XVIII, a lagoa passou a ser chamada, então, Lagoa Rodrigo de Freitas.

A ligação com o mar foi um problema recorrente e o próprio D. João VI, em 1813, ordenou a abertura de valas, no mesmo local onde está hoje o Jardim de Alah, para impedir a morte de peixes.

Além de bom pesqueiro, a lagoa sempre serviu aos cariocas. Foi no seu entorno onde primeiro se plantou a cana de açúcar e fabricou açúcar, na cidade do Rio de Janeiro. Depois, com a chegada da comitiva real, em 1808, ali foi instalada a primeira fábrica de pólvora da colônia e criado o Jardim da Aclimação, hoje Jardim Botânico. Para construir no local, o Príncipe Regente indenizou a família do fidalgo Rodrigo de Freitas Castro e Mello, que dá nome à lagoa até os dias de hoje (TRANJAM, 1997; p.109).

Sucessivas melhorias foram feitas ao longo do século XX: o primeiro saneamento feito pelo prefeito Pereira Passos em 1906; a ressalinização das águas promovida por seu sucessor, Paulo de Frontin no ano de 1918; e a urbanização promovida por Carlos Sampaio em 1922. Nessa época, apesar dos aterros (Foto 5), a área da Lagoa chegava às ruas Humaitá, no bairro de Botafogo, e Marquês de São Vicente, na Gávea.



Foto 5: Fotografia onde se visualiza um aterro promovido pela administração Carlos Sampaio em 1922, com vias de urbanização da orla da Lagoa .

Fonte: [www.rioantigo/almacarioca.com.br/lagoa](http://www.rioantigo/almacarioca.com.br/lagoa)

A partir de então, a Lagoa Rodrigo de Freitas perdeu quase a metade de sua área original. Diversas administrações da Cidade do Rio de Janeiro realizaram vários aterros na Lagoa alterando seu contorno. Por ocasião da construção do Estádio do Maracanã nos anos 50, a Prefeitura permutou uma área aterrada da Lagoa com a área do antigo Derby Clube no bairro do Maracanã de propriedade do Jôquei Clube. Para efeito dessa permuta foi executado um aterro de cerca de 150.000m<sup>2</sup> na Lagoa. Verifica-se pela quantidade de projetos, quantas alterações sofreram as margens da Lagoa ao longo de sucessivas administrações. Existem casos, até de remoções de favelas para uma melhoria dos aspectos visuais do cenário da Lagoa como ocorreu com Morro da Macumba nos anos 70 (Foto 6).

Por outro lado, clandestinamente foram aterrados, durante os últimos 40 anos, partes substanciais da orla e aumentadas às superfícies das ilhas. Primitivamente o mar chegava até a Lagoa, que se constituía em uma enseada. Com o passar dos anos, as águas do mar começaram a ter dificuldades em vencer a faixa de areia entre a praia e a Lagoa, ocupada pela

avenida e construções. A abertura e a manutenção do canal do Jardim de Alah permitem a troca de água com o mar, mas a lagoa passou a sentir os efeitos de estagnação.

Estima-se que 1/3 da Lagoa tenha sido aterrada, descaracterizando seu entorno devido à perda da vegetação original e grande parte da fauna. A rede de drenagem também sofreu modificação, devido às canalizações de rios e retificações de canais, alterando com isso, a área de contribuição da bacia. A medida que a densidade urbana aumentou o despejo de esgoto e lixo tornou-se maior e a qualidade dos sedimentos que chegavam a Lagoa também piorou (AMBIENTAL, 2002).

Em 1975, a lagoa e sua orla foram tombadas pelo patrimônio histórico. Um decreto do prefeito Marcos Tamoyo proibiu qualquer alteração na linha do espelho d'água e restringiu as construções na área. O alinhamento de suas margens permitia a sua utilização somente para a construção de área de lazer. Nessa época foi criado o Parque da Catacumba, na área antes ocupada pela favela de mesmo nome. Hoje, a área tornou-se o único parque de esculturas do mundo, com mais de 30 trabalhos doados por artistas famosos, como Caribé, Bruno Giorgi, Krajcberg, Mario Cravo, Remo Bernucci, Roberto Moriconi, Franz Weissman e outros (PCRJ, 1997 e 1998).





**A**



**B**

Foto 6: Morro da Macumbá em dois momentos. No primeiro momento nos anos 60 do século XX com a favela da Macumbá formada por população de baixo poder aquisitivo, que posteriormente foi removida (A). No segundo momento (B), temos a atualidade, onde não se nota a presença da favela, mas de prédios de população de alto poder aquisitivo e da apropriação da margem da lagoa para um palco e espaço destinado às atividades culturais.

Fonte: [www.almacarioca.com.br/fotosantigas/lagoa](http://www.almacarioca.com.br/fotosantigas/lagoa).



Foto 7: Esquema da área aterrada (em cor de laranja) na denominada Lagoa Rodrigo de Freitas desde o início da ocupação na zona Sul da cidade.  
Fonte: IPP (2007) In: <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/eurbana/>>

A ocupação urbana da Lagoa se concentra nas áreas mais planas e contíguas aos eixos de penetração viária. Ressaltam no cenário lagunar concentrações demográficas com ocupações de favelas em áreas mais elevadas (KAIPPERT, 2004; p.11).



### 3.4 - Cenário 1 - Tom Jobim

O cenário 1 localiza-se no parque Tom Jobim na margem oeste da lagoa, num mirante na forma de píer (Foto 8). Este parque apresenta uma boa infra-estrutura para o lazer dos freqüentadores com a presença de quiosques, aluguel de bicicletas e triciclos. Trabalhadores de renda informal também chamados de “ambulantes” proporcionam entretenimento e venda de lanches. A área complementar ao parque e próxima ao mirante também recebe outra denominação pela prefeitura como “Espaço Vitor Assis Brasil”.



Foto 8: Mirante no Parque Tom Jobim. Visualizam-se freqüentadores descansando. Ao fundo temos a presença de quiosques que servem a este parque. Foto do autor, março de 2008.

Toda a área próxima recebeu nos últimos anos grandes investimentos públicos e privados se tornando um local de forte atração turística, gerando uma forte atratividade para os moradores dos bairros próximos e também para visitantes e turistas da própria cidade e de outros locais. Também existe neste parque, um heliporto que promove passeios ao longo da área costeira da cidade do Rio de Janeiro, tendo a própria Lagoa como um dos seus pontos de observação e contemplação da paisagem e belezas cariocas.

O parque fica próximo à Avenida Borges de Medeiros, que se liga mais adiante ao Túnel Dois Irmãos. Estas duas vias urbanas são importantes

acessos aos bairros litorâneos da Baixada de São Conrado e da Baixada de Jacarepaguá, sendo a região da cidade do Rio de Janeiro, que têm sofrido franca expansão imobiliária nos últimos 20 anos.

O cenário visualizado do mirante pelos contempladores apresenta como destaque a lagoa e uma série de elevações denominadas como: Morro da Saudade, Morro dos Cabritos e Morro do Cantagalo (Foto 9). Estas formas de relevo possuem uma forte presença na visualização do contemplador e são facilmente identificadas por placas (Foto 10).



Foto 9: Morro da Saudade (1) e Cantagalo(2), cenário visualizado a partir do mirante do parque Tom Jobim pelos contempladores. Foto do autor, abril de 2007.

Placas confeccionadas pela Prefeitura que ficam localizadas próximas no mirante (Foto 10), reproduzem e dão os nomes dos locais que dali podem ser vistos, incentivando a observação e a identificação dos mesmos



Foto 10:Placa de sinalização elaborada e fixada pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Onde se destacam as formas de relevo e os principais bairros. Foto do autor, abril de 2007.

Neste cenário não se observa a presença de intensa vegetação no plano montanhoso. Este plano consiste na vertente sul do Maciço da Tijuca, como citado anteriormente, onde o substrato rochoso é por deveras antigo, datados do pré-cambriano, sendo constituído por gnaisses e intrusões de granitos (FERNANDES, 1998).

Na vegetação temos a presença de árvores de pequeno porte que certamente ali foram introduzidas durante a construção do parque. Todo parque se constitui de uma área que teve alterações paisagísticas promovidas



pela Prefeitura nas últimas décadas, principalmente com o decreto que a tornou parque municipal (PCRJ, 1997).

Segundo Andreatta (2001, p.67) a vegetação predominante em todas as margens da Lagoa Rodrigo de Freitas é a de mangue, sendo um tipo de vegetação resultante do encontro de águas provenientes do continente com águas marinhas. Isso foi comprovado durante o trabalho de campo de seleção dos cenários e o posterior de aplicação dos questionários. Próximo ao mirante de contemplação do cenário, a presença da vegetação de mangue é quase inexistente. Há intensa manutenção do parque promovida pela companhia de limpeza urbana da cidade (COMLURB), que poda a vegetação para não tirar das pessoas a visão da lagoa em locais específicos, como comprovado em campo (Foto 11).



Foto 11: Draga utilizada pela Companhia Municipal de Limpeza ( COMLURB). Esta draga faz o serviço de limpeza das margens da lagoa e também o da poda do mangue. Foto do Autor, março de 2008

O espelho d'água da lagoa possui um forte apelo visual que se destaca para os contempladores. No cenário é nítida a sua participação. Além disso, como citado, o mirante consiste num píer (pequeno cais), que se projeta em direção ao corpo aquático, propiciando uma melhor observação do cenário por não ter ao seu lado e a sua frente nenhum obstáculo.

### 3.5 - Cenário 2 – Cantagalo

O segundo cenário é contemplado no mirante do Parque do Cantagalo margem leste da Lagoa, sendo também um píer construído pela prefeitura da cidade (Foto 12). Possui uma infra-estrutura menor e menos destaque do que o parque Tom Jobim.

Neste parque temos a presença de: quiosques, vendedores ambulantes e o aluguel de pequenos botes para passeio na lagoa. Todavia, como verificado em campo, através dos freqüentadores, com dados obtidos durante a pesquisa bibliográfica e na aplicação dos questionários, o fluxo de freqüentadores é menor. Há também no local modesta sinalização, situação contrastante ao outro parque, em que a própria Prefeitura valoriza o cenário produzido pelas formas topográficas e os bairros próximos. Neste parque não se localizou nenhum tipo de sinalização que possa valorizar o cenário propiciado pelo mirante, deve-se ressaltar que todo o parque carece de sinalizações e placas informativas.

Este mirante utilizado para contemplação, ou seja, o píer, é dividido com aluguel de barcos, fato que não ocorre no outro píer, onde o objetivo contemplativo para o cenário acaba sendo priorizado. Muitos freqüentadores utilizam o mirante constituído pelo píer apenas com o intuito de alugar pedalinhos e não para uso contemplativo. Existem freqüentadores que trabalham no mirante e se tornam também freqüentes contempladores do cenário.



Foto 12: Pier no Parque do Cantagalo utilizado como mirante pelos frequentadores. Observa-se nitidamente o seu diverso uso além da contemplação do cenário como presença de barracas de pedalinhos e venda de Lanches. Foto do autor, março de 2008.

O parque fica próximo ao local denominado de corte do Cantagalo, uma importante via de acesso aos bairros de Copacabana, Ipanema e as praias da zona sul carioca. Cada bairro citado constituiu-se, dentro da cidade do Rio de Janeiro, de uma área de ocupação que remota a década de 40 e 50 (ABREU, 1997). Atualmente, são bairros de alto poder aquisitivo e de forte atração turística para a cidade. Porém, a área próxima ao parque do Cantagalo teve intensificada a ocupação urbana por uma população de maior renda, atraída pela remoção da favela da Catacumba, nos anos 60, como citado anteriormente.

Em relação também à ocupação, verificou-se que ela também foi forte à margem da Lagoa oposta a este ponto de contemplação. Na paisagem vista em frente, os prédios se constituem notadamente em uma barreira para o relevo que se eleva na parte posterior a eles. Sendo estas elevações: o Morro dos Cabritos e do Cantagalo.

Estas elevações ainda se constituem como formações geomorfológicas ligadas ao Maciço da Tijuca (FERNANDES, 1998). Porém, sua visualização está parcialmente escondida pelos prédios que se projetam em sua frente.

O corpo aquático se valoriza de forma contundente, as formas de relevo colocadas são visualmente valorizadas num terceiro plano. A escolha deste mirante de observação do cenário foi feita em oposição ao cenário Tom Jobim, onde ao se observar a paisagem, notam-se claramente as formas de relevo. A própria localização deste mirante se constitui na margem oposta ao cenário Tom Jobim (Mapa 3).

A vegetação se faz presente na parte montanhosa oposta ao cenário visualizado no mirante estruturando-se junto com os prédios num contraste entre o natural e o antrópico. Como relatado não estão no ângulo de visão dos contempladores, sendo oposto ao pesquisado. O mangue se apresenta próximo ao mirante e visualizado próximo ao longo de uma caminhada e não diretamente na amplitude de visão do observador que contempla o cenário pesquisado, sendo podado constantemente pela prefeitura como verificado anteriormente (FOTO 11).

## 4- METODOLOGIA

### 4.1- Definição de métodos

Para utilização do método misto preconizado por Pires (1997, 2005) foi elaborado um questionário para atender aos objetivos do trabalho. O método misto propõe uma análise de respostas subjetivas de um conjunto de pessoas e obtenção dos componentes da paisagem, que desencadeiam uma resposta objetiva através de uso de substitutivos (elementos que podem substituir a visualização in loco) e da contemplação da paisagem.

Definiu-se por contempladores da paisagem os freqüentadores dos mirantes que se constituíram nesta pesquisa de pequenos piers de contemplação da paisagem da Lagoa. Estes locais foram selecionados por observação do pesquisador e por placas de sinalização que apontavam como locais de visualização da paisagem.

Foram feitos três trabalhos em campo. O primeiro para determinação do mirante de pesquisa com registro fotográfico e os outros para aplicação dos questionários e apresentação deste registro aos freqüentadores.

#### 4.1.1 – Elaboração e aplicação do questionário

O questionário foi elaborado visando obter dos contempladores da paisagem dados quantitativos e qualitativos (Anexo 1), sendo dividido em três blocos, cada um focando aspectos específicos a saber:

##### A) Descrição dos dados gerais do entrevistado:

Nesta etapa priorizou-se traçar com perguntas objetivas as características do freqüentador da lagoa (faixa etária, procedência e grau de escolaridade). Além disso, foram perguntadas e anotadas as descrições feitas relativas ao conhecimento do contemplador sobre a lagoa. A necessidade de uma caracterização do entrevistado é necessária já que não é uma subjetividade controlada como feita por Gama (2004). Isso relata a



necessidade da interpretação da realidade já descritos em outros estudos de qualidade visual como Jordana (1992), Pires (2005) e Gama (2004), que consideram o grau de escolaridade e a faixa etária como fatores de compreensão da realidade na construção de respostas. Já as procedências têm o objetivo de se verificar ou comprovar dados da PCRJ (1997), que apontam a diversidade de freqüentadores na área da Lagoa Rodrigo de Freitas.

#### B) Dados avaliativos:

Descrição e obtenção dos motivos do contemplador em utilizar o espaço da lagoa, criando classificações para as suas respostas. Elaboração dos motivos de atração do contemplador para os mirantes e para a observação do cenário. Tuan (1983), Azevedo (2000), Ocaña (2004) e Pires (2005) relatam que os motivos de atração são por demais variados, existindo graus de atratividade.

C) Questionamento ao entrevistado sobre elementos que se apresentam com maior destaque no cenário com posterior classificação destes.

Objetivando apresentar o valor do relevo num cenário. Pires (2005) e Gama (2004) apontam que os elementos de singularidade podem ser obtidos por descrições da paisagem. Pires (1996 e 2005) relata que ocorrências naturais podem se tornar pontos de atração visual. Por isso, o objetivo foi verificar se existem ocorrências naturais que apareçam como elementos de singularidade.

C) Obtenção do elemento singularidade.

O elemento singularidade segundo os autores balizadores da pesquisa é um elemento de difícil compreensão e aquisição, pois depende de aspectos obtidos de forma subjetiva ao entrevistado.

Este elemento possui um grande peso nas avaliações de qualidade visual, como discutido por Pires (2005) e anteriormente por Canteras (1992). A observação de uma paisagem e o seu entorno são de grande importância para

avaliação do elemento de maior notabilidade na paisagem. Gama (2004) confirma que existem elementos naturais que podem obter maior atratividade visual do que outros, sendo este elemento descrito como singularidade por Pires (1996 e 2005).

Para aplicação do questionário verificou-se a necessidade de apresentar este elemento de forma simples e objetiva para o entrevistado, com perguntas diretas e objetivas elaboradas pelo pesquisador.

Os elementos que visualmente possuem uma acentuada presença nos cenários pesquisados foram previamente selecionados pelo pesquisador. Estes, então, foram classificados em:

- Montanhas e seu formato.
- Interferência humana e,
- Lagoa.

O questionário mostra a percepção do entrevistado e a classificação do cenário é elaborada através do olhar do pesquisador. Neste caso, elementos antrópicos e naturais como apontado por Pires (1993 e 2005) se traduzem em respostas subjetivas dadas pelos contempladores, que indiretamente apontam para elementos que se destacam em cada cenário, pois atraem a visão por serem de fácil observação. Não houve uma separação entre elementos antrópicos e naturais, porque são singularidades que integram e participam de um todo nos cenários pesquisados.

D) Os entrevistados escolhem adjetivos para o cenário.

Os adjetivos foram escolhidos e analisados através das aplicabilidades do método de Ceotma (1984) e Bernaldéz (1981) que atribuem valores adjetivados às metodologias de qualidade visual. Ainda consistem numa adaptação do método direto de valoração da paisagem trabalhada e elaborada por Pires (1997) e Gama (2004). A valoração da paisagem se baseou nas emoções e surpresas em determinadas áreas com alto grau de subjetividade.

A subjetividade controlada avaliada através de adjetivos mostrada nos trabalhos de Ceotma (1984) e Bernaldéz (1981) foi modificada para classificar

controladamente os cenários. Neste caso, optou-se por uma redefinição dos termos devido a complexidade apontada pelos autores, sendo utilizadas palavras de fácil compreensão. Os adjetivos então foram classificados em: agradável e desagradável (PIRES, 1997; GAMA, 2004).

O adjetivo agradável constitui-se quando o elemento analisado é considerado admirável, configurando-se como qualidade ou potencialidade na paisagem e retorna a atração denotando uma sensação além do visual sendo mais física para o freqüentador, aliviando também os outros sentidos como olfato e audição (CEOTMA, 1984).

O adjetivo desagradável desvaloriza o cenário, quando o elemento componente analisado é considerado pobre ou conflituoso, problemático ou ameaçador para a qualidade da paisagem atraindo para o contemplador além de uma repulsa visual, uma repulsa física que são acentuados pelos sentidos do olfato e audição (CEOTMA, 1984; LYNCH; 1997).

E) Apresentação de fotografias ao entrevistado com melhor apelo visual.

Na etapa final de aplicação do questionário foram apresentadas fotografias previamente selecionadas após um primeiro trabalho em campo, estas eram representações fotográficas das paisagens que podem ser vistas dos locais das entrevistas.

Foram apresentadas ao contemplador duas fotografias, cada uma representando um cenário, questionando ao entrevistado qual detinha o maior apelo visual, reforçando a necessidade de instrumentos de valoração da qualidade visual como sugerido por Canteras (1992), Gama (2004) e Pires (1993, 1996 e 2005). Gama (2004) apresentou a utilização de instrumentos para valoração da qualidade visual no sentido do planejamento territorial. A utilização de vídeos e fotografias em seu trabalho denotou sugestões aprimoradas no sentido de aplicações de como verificar o apelo visual. Apresentou, ainda, fotografias como instrumento de grande praticidade e que facilitam a tradução mais natural de uma paisagem.

#### 4.1.2 – Procedimentos em campo

Em campo foram realizados os registros fotográficos, sendo selecionadas duas fotografias, feita avaliações sobre os freqüentadores do local e da forma de obtenção e abordagem na aplicação dos questionários. O universo de pesquisa foi resultado de uma amostragem, tendo como preocupação conseguir uma primeira noção das sensações das pessoas quanto a paisagem que contemplam.

Ocorreu o ensaio fotográfico prévio dos cenários no primeiro campo com registro em câmera digital Kodak easy share c743 com 7.0 megapixels de resolução de imagem. A câmera foi colocada em um tripé fixo com altura aproximada de 1,5 metros. O zoom da câmera não foi utilizado. A utilização de fotografias serve como instrumento para determinação do local com maior atratividade seguindo a perspectiva de Donnis (1991), Canteras (1992) e Pires (2005). Cada autor relata que a fotografia deve apresentar uma resolução próxima à realidade a ser trabalhada. O ângulo de visão do contemplador foi 180 ° em direção a lagoa, como proposto no trabalho de Donnis (1991).

Foram selecionados dois locais utilizados como mirantes para contemplação dos cenários. A justificativa da escolha destes dois mirantes é a oposição entre um cenário e outro. Cada mirante constitui-se de pequenos “píers” e estão localizados no sentido de visualização do corpo aquático da Lagoa, em primeiro plano, mas em sentidos opostos (Mapa 3). O objetivo foi mostrar se o relevo é ou não um aspecto significativo nos cenários observados, sugerido na hipótese de trabalho.

O primeiro mirante de cenário se localiza no Parque Tom Jobim na margem oeste da Lagoa Rodrigo de Freitas, sendo utilizado para contemplação de um cenário que foi denominado cenário 01(Tom Jobim).

O segundo mirante se localiza no Parque do Cantagalo na margem leste, e consiste, também, em um píer utilizado para contemplação do cenário e local de saída de pequenas embarcações, que foi denominado de cenário 02 (Parque Cantagalo).

**Mapa 3:** Localização dos cenários Tom Jobim e Cantagalo na Lagoa Rodrigo de Freitas.

No primeiro cenário observado do mirante ocorre uma forte presença das formas de relevo. Já no segundo mirante ao se observar o cenário temos a presença do relevo com menos destaque. Pode-se, então, verificar como a forma de relevo valoriza ou não um cenário numa determinada área, comparando um mirante com forte presença de relevo no cenário e outro com menor presença.

A opção metodológica no trabalho para definir quem seria entrevistado era verificar como os freqüentadores se postavam ao chegar ao local de interesse, de modo a poder contemplar a paisagem produzida pelo cenário, sendo uma amostragem experimental que permite obter informações neste universo e inicia discussões.

Foram aplicados os questionários nos dois cenários selecionados, sendo divididos em dois dias e horários diferenciados. No primeiro mirante, os contempladores foram entrevistados entre 8 e 10 horas da manhã e 15 e 17 horas na tarde do dia 08 de março de 2008. No segundo mirante, os questionários foram aplicados nos mesmos horários do dia seguinte. A opção de escolha desse momento foi por ser na época de verão e em horários de menor incidência solar e temperatura mais amena, proporcionando assim maior conforto visual. O universo de pesquisa já previamente escolhido no primeiro campo se caracterizou como já foi dito, pelos freqüentadores que estavam em determinado momento contemplando o cenário, sendo denominados no âmbito da pesquisa como contempladores.

A apresentação da fotografia para determinação do cenário com maior apelo visual pelo registro fotográfico era realizada após o término do questionário. Isso foi feito de forma proposital para verificar se após os questionamentos sobre o local existiria alguma nova percepção sobre o cenário observado ou sobre outro cenário que poderia ser mais aprazível.

Foram aplicados no total 75 questionários nos dois mirantes. A interpretação dos dados obtidos através dos questionários e a descrição dos cenários apresentados foram realizadas em gabinete. Destacaram-se também as principais características observadas em campo pelo olhar do pesquisador conforme preconizado por Gama (2004).

Selecionou-se, nesta pesquisa, como cenário os mirantes situados no Parque Tom Jobim e Cantagalo, pertencentes à Lagoa Rodrigo de Freitas,

localizados em suas margens. Os usuários participantes deste estudo não foram pré-selecionados. Foram utilizados todos os usuários contempladores da paisagem que estavam nos mirantes escolhidos nos momentos da pesquisa. A definição de contemplar remete a idéia de olhar, observar, atenta, admirar e apreciar, segundo a definição do Aurélio(2000).Neste momento, os questionários foram aplicados.

O universo da pesquisa são os indivíduos que estão contemplando cenários visualizados na paisagem (área de pesquisa selecionada pelo pesquisador). A utilização do questionário também é trabalhada por Gama (2004), porém através de método indireto, inadequado ao ambiente pesquisado, devido ao grande afluxo de freqüentadores.

## 4.2 – Material e método

Elaborou-se, primeiramente, uma descrição das particularidades observadas pelo pesquisador no ambiente de estudo durante o campo realizado em dois momentos do mês de março de 2008. As observações do pesquisador consideraram os métodos de PIRES (1995) e GAMA (2004), como norteadores para escolha, além dos trabalhos de Smardon (1980), Ceotma (1984), Pires (2005) e Ocaña(2004).

Os cenários foram avaliados através de um relato dos principais aspectos que facilmente são visualizados num primeiro plano pelo pesquisador. Consiste numa descrição superficial dos elementos que se apresentam na construção da paisagem conforme descrito por Côrrea (1998), se destacando neste caso para o âmbito da pesquisa, a descrição do relevo, da infra-estrutura e os tipos de vegetação, seguindo as propostas de Machado(1999) ; Boullón (2002), Gama (2004) e Ocaña(2004). Estes autores apontam os elementos essenciais para a construção de um cenário a partir de um local de observação. O cenário é então interpretado como uma parte essencial, visível e indissolúvel da paisagem sendo visualizado a partir de um mirante.

Quanto aos freqüentadores, estes foram selecionados adotando como critério o de entrevistar apenas as pessoas que estavam no dia e horários de aplicação dos questionários, nos locais escolhidos, contemplando o cenário. Por isso, a denominação do grupo como contempladores. A análise e a interpretação dos dados destes contempladores foi feita através das respostas constantes nos questionário. Os contempladores foram incentivados a responder questões em que puderam avaliar subjetivamente a qualidade visual proporcionada pelos cenários construídos na Lagoa Rodrigo de Freitas e como as formas topográficas podem diretamente valorizar de forma gradativa e perceptiva este cenário. Além de apontar entre duas fotografias uma que representava um maior apelo visual.

### 4.2.1- Descrição geral dos cenários selecionados da lagoa

Os cenários foram selecionados adotando-se a perspectiva da metodologia Smardon (1980), Ceotma (1984), Pires (1996 e 2005),



Ocaña(2004), e Gama (2004). No caso, na escolha da área de análise, priorizou cenários que eram visualizados a partir de um mirante. O primeiro cenário deveria ter uma forte participação de formas topográficas. Já o segundo cenário também contemplado de um mirante, não deveria possuir uma participação do relevo e de suas formas de relevo de modo tão nítido,

Todo o entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas consiste em uma área intensamente alterada pela ocupação e de uma infra-estrutura razoável em relação às atividades de lazer, passeio e turismo, que favorece a apreciação e o descanso de moradores e visitantes. A própria prefeitura da cidade do Rio de Janeiro decretou o entorno do corpo aquático como um parque municipal, onde são instalados vários equipamentos para lazer, diversão e esportes (PCRJ, 1997).

Cada cenário selecionado era tradicionalmente, ou após intervenções de obras financiadas pela prefeitura do Rio de Janeiro, um mirante de observação para os freqüentadores contemplarem a paisagem. Estes mirantes de contemplação do cenário não possuem restrições para a observação sendo também utilizados, como uma forma de descanso de uma jornada semanal estafante ou como local de registro fotográfico. Além disso, os mirantes para esta contemplação do cenário ficam próximos a importantes vias urbanas da cidade do Rio de Janeiro, que facilitam a entrada de visitantes e moradores de outros bairros da cidade e municípios limítrofes, de outros estados ou países.

## 5- ANÁLISE E RESULTADOS

### 5.1- Avaliação dos contempladores

O perfil dos freqüentadores da lagoa é variado, consistindo numa heterogenia de moradores da cidade do Rio de Janeiro, de outros municípios, estados e até países. Segundo dados da PCRJ (1997), o entorno da lagoa é um local de forte atração para várias pessoas por causa da infra-estrutura de lazer que se apresenta nos parques, como nas várias campanhas privadas e públicas, que destacam as belezas naturais do local, isso é verificado acessando vários jornais e sites sobre a cidade do Rio de Janeiro ou em órgãos de turismo da cidade (PCRJ 1997, 2004 e 2005).

O trabalho se restringiu aos freqüentadores que buscam o entorno do parque como área de contemplação, utilizando parte do seu tempo em um mirante para a apreciação do cenário. A pesquisa se restringiu aos mirantes de contemplação de cenários, sendo que estes se localizam em parques da Lagoa e aos freqüentadores que estavam contemplando o cenário.

Foram obtidos 75 questionários (ANEXO 1), sendo 40 no cenário Tom Jobim e 35 no cenário Cantagalo, aplicados em dois diferentes momentos no primeiro e segundo mirante aos freqüentadores que estavam contemplando o cenário. No primeiro mirante, os contempladores foram entrevistados entre 8 e 10 horas e 15 e 17 horas do dia 08 de março. No segundo mirante, as entrevistas ocorreram no mesmo horário, mas no dia 09 março. As condições atmosféricas eram semelhantes, sendo dias claros de pouca nebulosidade onde a temperatura ficou entre 25° C e 27 ° C (INPE, 2008).

Verificou-se a necessidade da caracterização de um perfil mais geral do contemplador. Este perfil se baseou em Pires (1996, 2005) e Gama (2004), que abordaram dados mais gerais e de fácil compreensão.

A pesquisa aplicou uma gama de perguntas de intenso grau de subjetividade para caracterizar a apreciação do contemplador pelo cenário e os motivos de atração, apelo visual e singularidade. A avaliação dos dados obtidos pelo questionário aos contempladores se dividiu em duas etapas.

Na primeira etapa temos uma avaliação geral do contemplador com dados mais objetivos, para a caracterização do contemplador em relação à

procedência, idade e outros. Foram determinados os dados mais gerais sobre os contempladores tentando caracterizar cada um segundo a: faixa etária, procedência e grau de escolaridade. Esses atributos foram selecionados tendo como balizadores as formas de caracterização utilizadas e propostas por Ceotma (1984), Jordana (1992), Gama (2004) e Pires (2005).

A segunda etapa consiste em perguntas mais subjetivas que foram classificadas verificando a recorrência de respostas entre os contempladores, adotando as propostas de Gama (2004), Ocaña (2004) e Pires (2005).

#### 5.1.1-Faixa etária

O primeiro item considerado para a caracterização dos contempladores foi à faixa etária de cada um. Estas faixas foram então divididas em cinco, seguindo uma abordagem mais prática e adaptada de IBGE (2002), para tratamento de dados estatísticos. Foram estabelecidas as seguintes faixas etárias de: menores de 20 anos, de 21 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos e mais de 51 anos.

Neste contexto obteve-se o percentual de contempladores, verificando-se a ocorrência da concentração em determinada faixa. Durante entrevistas informais com vários frequentadores nas áreas próximas ao local de aplicação dos questionários, verificou-se que ocorrem diferenciações em função da faixa etária tendo em vista certos fatores como: o acesso ao lazer, que atrai uma parcela mais jovem até 20 anos (23%), e a busca de outros atrativos como o relaxamento e descanso de uma semana estressante e exercícios, que atendam a uma parcela de pessoas de mais idade (acima de 41 anos). No local ocorre um predomínio de contempladores acima dos 21 anos (77%). Os contempladores abaixo desta idade são minoria, ou seja, nesta faixa etária a busca da contemplação do cenário é menor do que em outras faixas.

Nos cenários Tom Jobim e Cantagalo (Gráfico 1), a faixa etária entre 31 e 40 anos concentra a maioria dos contempladores, cerca de 39 %. São pessoas que utilizam o cenário como forma de relaxamento, de descanso semanal ou de apreciação da beleza natural.

Os das faixas de maior idade (acima de 51 anos) abrangem um percentual de 17%. Usavam trajes mais leves e estavam relaxando após uma

rotina de exercícios, ou seja, são em grande parte praticantes de caminhada que percorrem o entorno da lagoa com o objetivo de manter a forma física, que no começo da manhã ou final da tarde saem de casa para a prática de exercícios.

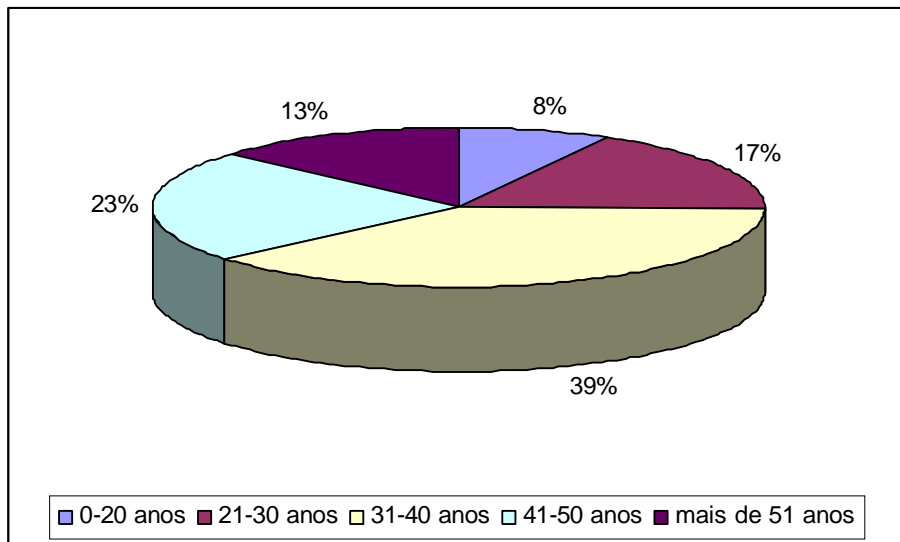


Gráfico 1: Faixa etária dos contempladores dos cenários Tom Jobim e Cantagalo.

#### 5.1.2- Procedência

Com relação à procedência desses contempladores, verificou-se a predominância de moradores da cidade do Rio de Janeiro (93 %), durante a aplicação do questionário (Gráfico 2). Observou-se também que o local da aplicação do questionário é pouco sinalizado no sentido turístico, para visitantes de outros estados ou países.

A Lagoa Rodrigo de Freitas mesmo apontada como local de atração de turistas nacionais e internacionais não dispõe de placas de sinalização que orientem os turistas quanto às áreas onde existam pontos para a contemplação das paisagens. Na verdade, pode-se dizer que os cenários apreciados dos mirantes são mais conhecidos e contemplados por moradores que residem próximos ao local ou de outros bairros, que freqüentemente buscam os parques da Lagoa.

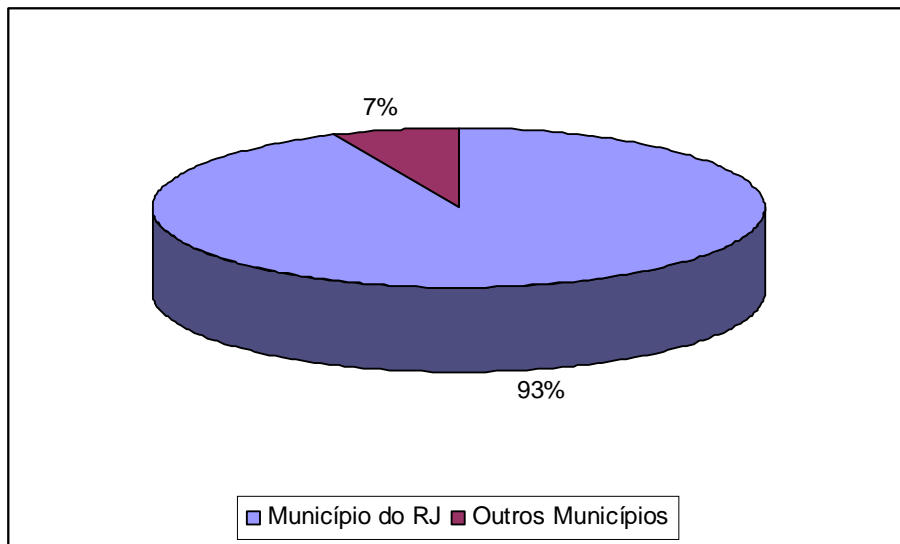


Gráfico 2: Procedência dos contempladores dos cenários

### 5.1.3- Grau de Escolaridade

O terceiro item abordado foi o grau de escolaridade do contemplador. A causa da escolha desse item decorre da necessidade de compreender e perceber a realidade verificada pelo contemplador. Jordana (1992) verificou que a percepção da paisagem ocorre como influência direta de “fatores educativos e culturais impostos pela sociedade, que são condicionantes da sensibilidade e atitudes do observador”, ou seja, dependendo da variação da escolaridade ocorre uma mudança da percepção da realidade observada, conforme as observações de Gama (2004).

Como verificado por estes autores, os observadores que percebem a paisagem com um nível médio de escolaridade tendem a ser mais generalistas em relação ao cenário, do que os de nível de escolaridade mais alta. Portanto, a maior graduação escolar interfere na percepção devido a uma posição crítica do entrevistado sobre o local. Certos aspectos poderiam passar despercebidos, para grande parte da população, mas são analisados pelos contempladores de maior escolaridade.

Existe uma maior escolaridade entre os contempladores dos cenários da lagoa (Gráfico 3), principalmente, no cenário Tom Jobim. A causa disso se deve à relativa proximidade com áreas de residência de pessoas de maior

renda dos bairros da zona sul carioca, a qual a Lagoa Rodrigo de Freitas está próxima, como citado pela prefeitura da cidade (PCRJ, 2004) e IPP (2005).

Nota-se que grande parte dos contempladores possui uma escolaridade acima de 8 anos de estudo, sendo o nível de graduados e pós-graduados elevado. Pode-se afirmar que os contempladores que foram submetidos ao questionário destoam em relação ao restante da cidade. Como verificado pela procedência dos contempladores que na maioria eram moradores da cidade do Rio de Janeiro, conclui-se que a área de lazer, onde se localizam os mirantes e os cenários por eles produzidos, atende primeiramente às regiões próximas. e posteriormente outros locais, refletindo o maior grau de escolaridade aliada a renda elevada na zona sul carioca(IPP, 2005).

A freqüência de grupos com menor escolaridade é reduzida. Buscava-se verificar nos dias da aplicação dos questionários, sendo um final de semana, o afluxo de pessoas de outras áreas, mas isto não foi comprovado nos resultados obtidos.

Concluiu-se com base no levantamento bibliográfico, que os possíveis freqüentadores de menor escolaridade buscam locais mais próximos de suas moradias e de acessibilidade fácil ao transporte, como apontado por Abreu (1997) e IPP (2005). Estes parques e os mirantes estão nitidamente longe dos costumeiros meios de transporte de massa, utilizados por grupos de menor escolaridade e renda. Sendo, portanto esses locais pouco acessíveis às populações de baixa renda que procuram outros locais para lazer e recreação.

Observa-se que o quantitativo elevado de moradores como contempladores com maior escolaridade é resultado diretamente da proximidade da moradia destes com os parques e os mirantes.

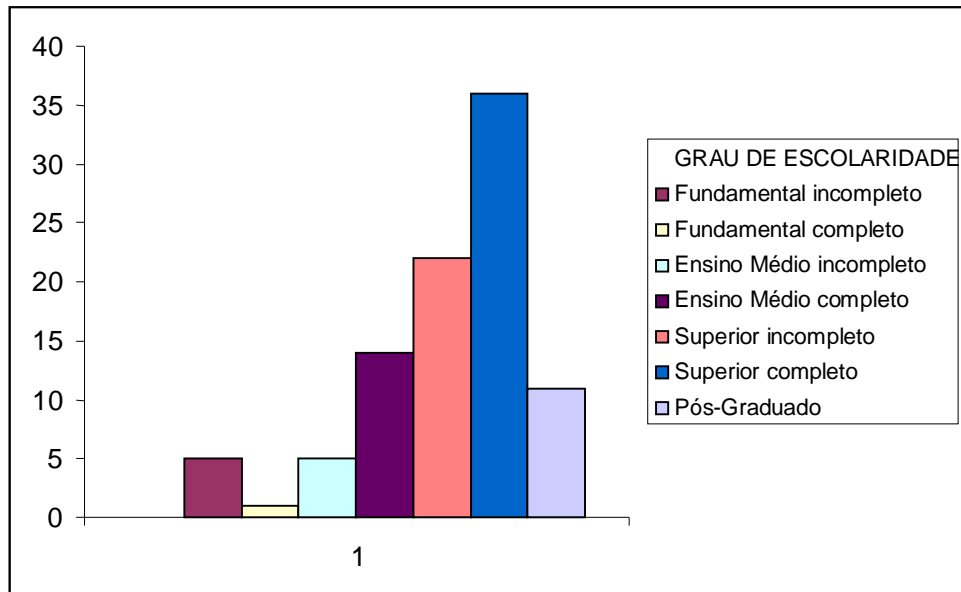


Gráfico 3: Grau de escolaridade dos contempladores dos cenários

#### 5.1.4- Caracterização dos cenários pelos contempladores

Nesta etapa ocorre a parte subjetiva da pesquisa, onde as respostas foram reunidas em grupos seguindo uma ordem proposta pela importância dos elementos que se destacam no cenário.

Num levantamento que assume amplo grau de subjetividade como ocorre com a aplicação desta metodologia é necessário criar referências para respostas, dadas pelos contempladores, porque são por demais variadas.

Em perguntas mais amplas e subjetivas ocorrem conseqüentemente um grau maior de respostas mais individualizadas. Em função disto, respostas semelhantes eram anotadas como parte integrante de um mesmo grupo.

Assim, não se criou uma gama variada de classes de respostas de difícil contabilidade, como acontece em perguntas por demais subjetivas. Já às outras respostas, oriundas de perguntas mais objetivas, puderam ser melhor classificadas, mesmo considerando o grau de subjetividade dado pelo contemplador, permitido mais facilmente balizá-las, no posterior tabelamento, com os conteúdos resultantes da aplicação de outras metodologias.

Desse modo as respostas foram subdivididas por elementos que facilitassem a sua classificação.

Esta parte subjetiva foi dividida em questionamentos que seguiram sugestões elaboradas com adaptações do preconizado por Ceotma (1984), Pires (1996 e 2005), Jordana (1992) e Ocaña (2005). Com isso, caracterizaram-se alguns elementos fundamentais de subjetividade como: o motivo do contemplador estar no local; o que no cenário chama mais atenção; a classificação dos elementos de maior destaque no cenário; a descrição destes elementos pelo contemplador através de uma classificação sugerida de Pires (2005), Ocaña e Gama (2004); a descrição do cenário como maior apelo visual em fotografia pelo contemplador.

#### 5.1.5 -A motivação do contemplador para freqüentar o local.

Como verificado em referências anteriores Azevedo (2000); Pires (1993,1996 e 2005) e Ocaña (2004) não existem parâmetros para criação dos motivos de freqüência em determinados locais. Esta pergunta pode oferecer então alto grau de subjetividade pelo contemplador durante a sua resposta.

Selecionou-se um grupo de respostas mais recorrentes, ou seja, todas as respostas foram consideradas e posteriormente agrupadas pelo pesquisador em classes.

Notou-se uma total variedade de respostas dependendo do cenário e do contemplador. A variabilidade de respostas foi mais ampla no cenário Tom Jobim do que no cenário Cantagalo. Especula-se que a maior diversidade de fatores que podem criar essa subjetividade como: maior fluxo de pessoas, infra-estrutura e serviços no cenário Tom Jobim.

O que se verificou durante a pesquisa foi à maior facilidade de infra-estrutura nas áreas próximas ao mirante, proporcionado pelos órgãos públicos como a Prefeitura da cidade, que induz ao contemplador uma maior gama de respostas.

Já no cenário Cantagalo, isso não ocorreu com tanta veemência. Sugere-se que mesmo sendo uma área atendida pelos mesmos órgãos públicos, visualmente não se nota a gama de serviços que ocorre no primeiro cenário. Sendo então, o grau de subjetividade de respostas menor e de mais fácil compreensão. Verificou-se que o grau de escolaridade também pode ser um balizador importante nas respostas a esse item.



Essa influência do maior grau de conhecimento de indivíduos também foi apontada por Jordana (1992), Gama (2004) e Pires (2005). Estes autores atribuem o grau de escolaridade como fator para compreensão da realidade e verificou-se neste trabalho, que afetam bastante na construção das respostas dadas pelos contempladores.

Por isso, foi necessária a comparação do grau de escolaridade com as respostas às perguntas subjetivas, principalmente com a motivação de atração para o mirante e a sua contemplação (Tabela 2).

Neste caso, houve o agrupamento da escolaridade em quatro classes. A seleção nestas classes foi elaborada para não ocorrer uma saturação que produza uma dificuldade na visualização dos resultados. O cruzamento dos motivos de atração e a escolaridade foram elaborados em gabinete.

Verifica-se que a motivação para o local não é a proximidade com a moradia, mas busca de passeio e lazer.

Tabela 2: A motivação do contemplador para o local segundo a escolaridade.

Motivação	Grau de escolaridade			
	Fundamental	Ensino Médio	Superior	Pós-Graduado
Belezas naturais	0		3	3
Passeio e Lazer	0	12	22	5
Próximo a Moradia	0		2	0
Visual	0		4	0
Companhia de Amigos	0	2	1	0
Trabalho	6	4	0	0
Praticando exercícios	0	1	6	3

Fonte: Questionários aplicados nos mirantes do cenário Tom Jobim e Cantagalo em 08 e 09 de março de 2008.

Segundo a Tabela 2, dependendo do grau de escolaridade ocorre uma relação como os motivos de atração para o local, sendo portanto, um reflexo direto.

Verificou-se uma maior influência para atividade de trabalho que atendam aos freqüentadores do local para os contempladores de menor escolaridade. Estes relatam que procedem de áreas mais distantes da cidade e

trabalham próximos ao local. Eles procedem de outras partes mais periféricas da cidade ou de outros municípios (Gráfico 2).

Dependendo então do momento diário, param no local e apreciam o cenário, como uma forma de descanso de uma jornada cansativa. Utilizam claramente o mirante e as áreas no entorno como áreas de descanso de um trabalho semanal ou diário que exauriu suas forças e param momentaneamente para a apreciação e contemplação do cenário nos mirante.

Para contempladores de ensino médio, as formas de lazer que são oferecidas próximas ao mirante, o relato do passeio e lazer, se tornam mais presentes. Também são indivíduos que vem de outras áreas da cidade e consideram o cenário visualizado como um dos de mais fácil atração de lazer e descanso na cidade.

Verifica-se entre estes contempladores, que alguns utilizam o cenário incentivado por amigos para se descontraírem em determinado momento. Consiste numa classe mais heterogênea do que as outras. São contempladores que estão motivados principalmente para o lazer proporcionado por toda área da Lagoa e argumentam que o cenário é na verdade integrante desta forma de entretenimento mais barato do que outros, por ser uma área pública de fácil visitação.

Conseqüentemente buscam uma visão pela valorização das belezas naturais, passeio e lazer, que tornam o cenário mais atrativo do que outros. Relatam que em várias partes da cidade do Rio de Janeiro é difícil o contraste tão nítido das belezas naturais com as facilidades das modernidades atuais, como ocorrem próximos ao ambiente, criando um local para descontração com as famílias com um visual deveras cativante.

Utilizam o entorno da Lagoa como local para prática de exercícios e são favorecidos pelos instrumentos ali colocados pela própria Prefeitura. Consideram o visual como um incentivo a prática de exercícios e afirmam que a apreciação de cenário durante a atividade física é complementar para um passeio. Estes descrevem a parada diária para a contemplação do cenário com um dos aspectos mais anotados.

Os contempladores que possuem uma pós-graduação, ainda são mais enfáticos na relação passeio, prática de exercícios e contemplação das belezas naturais. Consiste entre eles em uma prática constante e extremamente

valorizada, não se importando puramente pelo lazer como um descanso, mais sim, como um complemento de várias atividades que possam acontecer diariamente através da utilização de instrumentos motivadores para prática da atividade física existentes nos parques. Afirmam que as belezas naturais podem contribuir como estímulo para esta prática constante e como um revigorante físico.

Observa-se que em relação a cada cenário selecionado que motivação é influenciada diretamente pelo grau de escolaridade. Conclui-se que acontece uma diferenciação bem nítida entre o cenário e os motivos de atração para o local. Cada grupo tem a sua motivação influenciada pela sua proximidade e escolaridade.

Verifica-se que no cenário Tom Jobim (Gráfico 4), ocorre uma ênfase maior para o passeio e lazer e as belezas naturais. Aponta-se como causa a maior concentração de contempladores de maior escolaridade neste cenário e moradores, que como afirmado, declinam para opção como complementação da prática de atividade física. Neste mirante os contempladores são motivados pela maior infra-estrutura, para prática de exercícios e utilizam como meio para se deslocarem e apreciarem o cenário. Observa-se que os elementos de valorização do cenário através do visual são refletidos também como adicionais para outros, sendo um local para a descontração e convívios de amigos.

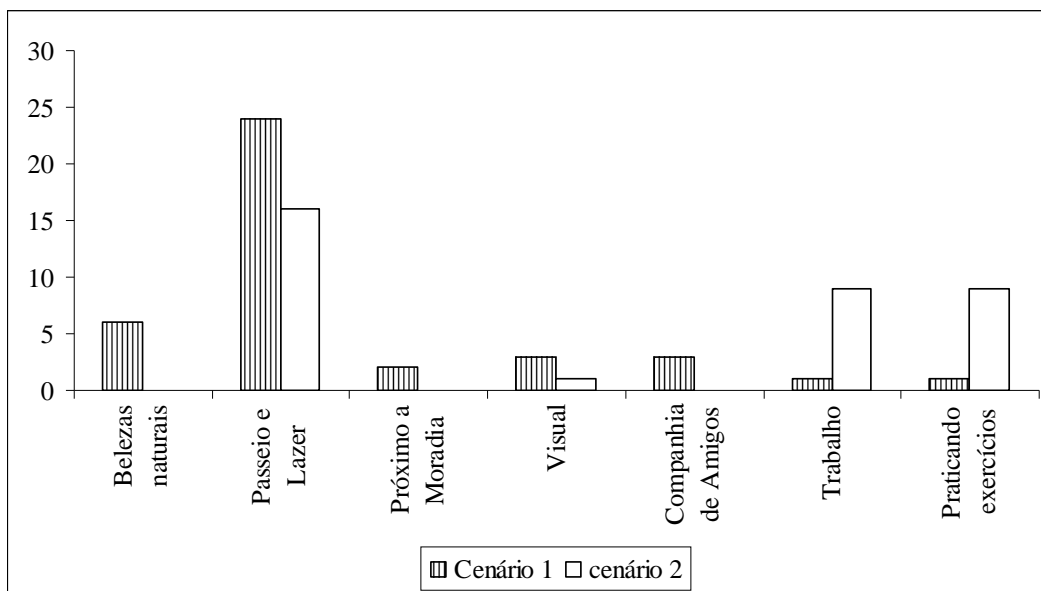


Gráfico 4: Comparação entre a motivação de atração em cada cenário na Lagoa Rodrigo Freitas, março de 2008.

No cenário Tom Jobim a atenção é voltada para uma interatividade entre passeio e lazer com beleza natural, sendo isso verificado como colocação mais nítida nas respostas dos contempladores. Neste cenário a atratividade é ligada a beleza natural no que consiste na intercessão entre relevo e lagoa como um dos principais fatos relatados.

No cenário Cantagalo ocorre uma propensão maior para o passeio e lazer aliado a prática de exercícios. Porém, ressalta-se uma maior concentração de contempladores que foram motivados principalmente pelo trabalho realizado próximo ao mirante ou no próprio.

O passeio e o lazer são apontados como reflexo da prática de exercícios e da apreciação do visual. Contudo, não se obteve a presença nos relatos de beleza natural para este descanso como acontece no cenário Tom Jobim.

Observa-se que a beleza natural não é citada como motivo de atração para este cenário. O mirante onde se visualiza o cenário é simplesmente uma parada numa jornada de trabalho ou atividade física e não se torna um cenário valorizado no sentido das belezas naturais.

As belezas naturais não são descritas, nem comparadas com relevo. Neste cenário é citado constantemente pelos contempladores o corpo aquático, por isso é um cenário de passagem e a contemplação ocorre pelo lazer no espelho d'água ou no caminho para comer e beber e usar os equipamentos de lazer (pedalinhos e bicicletas).Relatam também como uma referência de descanso relativo mais próximo do que outras. O cenário Cantagalo é então descrito de forma diferenciada em relação ao cenário Tom Jobim.

No cenário Cantagalo, ocorre uma motivação aliada a relação econômica ou prática esportiva, a apreciação contemplativa do cenário não é permanente sendo de passagem.

#### 5.1.6- Relato dos elementos de singularidade entre os contempladores

Apontado os motivos de atração cabe agora relacionar o elemento no cenário que possa ter um maior destaque para o contemplador e que possa

gerar, posteriormente, um elemento de singularidade como discutido por Pires (2005) e Gama (2004).

A observação de uma paisagem e o seu entorno são de grande importância para avaliação do elemento de maior notabilidade na paisagem. Gama (2004), confirma que existem elementos naturais que podem atrair para si maior atratividade visual do que outros. Sendo este elemento descrito como singularidade por Pires (1996 e 2005). “As ocorrências naturais ou antrópicas na paisagem, que se tornam pontos de atração visual (...), seja pelo valor tradicional ou histórico”, também citado por Ramos apud Gama (2004),

Neste caso, não ocorre uma variação estatística da singularidade deste elemento como proposto por Pires (1993; 2005), mas puramente numa avaliação mais qualitativa e subjetiva desses elementos pelos contempladores. Cabe então num relato subjetivo, porém de fácil trabalho para tabelamento, por que não cabe uma média desses elementos, mas sim sua visualização em classes que recorrem durante os questionamentos para os contempladores.

No caso esses elementos antrópicos e naturais como apontado por Pires (1993 e 2005), se traduzem em respostas subjetivas dadas pelos contempladores, que indiretamente apontam para estes elementos que se destacam em cada cenário, pois atraem a visão por serem elementos naturais ou antrópicos de fácil observação. Não houve uma separação entre elementos antrópicos e naturais, por que são singularidades que integram e participam de um todo no primeiro e segundo cenário. Porém em outra parte do trabalho temos esta singularidade entre antrópicos e naturais realçadas num questionamento ao contemplador.

Cabe ressaltar que uma das singularidades relatadas como montanhas e lagoas de uma forma bem coloquial são na verdade elementos geomorfológicos que se fazem presente nas interpretações dos contempladores, como singularidade de grande importância no cenário, sendo descritos de forma direta e objetiva. Com isso, comprova-se que ocorre uma participação essencial do relevo na construção e valorização do cenário, principalmente no cenário Tom Jobim, sendo este um elemento de notável qualidade visual.

A interpretação da paisagem para os contempladores foi descrita como um elemento misto, ou seja, como a simbiose entre os elementos antrópicos e

naturais no cenário. Neste caso não houve uma modificação nas respostas por que não cabia discutir com o contemplador o objetivo da pesquisa. Porém, era nítido que o contemplador descrevia que o cenário era uma complementação de outros elementos, relatando que os elementos naturais eram de significativa importância para ele durante as respostas ao questionamento.

Observou-se que o elemento lagoa é o que mais se destaca para ambos contempladores (Gráfico 5), cabe justificar que o corpo d'água tanto em fotografia ou na contemplação "*in loco*", como de forte presença e amplitude no cenário. Por isso, para os contempladores, a lagoa no que consiste como "corpo aquático" é o elemento predominante.

O corpo aquático é o principal elemento descrito no cenário Cantagalo, sendo descrito como aquele que se faz presente e valoriza o cenário, ocorrendo a maior valorização do que outros, liderando até mesmo quando comparado com o elemento descrito pelos contempladores como paisagem.

Já os elementos mais fortes de interferência antrópica se tornam bem nítidos, por causa do mau cheiro e sujeira sendo estes relatados pelos frequentadores entrevistados.

Os elementos antrópicos citados com mau cheiro e sujeira se tornam verdadeiramente degradantes no cenário Cantagalo, porém não se apresentam como relatados no cenário Tom Jobim, com tamanha importância.

O elemento montanha que pode ser considerado no contexto mais formal como as formas de relevo ou diferentes níveis de topografia. Nos dois cenários são apontados como o segundo elemento mais destacável, apresentando-se com intensas citações (Gráfico 5). Com isso comprova-se que existe uma singularidade bem nítida entre as formas de relevo e seu destaque nos cenários.

Descrevem a importante participação que as formas de relevo fazem para a construção de um cenário e com valorização. Estas formas não são desconsideradas ou ignoradas e são apontadas como elementos de destaque.

Para o contemplador do cenário Tom Jobim, estas formas possuem uma maior presença visível na construção do cenário. Considerando no contexto deste trabalho, a paisagem para quem contempla como a junção de vários elementos no cenário. Então as formas do relevo no quesito identificado pelos contempladores como montanhas, o que a forma acadêmica pode

considerar incorreta, se torna o primeiro elemento mais descrito de forma individual no cenário Tom Jobim.

Já no cenário Cantagalo, sem a nítida presença de grandes elevações que possam atrair o destaque para a observação, o elemento lagoa descrito como corpo d'água se apresenta como a singularidade de maior destaque para o contemplador.

Observa-se então que as formas de relevo presentes no cenário Tom Jobim são rapidamente identificadas como elementos e que são fortemente vinculados para a construção do cenário e sua valorização. Mesmo com a presença do corpo aquático neste cenário sendo realçada.

Enquanto no cenário Cantagalo, sem a acentuada presença do relevo, a contemplação é logo voltada para o corpo aquático que se faz presente em toda a extensão do cenário, ou seja, neste local a parca presença das formas de relevo incentiva a valorização do elemento visual de maior grandeza para o contemplador.

Destaque-se que para os entrevistados nos mirantes existem classificações que separam beleza natural, paisagem, corpo aquático e montanhas. Num caso geral, são denotados como elementos de alta subjetividade.

O visual de uma forma simplista pode-se confundir com a paisagem. Porém, não houve a necessidade de se aprofundar nesta palavra, consiste na resposta dada pelo contemplador para o que se observa.

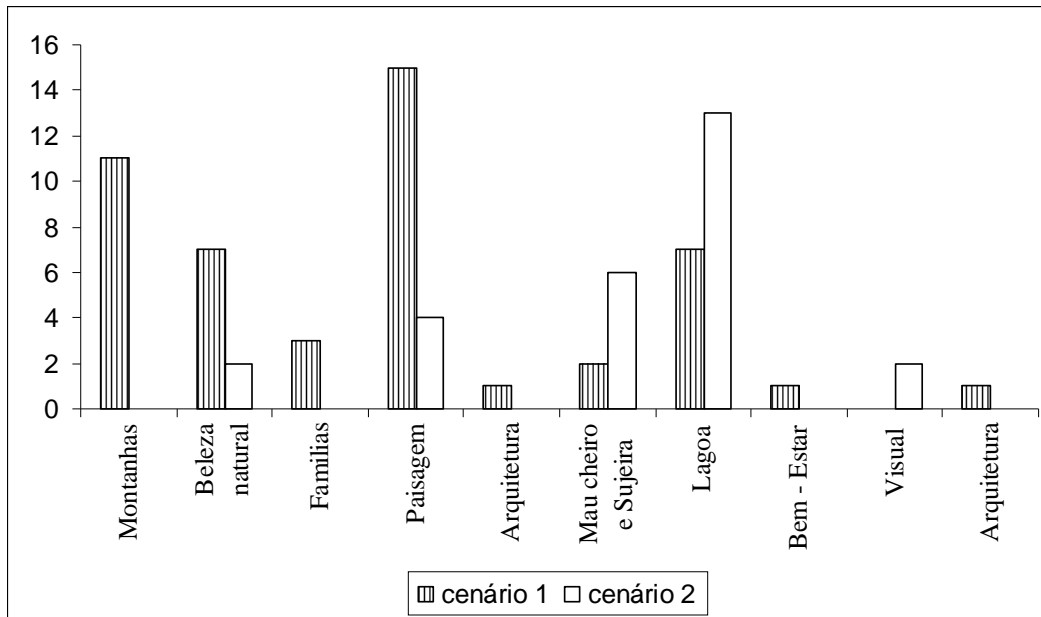


Gráfico 5: Elementos de maior destaque para os contempladores entre o cenário 1 (Tom Jobim) e cenário 2 (Cantagalo) em março 2008.

#### 5.1.7 - Elemento de maior singularidade e detratores no cenário.

Esta parte busca-se resgatar a objetividade com a citação pelo pesquisador de elementos de singularidade previamente selecionados. Singularidades são elementos de feições naturais que ocorrem na paisagem e podem ser indicadores de qualidade visual (PIRES, 2005). Como descrito por Gama (2004), ocorrem singularidades em cenário que podem ser elementos naturais ou elementos antrópicos. No caso Pires (2005, p.19) considera como indicadores de qualidade visual as singularidades quando são relativos a ocorrências naturais ou detratores quando relacionados a elementos artificiais e antrópicos.

O grau de interferência antrópica é a conjunção de todos os elementos antrópicos, utilizados como forma de simplificação devido a gama de elementos humanizados que existiam nos cenários pesquisados. Foram considerados todos os elementos antrópicos como objetos de interferência humana, estes elementos seriam os detratores considerados por Pires (1996) e também avaliados de forma diferenciada por Laurie (1970), Litton (1972), Canteras (1992) e Pires (2005).



Durante a pesquisa a obtenção de singularidades e detratores foi considerada e posteriormente adaptada para uma forma mais simplificada.

O relevo e a sua topografia como elemento natural se traduz no âmbito de discussão da pesquisa, o objetivo proposto para perceber a contribuição das formas topográficas no sentido de valorização dos cenários.

Foram utilizados sinônimos mais populares sendo descritos para os contempladores como: As montanhas e os seus formatos. Isso decorreu para não ter uma explicação mais elaborada sobre este quesito e facilitar na obtenção das respostas. Claro que no âmbito científico a denotação está deveras incorreta para a descrição desses elementos. Porém, se conceituando desta forma simplificada para o público se criou uma objetividade que facilitava a obtenção das respostas.

Após o relevo, a lagoa é o elemento mais descrito pelos contempladores como constituinte elementar e singular dos cenários. Por isso, ela foi selecionada para esta classificação pelo pesquisador previamente com uma das singularidades que deveriam ser objeto de resposta do contemplador.

Com o resultado das respostas dos contempladores (Gráfico 6), concluiu-se que para estes, o elemento lagoa é o elemento de maior singularidade nos dois cenários pesquisados. Deve-se ressaltar que o corpo aquático se espraia por todos os cenários sendo assim forte presença em cada local visado. Com isso, ficou nítido que o objeto de pesquisa, as formas de relevo, não se perdeu por causa do elemento a lagoa, de maior tamanho e destaque, claramente citado como elemento de maior singularidade pelos contempladores do cenário Tom Jobim e Cantagalo. Decorre a necessidade de identificar qual singularidade pode ser classificada como complementar ou essencial para a valorização visual, já que a lagoa se apresenta com maior singularidade.

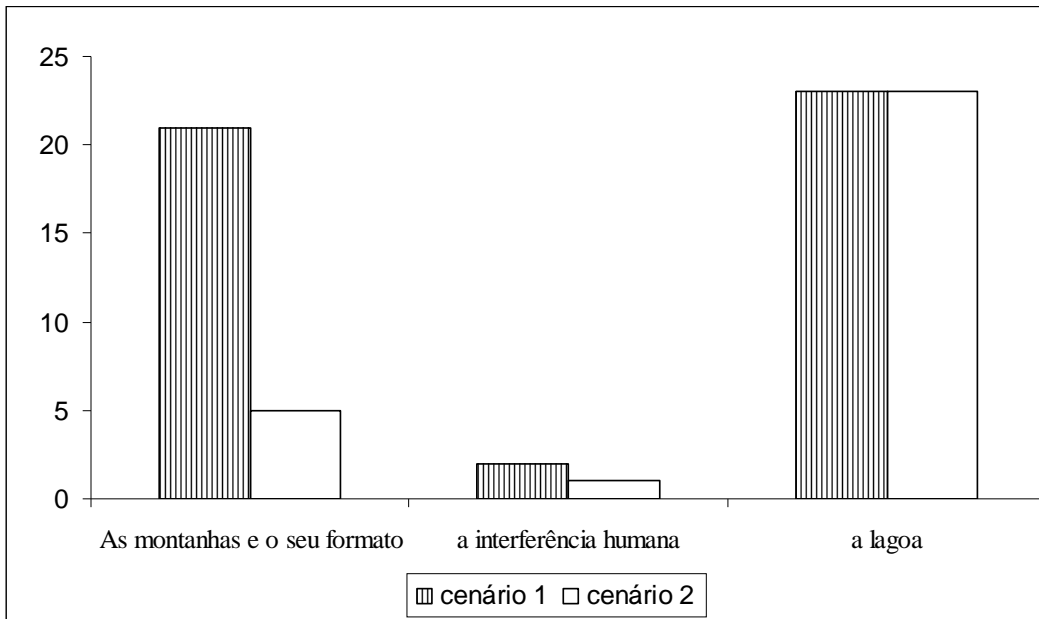


Gráfico 6: Elementos de maior singularidade entre o cenário 1 ( Tom Jobim) e cenário 2(Cantagalo) em março de 2008.

Um fato interessante é a discrepância entre o cenário Tom Jobim e Cantagalo no quesito relevo. Isso confirmou o esperado, porque no cenário Cantagalo a participação do relevo é baixa. Por isso, ele notadamente deveria ter uma reduzida participação no grau de respostas. Entretanto, no segundo cenário não se fazendo presente no ângulo direto da pesquisa (ao qual compreende a visão 180 °), ele é descrito por contempladores que consideram mais uma visão panorâmica de cenário do que a visão direta a partir do mirante, sendo o primeiro plano a lagoa e o segundo plano o relevo, que se localizava mais distante.

Constrói-se então a percepção que mesmo de forma parcial e não direta no ângulo de visão no cenário Cantagalo (180°), a presença de formas de relevo em outros ângulos de visão, mesmo encoberta por outras formas, são relativamente destacadas.

Em relação ao cenário Tom Jobim, o relevo se acentua como a segunda singularidade mais citada para os contempladores após o elemento lagoa. Verifica-se que o relevo para os contempladores se torna um elemento de acentuada valorização mesmo com a sua presença direta ou não no cenário. No caso, o contemplador busca as formas de relevo como referencial para graduar a importância ou não de um cenário.

No caso das interferências antrópicas denominadas como detratores, segundo Pires (2005), observa-se que para os contempladores que elas são muito menos agradáveis. Mesmo citadas, os contempladores nos dois cenários buscam dar uma maior ênfase aos elementos naturais, do que os elementos antrópicos como proposto também por Pires (op.cit).

Com isso, é comprovado que as singularidades relativamente descritas como elementos naturais, principalmente, as de maior presença física são essenciais e vitais para a construção de cenários porque são diretamente os elementos de maior tamanho e destaque no visual.

Descreve-se que nos dois cenários as formas de relevo são descritas como elementos de importante singularidade, percebendo-se claramente esta visibilidade inclusive em fotografias. No caso, a lagoa é relatada no mesmo nível nos dois elementos. Porém, deve ressaltar que no cenário Tom Jobim, o grau de singularidade das formas de relevo está quase no mesmo nível que a lagoa.

#### 5.1.8- Descrições dos contempladores sobre o cenário.

Os seres humanos possuem formas diretas e indiretas para descreverem, perceberem e avaliarem a superfície terrestre. Tuan (1983), já apontava que os seres humanos absorvem as informações do meio e as descrevem criando ou não um grau de afetividade com o local. Com isso ocorre uma leitura e interpretação da paisagem influenciada pelo grau cultural do indivíduo, entretanto, esta leitura e descrição de paisagem são heterogêneas dependendo da função e dos diferentes grupos sociais que existem numa sociedade (FONT, 1992).

Para se obter uma leitura objetiva com menor grau de subjetividade dos cenários escolhidos, foram determinados parâmetros qualitativos como forma de valoração das variáveis elencadas em relação aos elementos componentes de cada quadro paisagístico, ou seja, verificando de que forma estes contribuem com qualidade visual da paisagem.

Estes parâmetros, que são apresentados a seguir, devem ser definidos na medida em que se deseja estabelecer um comparativo entre cenários escolhidos e os elementos componentes apontando os pontos fortes e fracos.

**AGRADÁVEL:** quando o elemento analisado for considerado admirável configurando-se como qualidade ou potencialidade na paisagem;

**DESAGRADÁVEL:** quando o elemento componente analisado for considerado pobre ou conflituoso, problemático ou ameaçador para a qualidade da paisagem.

Lynch (1997), quando aborda a construção da imagem da cidade, na qual a paisagem é um dos elementos fundamentais à sua realização, menciona que:

as imagens ambientais é o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado ao que vê(Lynch 1997, p.07).

O autor refere-se aí às particularidades de diferentes apreensões de um espaço. Com isso, os contempladores descrevem estes elementos componentes do cenário com uma experiência pessoal, determinada pela história de cada indivíduo e nos transmitem muito mais do que características físicas, possui também relações sociais e econômicas, nos permite perceber relações complexas em vários níveis.

Através da análise dos resultados obtidos (Gráfico 7), nota-se que os contempladores, tanto do primeiro e do segundo cenário, de modo significativo os consideram como agradáveis. Destacando-se que o cenário Tom Jobim possui um maior atrativo de elementos agradáveis do que cenário Cantagalo.

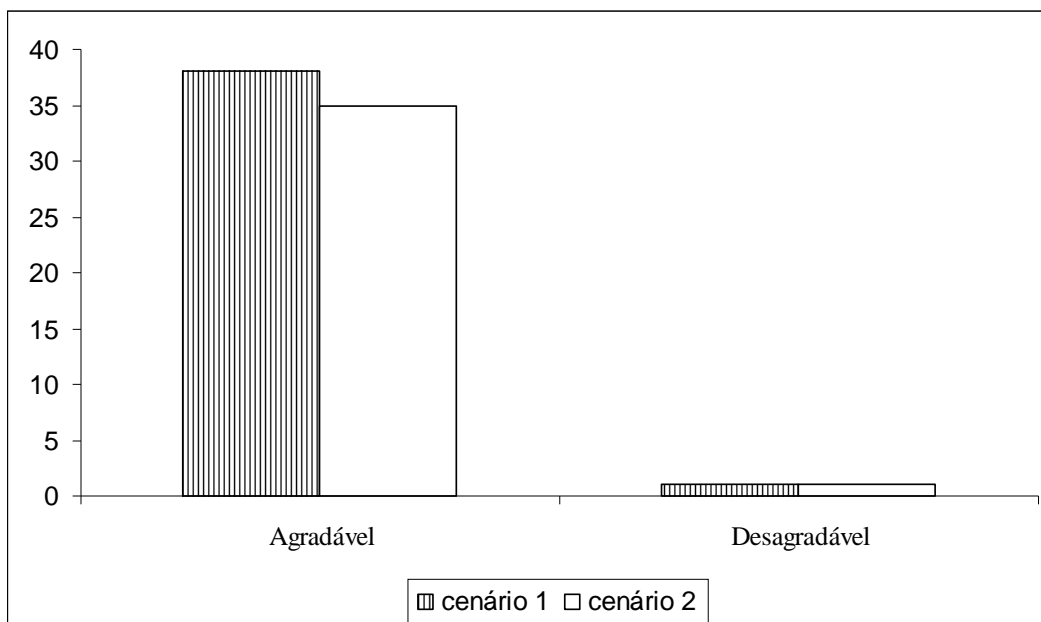


Gráfico 7: Descrição dos contempladores sobre os cenários analisando por elementos componentes em pontos fortes e fracos, março de 2008.

Para os contempladores, o cenário Tom Jobim é aquele que possui o cenário com maior potencial e qualidade. Já o cenário Cantagalo em comparação com Tom Jobim, que também tem atrativos de qualidade para os contempladores, foi colocado numa categoria menor de qualidade visual que o primeiro cenário.

Aponta-se então que o critério de agradável é relativamente apontando no cenário Tom Jobim como consequência direta de uma maior participação das formas de relevo, que criam um elemento de elevada singularidade junto com a lagoa. Esta situação não ocorre no cenário Cantagalo, onde somente a lagoa desperta maior grau de singularidade, colocando este cenário num patamar abaixo de qualidade visual (gráfico 6).

O indicador desagradável obteve opiniões de qualidade diferenciadas em cada cenário. A partir dos resultados, apontou-se que não existe nos dois cenários, algum elemento que possa denegrir a qualidade do visual e deteriorar a paisagem, para poder ser considerado então como um ponto fraco.

Porém, existem nos dois cenários elementos conflituosos, sendo caracterizados de forma informal pelos contempladores como sujeira, vandalismo e poluição das águas, que podem denegrir o cenário.

É possível avaliar que futuramente em novas análises será necessária a criação de um item que aborde esses elementos conflituosos. Com isso, deve-se ter uma maior preocupação com a conservação e manutenção dos locais próximos aos mirantes de contemplação de cenário, pois a má conservação do ambiente aumenta o grau de degradação e acentua a participação de detratores no cenário.

## **5.2 - Cenário com maior apelo visual**

Neste caso, ocorreu a verificação da participação de registros fotográficos que podem enaltecer ou denegrir um cenário. Capuzzo, Maggioli e Moni (2005, p.10), ao analisarem fotografias discutem que estas possuem um significado, sendo uma representação do lugar e que geram uma integração que capta um momento real e instantâneo.

Por esse motivo, a comparação de cenários com fotografias faz com que os contempladores possam selecionar um cenário com maior atratividade e conseguinte de maior qualidade visual. Apontando-se como o relevo pode contribuir parcialmente para valorização de um cenário.

Mesmo assim, Machado (1999), Boullon (2002), Gama (2004) e Ocaña (2005), descreveram que a fotografia ou outros instrumentos tem que possuir uma qualidade de atração, para que a reação das pessoas seja a mesma.

As fotografias foram trabalhadas após o término do questionário no mirante. Ao todo, os 75 entrevistados observaram as fotografias na mesma situação em que estavam ao responder o questionário. Apontando para o pesquisador qual apresentava maior apelo visual no registro fotográfico e traduzia no sentido mais natural à paisagem.

Com isso, verificou-se pelos dados obtidos e posteriormente com a análise (Gráfico 7), que com o uso das fotografias e pela visão direta do contemplador, ocorreu uma maior atratividade paisagística e cênica equilibrada entre os dois cenários.

As fotografias apresentadas aos contempladores (Foto13 e 14) geravam uma ativa reação ao registro fotográfico respectivo do que o contemplador observava no mirante. Os contempladores valorizavam constantemente o cenário observado no momento e a sua representação fotográfica. Isso

comprova os tipos de sensações e o uso dos sentidos discutidos por Ignácio (1984) e Jordana (1992). O uso dos sentidos e das sensações pode influir na percepção do contemplador e indiretamente alterar a sua percepção sobre cenários.

A fotografia que apresentava o cenário Tom Jobim (Foto 13) foi descrita como aquela que possui maior grau de atratividade para os contempladores (Gráfico 8) e nela a especificação do destaque do relevo e bem visualizada. Considerando então o total de contempladores nos dois cenários, o primeiro cenário traduz uma melhor atratividade por fotografias possuindo quase 51 %. Com isso, este cenário é aquele que apresenta o melhor visual para registro fotográfico, mais não está tão distante do segundo cenário que possui 49 % de apelo visual. Conclui-se que não existe uma distinção entre os dois cenários. Cada um produz um apelo diferenciado para o registro fotográfico.

Conclui-se, que o cenário Tom Jobim cria uma percepção de maior atratividade originada talvez pela já comentada integração entre os elementos das formas de relevo e lagoa.

Num registro fotográfico, onde se leva como recordação uma parte da paisagem, o contemplador busca elementos que realcem o tamanho na fotografia. Considera-se então que a forma de relevo é essencial para uma denotação de maior apelo visual no registro fotográfico do primeiro cenário, por que se cria um pano de fundo nítido que pode ser registrado pelo contemplador. Ao se verificar os dados em cada cenário (Gráfico 8, Gráfico 9 e Gráfico 10). Onde são contabilizados os dados no local de contemplação do cenário. O cenário Tom Jobim obteve uma percentual maior (55 %) do que o cenário Cantagalo.



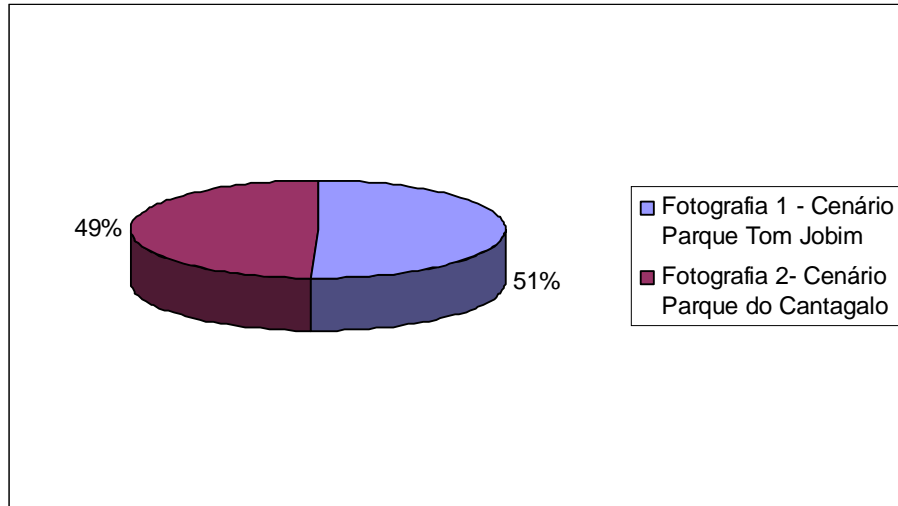


Gráfico 8: Cenário com maior apelo visual segundo fotografias, março de 2008

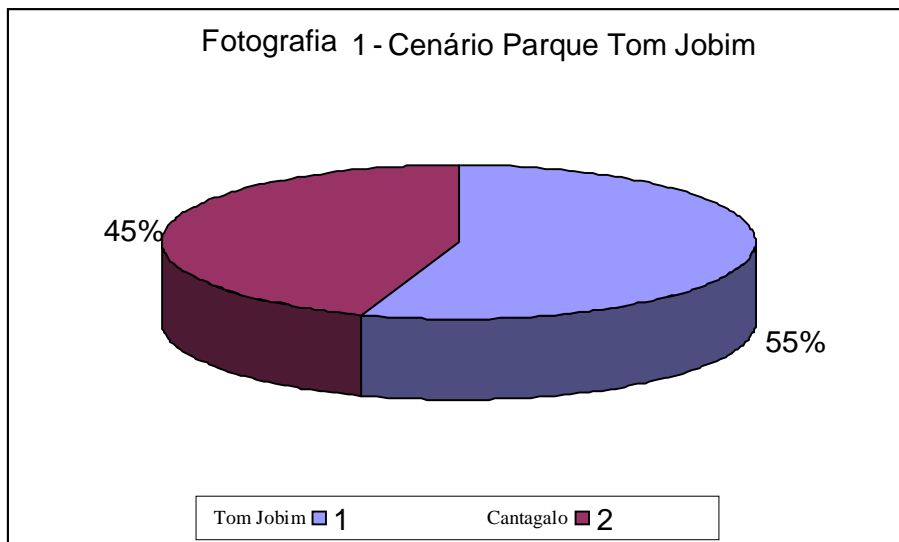


Gráfico 9: Cenário com maior apelo visual no Parque Tom Jobim, março de 2008.

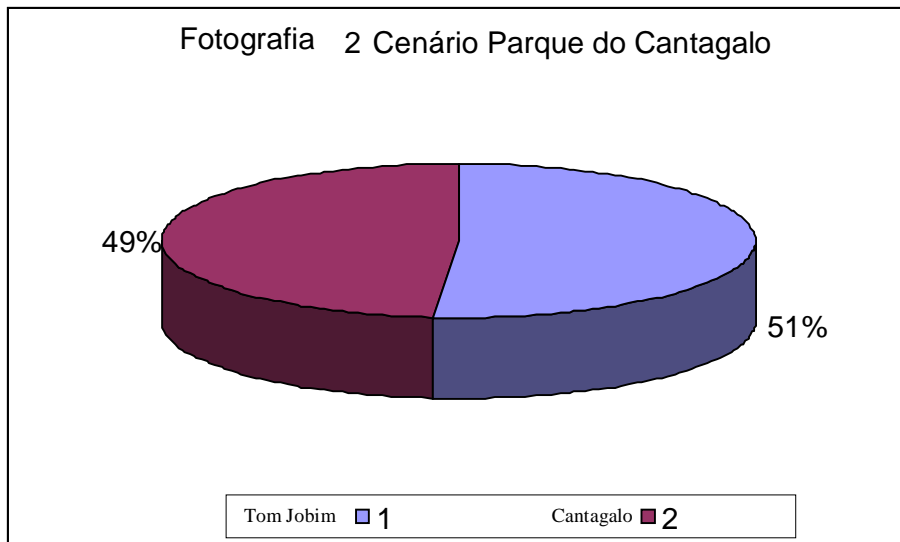


Gráfico 10: Cenário com maior apelo visual no Parque Cantagalo, março de 2008.

Isso reflete as concepções apontadas anteriormente entre Canteras (1992) e Pires (1996, 2005), com influência direta de uma valoração da qualidade visual direta pelos usos dos sentidos. As formas de relevo presentes e observadas “in situ” criam a sensação de maior apelo visual. .

Para os contempladores do cenário Cantagalo, a fotografia também possui um apelo visual quase compatível com o cenário Tom Jobim (49 %). Porém, a menor presença de um elemento de tamanho expressivo, como as formas de relevo para o registro fotográfico, só tendo lagoa contribuiu para uma sensação de perda para o contemplador.

Aponta-se que em valores percentuais 51 % e 49% são valores próximos. Neste caso, o número de questionários aplicados no cenário Tom Jobim (40 questionários), assinala uma maior preferência. No cenário Cantagalo (35 questionários), o número de ocorrência é menor e conseqüentemente altera o resultado global.

Nota-se que em relação ao cenário Tom Jobim, o cenário Cantagalo criou uma sensação de menor valorização para pessoas. Sendo assim, os contempladores que não estavam fisicamente no local tendem a descrever que o cenário Cantagalo possui certo apelo, porém, este apelo não é tão nítido como ocorre no cenário Tom Jobim.

Relata-se então que o cenário Tom Jobim é valorizado no sentido visual, em ambos os mirantes, como o cenário que possui o maior apelo visual e atrativo para registro fotográfico.

O uso da fotografia como instrumento para a obtenção de indicador de maior apelo visual se mostrou extremamente necessária, por causa da comparação feita pelos contempladores. Existe uma integração dos elementos que enaltecem o registro fotográfico e enaltecem o cenário de forma a ser valorizado e registrado. Consideram o relevo como essencial para este registro fotográfico por realçar este cenário e criar um fundo complementar ampliando a beleza natural já existente. A utilização técnica da fotografia cumpriu a função de buscar o registro sensível e subjetivo do olhar dos sujeitos que compõem o universo consultado e, ainda, pelo fato de lançarmos mão da linguagem visual como uma tecnologia intelectual que transcende o texto verbal, caracterizando-se como uma forma de representação e de comunicação universal. A fotografia cumpre a função de ferramenta tradutora da realidade subjetiva dos sujeitos consultados, uma forma diferenciada de ler as questões ou temas colocados, ao mesmo tempo em que coloca em movimento um processo de sensibilização inerente à linguagem visual. Trata-se, portanto, de uma tecnologia inteligente e mediadora.

A fotografia facilitou a determinação do cenário de maior apelo visual. Verificou-se, que o cenário do Parque Tom Jobim possui maior valor para a fotografia, com seu posterior registro pelos contempladores, além de maior apelo visual neste registro fotográfico e conseqüentemente possuiu os elementos de maior singularidade: Lagoa (corpo aquático) e montanhas (formas de relevo). Para os contempladores este cenário possui um maior grau de forma agradável como indicado durante a descrição do cenário. Notou-se que a motivação de atração como belezas naturais e lazer se complementam neste local. O cenário Parque do Cantagalo se constituiu também de importante apelo visual, mas é descrito como de menor destaque para o registro. A lagoa se torna o elemento de maior singularidade e não produz no registro maior enfoque, segundo os contempladores.



Foto 13: Cenário Tom Jobim



Foto 14: Cenário Cantagalo

## 6- CONCLUSÕES

A metodologia apresentada respondeu aos objetivos propostos, pois o elemento relevo foi destacado com prioridade, devendo ser ponto de referência para trabalhos de valoração da paisagem.

Na metodologia utilizada ocorreram respostas com alto grau de subjetividade. As respostas obtidas descreveram às percepções do momento da aplicação dos questionários aos contempladores que envolvem valores psicológicos, culturais, econômicos e sociais. Estes indivíduos foram abordados de forma aleatória, adotando-se como critério escolher apenas aqueles que se postavam a contemplar o cenário.

No caso, da aplicação dos questionários resultou em variadas respostas que em outras oportunidades ou momentos podem ser modificados, dependendo da situação até mesmo climática, horária, época do ano, festejos e etc.. Percebe-se que no geral, o contemplador buscava ao contemplar o cenário, um recurso para aumentar o seu momento de observação, que decorria após um passeio, exercício ou lazer. Os números de respostas sobre a contemplação e os objetivos da contemplação variaram segundo o grau de escolaridade do contemplador.

O uso da metodologia se traduziu como abrangente, considerando o elemento de singularidade como elemento de atratividade e de maior peso para a qualidade visual. Aponte-se que os detratores que existem no ambiente da lagoa são suplantados pelos elementos de maior singularidade. A metodologia se complementa, pois, descreve os elementos de singularidade que são facilmente obtidos através dos questionários com os contempladores.

É necessário um maior aprofundamento nas metodologias de qualidade visual, principalmente no que tange ao uso das formas de relevo por que são quase inexistentes pesquisas na área.

A Lagoa Rodrigo de Freitas foi modificada de forma artificial e valorizada por setores públicos e privados. Sendo uma área de fácil acesso à pesquisa e possuindo um vasto laboratório experimental. Os cenários selecionados foram nitidamente valorizados com objetivo de usufruir a contemplação e conseqüentemente criar uma valorização do local. Análises da qualidade visual que vierem a ser feitas nestes outros mirantes que existem na Lagoa Rodrigo

de Freitas poderão aumentar ainda mais a contribuição para o desenvolvimento do tema e ampliar o conhecimento do valor desses locais para uma melhor gestão pública.

O entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas consiste numa área intensamente alterada e de grande aporte de investimentos por órgãos públicos e privados da cidade do Rio de Janeiro, que utilizam os aspectos naturais presentes na paisagem como formas de valorização do local e de atratividade turística.

Os mirantes selecionados possuem intenso apelo visual. Os mirantes escolhidos possuem facilidade de acesso e são pontos de referência para venda de produtos que complementam o lazer, descanso, passeio ou exercícios. Existe uma variabilidade interesses entre os que se apropriam do cenário e servem os contempladores ou freqüentadores com alimentação e bebidas. Observou-se que isso decorre com mais intensidade no cenário Parque do Cantagalo, enquanto o cenário Tom Jobim apresenta-se voltado para um lado mais contemplativo.

Existem elementos de nítida singularidade (relevo e lagoa). No caso particular da Lagoa Rodrigo de Freitas, ocorre uma maior atratividade aos mirantes pela integração dos elementos lagoa e relevo, que se concluiu serem os elementos de maior singularidade no local.

Verificou-se que o relevo possui um papel primordial na valorização de um cenário. Ele realça e se torna elemento de alto grau de singularidade na qualidade visual, atraindo para si como elemento de destaque grande parte das respostas dos contempladores.

Os cenários na paisagem com maiores apelos visuais são aqueles em que elementos naturais como o relevo e corpo aquático da lagoa se fazem presente com maior ênfase.

O uso da fotografia como instrumento para a obtenção de indicador de maior apelo visual se mostrou extremamente necessário.

A Geomorfologia pode contribuir para o atrativo e para visualização de futuros cenários, sendo esta contribuição pela caracterização não via acadêmica, mais sim pelo diagnóstico de um valor contemplativo.



Decorre que a geomorfologia pode caracterizar as formas de relevo que podem ter maior descrição como agradável segundo os contempladores e apontar mirantes de observação de cenário onde poderá ocorrer menor desgaste por processos antrópicos (desmatamento, queimadas, etc.) ou naturais (erodibilidade, processos erosivos e outros), que posteriormente podem afetar e se tornar detratores ou singularidades de rejeição, ou descritos com ambientes ruins ou desagradáveis. A Geomorfologia pode caracterizar e apontar os futuros mirantes de contemplação do cenário tendo as formas de relevo como balizadores e constituintes para a valorização do cenário e de suas descrições pelos contempladores. Além de favorecerem locais para instalação de aportes turísticos e trilhas de caminhadas para o ecoturismo. Cada local vai criando então uma identidade própria que vai evoluindo no decorrer do tempo geomorfológico e da atuação antrópica.

A aplicabilidade da Geomorfologia em estudos posteriores pode ser identificada e testada na recuperação e valorização do relevo de áreas degradadas, que podem variar segundo o nível do cenário em relação as descrições de ruim ou desagradáveis. Pode-se identificar as propícias formas de relevo que podem criar cenários de grande atratividade devido aos elementos de alto grau de singularidade e de maior apelo visual para registro fotográfico.

Cabe a Geografia também aprofundar a pesquisa com o uso de fotografias como instrumentos para pesquisas acadêmicas, pois trabalhos usando estes instrumentos nesta abordagem são raros no campo geográficos ou quase inexistentes.

Deve-se então, aprofundar as metodologias de qualidade visual com ênfase nos estudos da contribuição do relevo para esta qualidade. Porém, levando-se, em conta, que existem alto grau de subjetividade. As metodologias tendem há um comportamento subjetivo cabendo então ao pesquisador selecionar os elementos que podem ser mais bem utilizados para pesquisa.

Ficou visto que o relevo deve participar das metodologias de qualidade visual como o elemento que realça e denota maior ou menor atração visual ou apelo, principalmente em áreas em que ele possa ser o único elemento natural presente a se destacar.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. 3ª. ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997. 156 p.

AFONSO, Sonia. Urbanização de encostas: projetando a arquitetura da paisagem In: Paisagem e Ambiente Ensaios , Nº 14. pp 43-77. São Paulo FAAUSP, 2002.

AMADOR, E.S. Baía de Guanabara e Ecossistemas periféricos: Homem e Natureza. Rio de Janeiro: Edição do Autor.1997

AMBIENTAL, Engenharia e Consultoria LTDA. EIA/RIMA Solução Integrada de Reabilitação Ambiental da Lagoa Rodrigo de Freitas e das Praias de Ipanema, Leblon e Arpoador. 2002.

AMORIM F O.B. O Contexto Teórico Do Desenvolvimento Dos Estudos Humanísticos E Perceptivos Na Geografia, in : AMORIM F O.B.; CARTER H.; KOHLSDORF M.E. Percepção Ambiental: Contexto Teórico E Aplicações Ao Tema Urbano, Instituto De Geociências, UFMG, Belo Horizonte, Publicação Especial Nº 5, 1987, 42p.

ANDREATA, J. V. (Org.) . Lagoa Rodrigo de Freitas síntese histórica e ecológica. 1. ed. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 2001. 315 p.

ANDREATA, J. V e MARCA, A.G. 1996. Análise dos níveis de coliformes nas águas da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro - Resultados preliminares resumos III, simpósio IOUSP, realizado no período de 2-6 de dezembro de 1996, Universidade de São Paulo.

ANDRESEN, T., BENTO, J., COELHO, C.,CURADO, M., Propostas para a Qualificação Estética e Ecológica das Florestas. Contribuição do Projeto FLORAM,EC-Contract AIR-CT94-1229, São Paulo, pp.77-94, 1999.

ARAGON, G. T.: PIRES. V. S.: LACERDA, L.D. e PATCHINEELANN. S. R. Distribuição espacial de nutrientes e metais pesados em sedimentos e águas superficiais em um ecossistema de manguezal. Acta Limnológica Brasileira.1986, p. 365-385.

AZEVEDO, .LAURA N. Patrimônio Arquitetônico x Qualidade Visual do Cenário Urbano: um caso para avaliação ambiental em Pelotas-RS. 2000. 237 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

HOLANDA, AURÉLIO B.Novo Dicionário da Língua Portuguesa.Editora Nova Fronteira, 2000, 456p.

BASTOS, Ana C.S; ALMEIDA, J.R.,Licenciamento Ambiental Brasileiro no Contexto da Avaliação de Impactos Ambientais. IN CUNHA, S. B e GUERRA, A.J.T.(orgs), Avaliação e Perícia Ambiental, Rio de Janeiro, Ed. Betrand Brasil, 2002. p.77 a 113.

BAILEY, R.G. , Ecosystem Geography. New York, Ed.Springer. 1996. 102 p.

BERNÁLDEZ, F.G. Ecologia Y Paisage. Madrid, Editora Blume, 1981.230 p.

BLEY, Lineu. Morretes. Estudo de Paisagem Valorizada. Tese de Doutorado. Rio Claro: Instituto de Geociências. Universidade Estadual Paulista, 1990.

BLEY, LINEU. Morretes. Estudo de Paisagem Valorizada. In: DEL, Rio e OLIVEIRA, Livia. Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira. 1 ed. São Paulo, 1999: Editora da UFSCar, p.121-138.

BITAR, O. Y. Meio ambiente e geologia. São Paulo: Senac, 2004.

BOMBIN, E..M. M. El paisaje. Madrid: MOPU, 1987.

BORGES, Maria Elisa Linhares. História & fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOULLÓN, Roberto C., Planejamento do Espaço Turístico. São Paulo, EDUSC, 2002, 275 p.

BURLE MARX, Roberto. Arte e Paisagem – conferências escolhidas. São Paulo, Nobel, 1987.

CANTERAS, J. C. Introducción al paisaje. Santander: Universidad de Cantabria, 1992.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira. Rio de Janeiro – uma cidade conectada por túneis – panorama até o final dos anos sessenta: Monografia de Graduação Rio de Janeiro, UERJ/IGEO/Departamento de Geografia, 1998. 51 p.

CEOTMA, Guia para Elaboración de estudios del Médio Físico: Contenido Metodologia. 2 edição. Madrid, 1984

CHRISTOFOLETTI, A. Aplicabilidade do conhecimento geomorfológico nos projetos de planejamento. In: Geomorfologia uma atualização de bases e conceitos. Orgs. A. J. T. Guerra e S. B. Cunha, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, p. 415 – 443, 1998.

CLARK, M. J. Geomorphology in Coastal Zone Management. Ed. Mansell London, . 63, p.273 – 282, 1978.

CNIO -COMISSÃO NACIONAL INDEPENDENTE SOBRE OCEANOS . O Brasil e o mar no século XXI. Relatório aos tomadores de decisão do país. Rio de Janeiro.1998. 408p.

COATES, D. R. Editor. Environmental geomorphology and lanscape conservation. Pensylvania: Urban Areas, vol. II, Dowden, 1971

COELHO NETTO, Ana L. O Geocossistema da Floresta da Tijuca. In: ABREU, Mauricio de Almeida [et al.]. Natureza e sociedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. 352 p.

COMISSÃO NACIONAL INDEPENDENTE SOBRE OCEANOS . O Brasil e o mar no século XXI. Relatório aos tomadores de decisão do país. Rio de Janeiro.1998. 408p.

CONTI, José Bueno. A geografia física e as relações sociedade-natureza no mundo tropical. In CARLOS, Ana Fani. A.(org). Novos caminhos da Geografia. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto,1999. p.9-26.

COSTA, Benny K et al. Adequação e uso de cenários prospectivos: um estudo no órgão municipal de turismo de Natal. Revista Turismo: Visão e Ação. Itajaí, Santa Catarina, v.9, n.1, p.7-17, Jan/Abr. 2007.

COSTA, J. E & FLEISHER, P. J. Developments and Aplications of Geomorphology. Berlim, Sprinder Verlag, 1984.

COSTA, N.M. Geomorfologia estrutural dos Maciços litorâneos do Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro, 1986. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PPGG, UFRJ.

COSTA, R. A. A Geomorfologia Como Subsídio para o Ordenamento Territorial no Município de Uberlândia - MG. Uberlândia. Dissertação de Mestrado. IESA/UFG, 2001.

COOK, R. U.; DOORNKAMP, J. C. Geomorphology in Environmental Management. Oxford: Oxford University Press, 1974.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z.. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. IN: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z.(Orgs.)Paisagem, Tempo e Cultura.Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 124p. p.92-122.

DONIS, A. DONDIS, A sintaxe da linguagem visual, São Paulo, Editora Martins Fontes, 236 p, 1991.

ESTER CAPUZZO, MAGGIOLI, MARCOS, MONI, RICARDO “Per una valorizzazione dell’archivio fotografico del departamento di geografia umana dell’ università degli studi di Roma” in Semestrale di Studi Ricerche di geografia. Pág. 5-11. Roma. 2005. Volume 2. Università Degli Studi Di Roma “La Sapineza”.

FERNANDEZ, A. R. Planificación física y ecológica: modelos y métodos. Madrid: EMESA, 1979.

FERNANDES, M.C. 1998. Geoecologia do maciço da Tijuca-RJ: uma abordagem Geo-Hidroecológica. Dissertação de mestrado, Departamento de Geografia, IGEO/UFRJ, Rio de Janeiro, 141p.

FLORES, José Antonio Vieira. Natureza, Cultura, Objeto, Arte: o ambiente em situação de fronteiras. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000.

FONT, J.N. Turismo, Percepción Del Paisage Y Planificación Del Território. Estudos Turísticos, Madrid, Ed. DGPT, 1992.

FOTOS ANTIGAS – Disponível em<<http://www.almacarioca.com.br /fotosantigas / lagoa>>. Acesso em : 12 de junho de 2007.

GAMA, Lílian Medeiros F. Avaliação de Instrumentos para Valoração da Qualidade Visual de Paisagem no Planejamento Territorial. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. UFRJ, Rio de Janeiro. 2004.115 p.

GASPAR, J., MILLER, D., FIDALGO, B., Land use change and visibility in the landscape protected area of Serra do Açor. In: *VII Encontro de Utilizadores de Informação Geográfica*, ESIG 2002, Lisboa.

GERARDI, Lúcia Helena e MENDES, landara A(orgs). Do natural, do social e de suas interações: Visões geográficas. Editora Ageteo, Rio Claro.2002.252p

GREGORY, K. J. A Natureza da Geografia Física. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

GUERRA, A.J.T e GUERRA, A.J.,Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico,ed. Betrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001, 652 p.

HART, M. G. Geomorphology Pure and Applied. Boston, George Allen & Unwin, 1986.

HOLANDA, AURÉLIO B. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1987, 250 p.

HOOK, J. M. Geomorphology in Environmental Planning. Chichester, John Wiley&Sons, 1988.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Resultados do Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD - ROM.

IGNÁCIO, C.F. Guia para elaboração de estudos del médio físico: contenido y metodologia. 2 edição. Madrid, 1984, 572 p.

INPE. Dados de temperatura de várias cidades brasileiras. Disponível em <<http://www.inpe.br/>>. Acesso em :10 de março de 2008.



IPP – Instituto Pereira Passos. (2005a). Indicadores Ambientais da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Urbanismo / Pereira Passos, 2005a. 178 p.

\_\_\_\_\_. (2005b). Informações da cidade do Rio de Janeiro para subsidiar a câmara dos vereadores no processo de elaboração do plano diretor. Rio de Janeiro: Urbanismo / Pereira Passos, 2005b. 43 p.

\_\_\_\_\_. Informações da cidade. Disponível em:

<<http://www.rio.rj.gov.br/armazemdedados>>. Acesso em: 22 setembro 2007.

KAIPPERT, Erica. Metodologia Para o Estudo da Ressuspensão de Sedimentos na Lagoa Rodrigo de Freitas. 2004. 55f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, fevereiro de 2004.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

JORDANA, J.C.C. Curso de Introducción al paisaje: metodologías de valoración. España: Universidad de Cantabria, 1992. Material apostilado

LEENHARDT, Jacques. Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LIMA E SILVA et al. Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais. Rio de Janeiro, Ed. Thex, 1999, 250 p.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.07.

MACEDO, Sílvio Soares. Paisagismo e Paisagem Introduzindo Questões. In: Paisagem e Ambiente – Ensaio V, São Paulo: FAUUSP, 1994, p. 49-57.

\_\_\_\_\_. Paisagem, Turismo e Litoral In Yazigi, Eduardo (org.) Turismo e Paisagem São Paulo. Ed. Contexto , 2002 p.181 -213

MACHADO, L. M.C.P. A Serra do Mar paulista: um estudo de paisagem valorizada. Tese (Doutorado) - Inst. Geociências e Ciências Exatas, UNESP. Rio Claro, 1988.

\_\_\_\_\_. A serra do mar como espaço e lugar: Paisagem valorizada. In DEL RIO, Vicente e Oliveira, Lilia (orgs). Percepção Ambiental: Experiência Brasileira. 2 ed. São Paulo. Ed. Nobel, 1999, p. 97-119.

MALLARD A., Paysage et image dans les laboratoires scientifiques. In: Les échelles du paysage - Paysages et espaces urbains. Rennes, Ecole des Beaux-Arts de Rennes, 1993, P. 9-24;

MARENZI, R.C. Estudo da Valoração da Paisagem e Preferências Paisagísticas no Município de Penha-SC. Curitiba, 1996. Dissertação (mestrado)- Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná. 119p.

MARQUES, J.S, Ciência Geomorfológica IN Geomorfologia uma atualização de bases e conceitos, 6 ed. Rio de Janeiro, 2005, p.23-45.

MENDONÇA, Francisco. Geografia Física: Ciência Humana? 3.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1992. 72 p.

MENEZES, Flávio Louchard. Avaliação da Qualidade de Águas de Drenagem Urbana Correlacionada aos Poluentes Originados Pelo Tráfego de Veículos Automotores: Estudo de Caso do Túnel Rebouças na Bacia Contribuinte da Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ. 2004. 120f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Dezembro de 2004.

MENEZES, U.T.B.A., A Paisagem como fato cultural. In Yazigi, E. (org), Turismo e Paisagem. São Paulo, Ed. Contexto, p. 16-40, 2002.

MOREIRA, Iara V. Dias, Vocabulário Básico do Meio Ambiente, Rio de Janeiro, Petrobrás, 1992, 216 p.

MONTEIRO, C.A.F. Geossistemas: A história de uma procura. São Paulo, Ed. Contexto. 2000,127p.

MUEHE, D. Geomorfologia Costeira In Geomorfologia uma atualização de Bases e Conceitos. Rio de Janeiro: Betrand Brasil.1995, p.253-302.

MUEHE, D. ; CORREA, C.H.T. Dinâmica de praia e transporte de sedimentos na restinga de marambaia-RJ. Rio de Janeiro. Ver. Revista Brasileira de Geociências. 1989. 387-392 p.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A. S. Landscape ecology: theory and application. New York: Springer-Verlag, 1994, 360p.

OCANÃ, C, MORENO, M. LUISA, SEPÚLVEDA, R.B.; Las Vistas Como Recurso Territorial. Ensayo de evaluación del paisaje visual mediante um SIG.Málaga.Universidade de Málaga.2004.172 p.

OLIVEIRA, Livia. Contribuição Dos Estudos Cognitivos À Percepção Geográfica, Revista Geografia, São Paulo, V.2,N.3, 1977, P.61-72

\_\_\_\_\_, Ainda Sobre Percepção, Cognição e Representação em Geografia. In Mendonça, Francisco; Kozel, Salete (Orgs) Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Ed.Ufpr,2002,265 P.

OLIVER S ; BOYD, B. Process and Lanform: na outline of contemporary geomorphology. London, W.E. Marsden, 1987.

PAULO, J. A inauguração da árvore da Lagoa O GLOBO. Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 2006, Rio.,p.15

PCRJ – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Guia das Unidades de Conservação Ambiental do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, 145 p.1997

\_\_\_\_\_. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Retrato das Regiões: Zona Sul. In: Plano Estratégico 2001/2004. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/>>. Acesso em: 03 agosto 2005

\_\_\_\_\_. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Programa de monitoramento dos ecossistemas costeiros urbanos do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Informações Ambientais, 1998. 48p.

PIRES, P.S., Avaliação da qualidade visual da paisagem na região carbonífera de Criciúma-SC. Curitiba, 1993. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Paraná.96p.

\_\_\_\_\_, Procedimentos para Análise de Impactos Ambientais. Maia, 2 ed. PIAB. Agosto de 1993.

\_\_\_\_\_. "Paisagem Litorânea de Santa Catarina como Recurso Turístico". IN: YAZIGI, E. CARLOS, Ana Fani.; CRUZ, Rita de Cássia. (org). Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. Ed. Hucitec, SP. São Paulo. 1996.

\_\_\_\_\_, A análise de indicadores da qualidade visual como etapa da caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação no distrito-sede de Porto Belo-SC. Turismo. Visão e Ação, Paraná, volume 7, n.3, p.417 -426, set/dez.2005

PIRES, F.R.M. e HEILBRON, M.L. (1989) Estruturação e estratigrafia dos gnaisses do Rio de Janeiro, RJ. In: Simpósio de Geologia do Sudeste, 1. Rio de Janeiro. Boletim de BG. p.149-150.

POLLETE, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. REVISTA TURISMO: VISÃO E AÇÃO, Itajaí, Santa Catarina, v.2, n.3, p.83-94, abr/set.1999.

PUNTER, J.V. Landscap aesthetics: a síntesis, and critique. In: GOLD, J.R. and BURGESS, J. Valued Environments. Londres: Allen & Unwin, 1982, p.100-123.

ROUGERIE, Gabriel. Geografia da Paisagem. São Paulo. Ed. Difusão Européia do Livro, 1 ed.,1971. 129 p.

ROSS, JURANDYR L.S., Geomorfologia-Ambiente e Planejamento, 7 ed. São Paulo, Ed. Contexto, 2003, Coleção Repensando a Geografia.

\_\_\_\_\_, Ecogeografia do Brasil-Subsidios para o Planejamento Ambiental,São Paulo, ed. Oficina dos Textos, 2006, 207 p.

SANTOS, Milton; A natureza do espaço; São Paulo; Hucitec; 1997.

SEMADS. 2001. Ambiente das Águas no Estado do Rio de Janeiro,. In W. Weber Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, Projeto PLANÁGUA-SEMADS/GTZ. p. 230

SMALL, C; NICHOLLS, R.J. A global Analysis of Human Settlement in the Coastal Zone. Journal of Coastal Research. Vol 13, pag 132. 2003. Boca Raton, USA.

SMARDON, R.C , Reporto on BLM, Constrast Rating and Recommendations of Development and Implementation of Visual Manegement systems, School of Landscape Architecture. College of Environmental Science and Forestry Syracuse, New York, 1980

SILVA, Márcio B; SILVA, TELMA B.,MONTEIRO, Hevelyn da Silva., Geomorfologia como base para valiação de potenciais turísticos no estado do Rio de Janeiro. IN XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2003. ANAIS DO XI SBGFA . Rio de Janeiro. UERJ,2003.

SILVA, L.G.E., NAVA, D.B., HEILBRON, M e VALERIANO, C.M; Geologia de detalhe da Serra da Carioca, Cidade do Rio de Janeiro, RJ. Atas II Simpósio de Geologia do Sudeste, São Paulo, SBG, 1991., p.161-169.

SODRÉ, U. N. O verão e os problemas do turismo litorâneo. Revista Turismo, Vol 1, n.º 1, 2001.

SUMMERFIELD, Michael, A. Global Geomorphology, London, 3 ed., ed. Longman Group, 1994, 530 p.

TRANJAM, Cristina Granafanasi. O processo de ocupação e mudança no uso do solo: O Bairro da Lagoa no Rio de Janeiro. 1997.243f. Dissertação ( Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Setembro de 1997.

TRICART, J. Principes et méthodes de la géomorphologie. Paris: Masson, 1965.

TROLL, C., Landscape Ecology (geoecology) and biogeoecology – a terminological study. Geoforum, v.8, n.1, p.43-46,1971.

TUAN, Yi-Fu. TOPOFILIA: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo, Ed. Difel.1983

VERSTAPPEN, H. T. Applied Geomorphology: Geomorphological Surveys for Environment. Amsterdam, Elsevier, 1983.

WASCHER, D.M., MUGICA, M., GULINK, H.,1999. Establishing targets to assess agricultural impacts on European landscapes. In: Environmental Indicators and Agricultural Policy (Eds. F. Brouwer and B. Crabtree), CABI Publishing, Wallingford, p.73 – 87.

ZONNEVELD, J.I.S., Land Evaluation in Landscape Science. Enschede, ITC TEXTbook of Photointerpretation, ITC, 1979.

## ANEXO 1



Questionário

Nº \_\_\_\_\_

Cenário \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Horário \_\_\_\_\_ Condição da observação \_\_\_\_\_

Dados do entrevistado

I- Faixa etária

\_\_\_\_\_ 0- 20 anos

\_\_\_\_\_ 41- 50 anos

\_\_\_\_\_ 21 -30 anos

\_\_\_\_\_ mais de 50 anos

\_\_\_\_\_ 31 -40 anos

II- Procedência

Município do RJ \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_

Outro Município \_\_\_\_\_

País \_\_\_\_\_

III- Grau de Escolaridade

\_\_\_ Ensino Fundamental incompleto

\_\_\_ Superior incompleto

\_\_\_ Ensino Fundamenta incompleto

\_\_\_ Superior completo

\_\_\_ Ensino Médio incompleto

\_\_\_ Pós- Graduado

\_\_\_ Ensino Médio completo

IV- Por que você esta aqui ?

---

---

V- O que mais chama a sua atenção na observação do local ?

---

---

VI- Dentre os aspectos citados abaixo, destaque qual chama mais atenção :

Montanhas e seu formato	
Interferência humana	
Lagoa	



VII – Este conjunto para você pode ser descrito como algo :

Agradável	
Desagradável	

VIII- Dessas duas fotografias, qual você acha que possui o maior apelo visual?

Fotografia 1 – Cenário Parque Tom Jobim	
Fotografia 2 – Cenário Parque do Cantagalo	

Observações do entrevistado

---

---

Observações do pesquisador

---

---

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)